

MESTRADO EM TRADUÇÃO E SERVIÇOS LINGÜÍSTICOS

Relatório de estágio na Escola Superior de Enfermagem do Porto:

**Uma reflexão incidente na influência da aquisição de
conhecimento sobre um texto e a sobre a sua temática**

Rodrigo Ferreira Reis Marques de Queirós

M

2024



Rodrigo Ferreira Reis Marques de Queirós

Relatório de estágio na Escola Superior de Enfermagem do Porto:

Uma reflexão sobre o processo de aquisição de conhecimento sobre um texto e a sua área temática

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos,
orientada pelo Professor Doutor Thomas Juan Carlos Hüsgen

e pela Professora Doutora Maria Joana de Sousa Pinto Guimarães de Castro Mendonça

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Porto, XX setembro de 2024

Dedico este relatório à minha avó Júlia, que pelos seus atos me mostrava o valor da gentileza e do carinho, ao meu avó Fernando, para quem todo o cuidado era pouco quando da família se tratava, à minha avó Cristiana, pela fé que tinha em mim pelos dois, e em especial ao meu avô Bernardo, que ainda me tenta ensinar, atualmente com mais sucesso, o valor do trabalho árduo e da dedicação, e que espero que fique com orgulho que chegue pelos outros todos. Obrigado por tudo.

Rodrigo Queirós

Conteúdo

Declaração de honra	6
Agradecimentos	7
Resumo	9
Abstract.....	10
Índice de figuras	11
Índice de tabelas	12
Lista de abreviaturas e siglas	13
Introdução	14
1. Descrição do estágio	16
1.1. Método de trabalho e ferramentas utilizadas	25
2. O papel do tradutor e o que o guia	29
2.1. Análise ao projeto 2 (P2) segundo um modelo de análise textual orientada para tradução.....	33
3. Tradução médica	54
3.1. História da tradução médica e científica.....	54
3.2. Especificidades da Tradução Médica	59
3.3. O papel da compreensão textual na tradução e os seus mecanismos cognitivos	69
3.4. Terminologia Médica e uma Linguagem Especializada	78
4. DPOC.....	87
4.1. Análise textual do P1 utilizando o modelo de Christiane Nord	87
4.2. Estratégias de compreensão textual	98
4.3. Pesquisa terminológica e estratégias	102
5. Conclusão	109
Bibliografia	117

Anexo I - Guião de perguntas feitas durante entrevista ao autor dos textos traduzidos durante Projeto DPOC	123
Anexo II – Glossário do Projeto DPOC.....	124

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (textos, trabalhos, ideias) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição de autoria e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Declaro, ainda, que não utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (chatbots baseados em grandes modelos de linguagem) para realização de parte(s) do presente relatório.

Porto, 2024

Rodrigo Ferreira Reis Marques de Queirós

Agradecimentos

A minha formação no Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e mais diretamente, a realização deste relatório de estágio, foram marcadas tanto por docentes como por colegas, família e amigos, e seria uma enorme falha da minha parte não lhes agradecer esse impacto positivo no meu percurso de vida.

Começo por agradecer, com especial carinho, ao meu avô, aos meus pais, tios e ao meu irmão João e à minha prima Maria pelo apoio constante que me deram, os primeiros desde que nasci, os últimos desde que nasceram. Sem eles não teria atingido nem metade daquilo que atingi. Destaco, para além destes, o Pedro e os meus restantes primos e primas, com os quais fui ao longo dos anos partilhando a minha vida pessoal e académica.

Agradeço também profundamente ao Professor Thomas Juan Carlos Hüsgen e à Professora Maria Joana de Sousa Pinto Guimarães de Castro Mendonça, tanto pela formação que se esforçaram por me dar durante o curso, como pela paciência e compreensão que demonstraram ao longo de todo o processo de escrita deste relatório, algo que considero ter sido integral ao seu sucesso. Agradeço particularmente que, ao serem enfrentados com os problemas causados pelas “peculiaridades” do meu método de trabalho e de gestão de tempo, não terem desistido de mim, e me terem ajudado a encontrar soluções para eles. Agradeço à Doutora Maria do Amparo Leal Sousa Alves pela mentoria e apoio que me deu, durante o período de estágio e fora dele.

Reservo também um obrigado especial à Sofia, pelas horas de uma vida atarefada que generosamente despendeu em conversas e revisões, absolutamente essenciais à entrega quase-atempada deste relatório, e ao Diogo, pela pequena percentagem de muitas sessões de trabalho em que conseguiu não falar durante mais de 15 minutos.

Devo também referir que o meu percurso académico, até à data, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto foi dotado de uma longevidade que alguns considerariam excessiva. O benefício dessa longevidade foi a possibilidade de conhecer um grande número de amigos que levo para a vida, e de fazer parte de vários grupos, formais e informais, de atividades extracurriculares que me preencheram o tempo em

que devia ter estado a estudar. Agradeço então a essa hoste de pensadores, académicos e associações, que passo a nomear. Entre eles destaco com carinho o Rui Saraiva, pelas horas de conversa, conselhos e amizade, e pela excelente escolha de companheira, e o Francisco Iglesias, sempre o primeiro a saltar de cabeça comigo, e o último a sair. À Carolina, que esteve sempre aqui comigo. Aos meus Brunos e ao Diogo, pelo péssimo gosto. Ao Jack, pelos anos de apoio incondicional. Ao Manel, que adiou a reforma para ser meu colega. Ao Mário, ao Gonçalo, ao Vilaça e ao Dux, pelo papel que tiveram em sermos expulsos de casa do João Luís. Ao João Luís, pelo mesmo motivo. Aos Marcos e ao Eduardo por me terem recebido onde fui feliz, e ao último ainda pela companhia que me fez no Louisiana. Ao António, pelas noites em branco e porque que me apresentou a quem mais importa. Ao André e ao Tiago, pelas cartas e pelos dados. Ao Pi, ao Coelho, ao António e aos Costeiras, pelas viagens e aventuras. Ao Sr. Melo e ao João Ramos por outras tantas. Ao Gustavo R. P., pela motivação. Ao grupo informal de horticultura e jardinagem da FLUP, que me encheu, e bem, os dias. Um especial obrigado também ao C.U.C.A, e a todos os seus membros que ficaram por referir, que mesmo sendo a maior causa do tempo que passei na faculdade, não trocaria por nada.

E obrigado a ti, Sara, por tantas coisas que nem cinco anos a estudar filosofia, e outros tantos a estudar ciências da linguagem, me deram capacidade de descrever.

Resumo

Este relatório, realizado no âmbito do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tem como objetivo a descrição e a análise do trabalho de tradução realizado pelo autor durante o período de estágio curricular na Escola Superior de Enfermagem do Porto (ESEP), mais especificamente no Serviço de Gestão da Produção e Divulgação do Conhecimento (SGC). O fulcro do trabalho realizado durante o período do estágio consistiu na tradução de um projeto de larga escala sobre cuidados de saúde de pacientes com Doença Pulmonar Obstrutiva Crónica (DPOC), com a exceção de um conjunto de traduções de menor extensão que consistiram numa descrição da ESEP, que teriam de ser entregues a uma organização europeia cujo nome não foi especificado aos estagiários. A realização deste projeto recaiu sobre o SGC, e desviou todos os recursos humanos disponíveis devido ao seu curto prazo de entrega. Na primeira parte do relatório, será feita uma descrição do local do estágio, da instituição, das instalações, regime de trabalho, acompanhamento e ferramentas utilizadas, assim como uma breve descrição do trabalho realizado. Seguidamente, será feito um enquadramento teórico, que permitirá uma análise mais aprofundada dos problemas e soluções encontrados durante o trabalho realizado no estágio, fazendo uso de exemplos de dois projetos. Além disso, também abordámos métodos e técnicas utilizadas, e ainda discorreremos acerca de alguns entraves e/ou constrangimentos sentidos durante o período e processo de estágio e respetivo exercício de funções enquanto tradutores.

Palavras-chave: tradução médica, compreensão textual, análise textual mecanismos cognitivos, pesquisa terminológica

Abstract

This report, written for the purpose of obtaining the master's degree in Translation and Language Services at the Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto, aims to describe and analyse the translation work carried out by the author during his internship at the Porto School of Nursing (ESEP), more specifically at the *Serviço de Gestão da Produção e Divulgação do Conhecimento* [Knowledge Production and Dissemination Management Service] (SGC). The core of the work carried out during the internship period consisted in the translation of a large-scale project, whose theme was the healthcare of patients with Chronic Obstructive Pulmonary Disease (COPD), with the exception of a set of smaller translations consisting of a description of the ESEP, which had to be delivered to an European organisation, that remained nameless. This project fell to the SGC and diverted all available human resources due to its short deadline. The first part of the report describes the location of the internship, the institution, the facilities, the working regime, the supervision and the tools used, as well as a brief description of the work carried out. This will be followed by a theoretical framework, which will allow us to analyse in greater depth the problems and solutions encountered during the work carried out during the internship, using examples from two projects we presented and carried out. We will also look at the methods and techniques used and discuss some of the obstacles and/or constraints experienced during the internship period and process, as well as our work as translators.

Key words: Key words: medical translation, reading comprehension, cognitive mechanisms, text analysis, terminological research

Índice de figuras

FIGURA 1: TRADUÇÃO POR NMT DE SEGMENTO RETIRADO DO P1	26
FIGURA 2: REPRESENTAÇÃO VISUAL DO PROCESSO DE TRADUÇÃO	30
FIGURA 3: SEGMENTO TIRADO DO PROJETO REFERENTE AO P2	36
FIGURA 4: SEGMENTO TIRADO DO PROJETO REFERENTE AO P2	38
FIGURA 5: DIFERENTES TIPOS DE TRADUÇÃO INSTRUMENTAL	46
FIGURA 6: SEGMENTOS RETIRADOS DO PROJETO REFERENTE AO P2	49
FIGURA 7: SEGMENTOS RETIRADOS DO PROJETO REFERENTE AO P2	52
FIGURA 8: TABELA DE RESULTADOS	58
FIGURA 9: REPRESENTAÇÃO TRASEIRA DE PULMÕES COM LEGENDA DOS SEGMENTOS BRONCOPULMONARES	63
FIGURA 10: SEGMENTOS RETIRADOS DO PROJETO REFERENTE AO P1	63
FIGURA 11: TABELA DE PRIORIDADES ÉTICAS POR GÊNERO TEXTUAL	65
FIGURA 12: REPRESENTAÇÃO DO MODELO CIRCULAR DO PROCESSO DE TRADUÇÃO	74
FIGURA 13: REPRESENTAÇÃO DA INTERCEÇÃO DE ELEMENTOS ENTRE DIFERENTES TIPOS DE LINGUAGEM	79
FIGURA 14: TRECHO DE TEXTO PERTENCENTE AO P1	90
FIGURA 15: TRECHO DE TEXTO PERTENCENTE AO P1	92
FIGURA 16: TRECHO DE TEXTO PERTENCENTE AO P1	93
FIGURA 17: EXEMPLO DE TRECHO DE NOC	96
FIGURA 18: EXEMPLO DE TRECHO DE NOC	96
FIGURA 19: EXEMPLO DO TIPO DE IMAGENS UTILIZADOS EM NOC	97
FIGURA 20: DIRETRIZES DE TRADUÇÃO NA CONVERSA UTILIZADA PARA O P1	105
FIGURA 21: PERGUNTA BEM-SUCEDIDA RELATIVA A TERMO PRESENTE NO P1	106
FIGURA 22: RESPOSTA DO PROGRAMA QUANDO NÃO CONSEGUE ENCONTRAR O TERMO	107
FIGURA 23: EXEMPLO DE CORREÇÃO ATIVA	108

Índice de tabelas

TABELA 1: TABELA SÍNTESE DOS ASPETOS EXTRATEXTUAIS PROPOSTOS POR NORD E ALBIR	23
TABELA 2: TABELA SÍNTESE DAS DATAS DE PUBLICAÇÃO DOS TEXTOS REFERENTES A TRADUÇÕES TÉCNICAS E CIENTÍFICAS	58

Lista de abreviaturas e siglas

DPOC - Doença Pulmonar Obstrutiva Crónica

ESEP - Escola Superior de Enfermagem do Porto

NOC – Normas de orientação clínica

P1 – Projeto 1/ Projeto DPOC

P2 – Projeto 2

SGC - Serviço de Gestão da Produção e Divulgação do conhecimento

Introdução

O presente relatório tem como objetivo geral avaliar a influência que o conhecimento sobre um texto, a forma como o compreendemos, a sua área temática, e o conjunto de subcódigos que nele são utilizados têm no processo de tradução. Para tal será feita uma análise detalhada ao processo de tradução referente aos projetos realizados durante o período de estágio curricular do autor no Serviço de Gestão da Produção e Divulgação do conhecimento, departamento responsável pela produção e publicação de textos dentro da Escola Superior de Enfermagem do Porto. Durante este período de estágio foram realizados dois projetos, um de grande dimensão, que consistia na tradução de textos com características semelhantes ao género textual conhecido como Normas de Orientação Clínica (*Clinical Guidelines*), e um segundo projeto de menor dimensão, que consistia na tradução de um grupo de textos do género textual Autoavaliação Institucional (*Institutional Self-Assessment*, ou *Institutional Self-Evaluation*). Por motivos explorados no relatório, foi dada mais atenção e um maior relevo ao primeiro projeto referido, o mais extenso e referente a Normas de Orientação Clínica, sendo o outro projeto relegado para segundo plano. Para além disto, tendo em conta o objetivo proposto para este relatório, incidente especificamente na análise de problemas e especificidades do processo de tradução, não será analisado de forma relevante o produto final deste processo, entenda-se, os textos de chegada resultantes do processo de tradução. Esta decisão foi tomada conscientemente, de maneira a facilitar uma análise mais aprofundada dos pontos centrais deste relatório. Os elementos centrais que nos propomos a explorar são o processo de análise textual orientada para a tradução, proposto por Nord (2005), e os efeitos que esta análise teve, ou poderia ter tido, na tomada de decisões do processo de tradução

Dentro das várias opções de fatores a analisar no processo de tradução, três foram decididos como sendo o foco deste relatório, sendo o primeiro as características do modelo de análise textual orientada para tradução apresentado por Nord (2005), o segundo, os mecanismos cognitivos de compreensão textual, e o terceiro as especificidades de linguagens técnicas. Os últimos dois pontos estarão incluídos numa exploração sobre as especificidades da tradução médica. Especificando então o escopo da investigação feita neste relatório:

Procurar-se-á expor de que maneira uma análise textual ao texto de partida afetou, ou poderia ter afetado, o processo de tradução de ambos os projetos;

Será explorada quais os mecanismos cognitivos de compreensão textual, e de que forma a consciência dos mesmos e dos seus processos afeta o processo de tradução, com uma incidência prática na descrição de estratégias utilizadas para a compreensão dos textos do estágio;

Procurar-se-á explorar o conceito de linguagem especializada, afirmar que a comunicação na área da medicina é feita através daquilo que se considera uma linguagem especializada, de que maneira isto afetou, ou afeta, o processo de tradução, procurando especificar os problemas de cariz terminológico relativos à tradução deste tipo de linguagem encontrados no decorrer do estágio, e as estratégias que foram utilizadas para os abordar.

Estabelecidos os objetivos da investigação, passa-se agora à estrutura do relatório, que está dividido em três capítulos. O primeiro incide sobre o estágio em si, começando com uma breve descrição da ESEP e do SGC, seguida de uma exposição das especificidades do processo de estágio, e de uma descrição preliminar dos projetos realizados, pontuada por uma introdução leve à visão funcionalista da tradução e ao modelo de análise textual desenvolvido por Nord (2005). Este capítulo desdobra-se num subcapítulo em que se expõe sucintamente o método de trabalho e as ferramentas que foram utilizadas.

O segundo capítulo trata da temática do tradutor e o seu papel no processo de tradução. Usando Nord (2007) como base teórica, olha-se para a tradução como um ato comunicativo e explicitam-se os seus participantes e os papéis que estes podem ocupar, sendo dado um enfoque ao tradutor. A este ponto segue-se uma exposição da teoria de Vermeer (1996), que concede uma tradução orientada para o *Skopos* do ato de traduzir, sendo depois apresentada a expansão de Nord (2007) sobre esta visão de tradução. Num subcapítulo, é ainda apresentado o modelo de análise textual orientado para a tradução referido já no primeiro capítulo, sendo este usado paralelamente para uma análise das características textuais do Projeto 2, sendo esta a única análise prática incidente neste projeto.

Posteriormente, o terceiro capítulo aborda a tradução médica. Dividindo-se de início em subcapítulos, o primeiro começa com uma análise socio-histórica da prática da tradução médica e científica, enquanto o segundo trata de uma enumeração e descrição das suas especificidades, baseada na obra de Montalt & González-Davies (2007). Este segundo subcapítulo desdobra-se em mais dois. O primeiro trata dos mecanismos cognitivos de compreensão textual, enveredando numa fase inicial por considerações sobre a versatilidade como característica de um bom tradutor, seguidas da exposição do modelo de tradução circular de Nord (2005), chegando só aí aos mecanismos cognitivos de compreensão textual e ainda a uma caracterização dos diferentes tipos de entendedor, segundo Wade (1990). O segundo bebe inicialmente de Faber *et al.* (2012) e Cabré (1999) para descrever a linguagem utilizada na comunicação médica como sendo uma linguagem especializada, seguindo depois a caracterização de Montalt & González-Davies (2007) dos diferentes problemas terminológicos que podem ser encontrados na tradução médica.

O último capítulo está dividido em quatro partes, e trata aprofundadamente do P1, sendo a primeira constituída pela análise deste projeto segundo o modelo de Nord. A parte seguinte apresenta o conceito de metacognição, de Favell (1979), tentando enquadrar os mecanismos cognitivos explorados no capítulo com estratégias de leitura e compreensão textual. O terceiro subcapítulo aborda as estratégias utilizadas para a resolução de problemas terminológicos durante o projeto, com um foco especial na utilização do programa ChatGPT.

Por último, numa breve conclusão, será feita uma avaliação geral aos temas do relatório, será dada uma opinião mais pessoal do processo de estágio, do trabalho realizado, das dificuldades encontradas e dos benefícios que este teve, terminando com uma reflexão sobre as questões que nos propusemos a explorar, e uma menção aos motivos que levaram à escolha dos temas do atual relatório. Esta conclusão será encerrada com uma retoma ao objetivo geral do relatório.

1. Descrição do estágio

A Escola Superior de Enfermagem do Porto, ou ESEP é, sucintamente, uma instituição de ensino superior que oferece formação na área da saúde. Historicamente,

a ESEP nasce na sua forma atual a 1 de janeiro de 2007, data em que se fundem três escolas superiores de enfermagem da cidade do Porto, nomeadamente as Escolas Superiores de Enfermagem de D. Ana Guedes, Cidade do Porto e São João (ESEP, n.d.). A Escola Superior de Enfermagem do Porto é, conforme está descrita na sua página oficial, uma instituição de ensino superior pública não integrada de ensino superior politécnico (ESEP, n.d.-b). Tem como propósito formar profissionais de saúde na área da enfermagem, afirmando como objetivos institucionais ser uma referência de excelência no processo de ensino, no desenvolvimento de competências específicas da enfermagem e na inovação de modelos assistenciais (ESEP, n.d. b). A missão autoproposta da ESEP é proporcionar ciclos de estudos e outros programas de formação orientados para o desenvolvimento de competências em enfermagem, tendo como objetivo paralelo a promoção de investigação e programas que desenvolvam novo conhecimento e avanços na área da saúde (ESEP, n.d. b).

Dentro da ESEP, o Serviço de Gestão da Produção e Divulgação do Conhecimento (SGC), é a entidade que garante a gestão da produção e promoção conhecimento, com o objetivo da transferência do mesmo, agindo também no âmbito da preservação e recolha de informação, da disseminação do conhecimento e da imagem da ESEP (Regulamento n.º 811/2019, 2019). Estão descritas como algumas das responsabilidades ao cargo do SGC tarefas tais como: apoiar a apresentação das candidaturas a projetos ou programas de financiamento; assegurar a gestão administrativa e financeira dos projetos ou programas em execução; elaborar, gerir e monitorizar os planos de gestão de conhecimento, de comunicação e de marketing da ESEP; apoiar a publicação do conhecimento produzido; assegurar a disponibilidade e a divulgação dos recursos bibliográficos e informativos existentes; gerir e produzir conteúdos de informação interna e externa, entre outros (Regulamento n.º 811/2019, 2019). Em termos relevantes para este relatório, passa pela SGC todos os comunicados ou publicações que a ESEP tem intenção de propagar pela comunidade internacional, sendo dentro deste departamento que estão empregados, na sua capacidade profissional, os tradutores e revisores da instituição.

O processo de obtenção do estágio foi marcado por um começo tardio. Começou por uma tentativa de especialização num ramo diferente da tradução, mais

especificamente a localização de jogos de vídeo. Para além disso, era imperativo que o estágio fosse remunerado ou que o horário fosse compatível com a continuação de uma atividade laboral regular. Esta condicionante, aliada ao desejo de trabalhar exclusivamente dentro dos trâmites de uma área específica, levou a uma oferta reduzida de locais de estágio adequados. Esta primeira procura acabou por ser não só demorada, mas também infrutífera. Sendo impossível prescindir das exigências relativas à continuação da atividade laboral, foi necessário mudar o foco para uma área diferente da profissão. A tradução médica mostrou-se uma alternativa de interesse, não só devido a uma curiosidade académica pela área científica da medicina, mas principalmente por um desejo intimamente pessoal de absorver informação sobre o cuidado de doentes no quotidiano. A par disto, somou-se o gosto e o interesse em enveredar por uma área de atuação no campo da tradução que se assume deveras desafiante, mais concretamente a tradução científica. Isto tornou o contacto com instituições de ensino de enfermagem uma escolha óbvia.

Uma segunda procura por um local de estágio, agora com novos parâmetros, foi bem-sucedida. Ao entrar em contacto com a ESEP, a primeira escolha dentro dos novos parâmetros estabelecidos, rapidamente foi recebida uma resposta positiva. Foram então discutidos os termos em que seria feito o estágio.

Os primeiros eixos de atuação a serem estabelecidos foram o horário e o regime laboral. O estágio teria uma duração de 375 horas, divididas em semanas de 20 horas, idealmente a serem distribuídas de forma igualitária, ou sejam, 4 horas por cada dia útil, ao longo de 4 meses, entre março e junho de 2023. Foi estabelecido um regime híbrido de trabalho, tendo ficado fundado que haveria liberdade na escolha de dia para dia se o trabalho seria realizado remotamente ou presencialmente, sendo apenas estipulada a realização de uma reunião semanal com a orientadora de estágio, a Dr^a Maria do Amparo. Esta liberdade de horários só foi possível devido à natureza particular do projeto de estágio, que será explicada adiante, e devido ao fluxo de trabalho que, embora oficialmente medido em horas de concretização, oficiosamente passou rapidamente a ser mensurado por metas, à semelhança de um trabalho enquanto tradutor *freelancer*.

As vantagens deste sistema, absolutamente essenciais para o equilíbrio da vida académica e laboral, vieram contrabalançadas com desvantagens noutras áreas do estágio. A principal foi a falta de acesso a licenças de *CAT-Tools*. As licenças disponíveis para uso dos membros do SGC estavam associadas a computadores localizados dentro do departamento, o que forçou à compra de uma licença pessoal do produto. Esta é considerada a principal desvantagem pois, embora a solução tenha sido simples, foi altamente dispendiosa. Outra desvantagem foi não ser possível ter acesso imediato ao apoio de colegas ou supervisores, o que resultava numa dificuldade acrescida em esclarecer dúvidas e resolver problemas. Contudo, podemos mencionar que este aspeto foi, em certa medida, colmatado pela disponibilidade constante e incansável da Dr^a Maria do Amparo, a principal fonte de esclarecimentos e de soluções durante todo o processo de estágio. Por último, uma desvantagem clara deste sistema, foi também aquilo que o tornou atrativo em primeira instância. A falta de estabilidade de horários, embora necessária no contexto do estágio e do ponto de vista organizacional, abriu as portas à falta de disciplina e má gestão de tempo. Para combater isto, houve uma autoimposição de, sempre que possível, cumprir as 4 horas diárias, de preferência sequencialmente, num horário entre as 9:00 (nove da manhã) e as 18:00 (seis da tarde). Esta estratégia foi bem-sucedida, tendo facilitado a criação de uma rotina saudável de trabalho. Para além disso, teve também o efeito de alinhar as horas de trabalho com o horário da Dr^a Maria do Amparo, o que ajudou à colmatação do problema anterior.

Note-se que, mesmo não tendo havido uma medição quantificável das horas trabalhadas ao longo dos 4 meses de estágio, estima-se que, entre o processo de pesquisa, a realização da tradução em si e análise das revisões, possam até ter sido excedidas as 375 horas. Na exposição que se segue dos projetos realizados, esta afirmação será explicada em maior detalhe.

Ao aceitar o estágio, foi referido que o trabalho a realizar, nos seus conteúdos e forma, seria diferente daquilo que é habitual para um estagiário de tradução na ESEP, algo que se pôde verificar mais tarde com uma análise de relatórios de antigos estagiários (Oliveira, 2020; Garcez, 2021).

Acontece que tinha recaído sobre o SGC a responsabilidade de traduzir um projeto de grande escala e de elevada importância institucional. O projeto consistia na

tradução integral e preparação para publicação internacional, de um conjunto de orientações clínicas, da autoria do Professor Coordenador da ESEP José Miguel Padilha, sobre o tratamento e prevenção de DPOC.

Foi explicado que este compêndio de textos seria a mais completa coleção de orientações clínicas sobre DPOC até à data, cobrindo todas as facetas da prática de enfermagem no que toca ao cuidado de pacientes portadores da doença, tendo uma variedade de tópicos que ia da medicação e equipamentos necessários ao bem cuidar de pacientes, à prestação de cuidados paliativos a doentes em estado terminal. A sua publicação seria, por isso, não só um enorme feito a nível institucional, mas também um serviço à comunidade médica e a todas as pessoas que padecem atualmente da doença, grupo onde se insere aproximadamente 15% da população mundial (Varmaghani *et al.* 2019).

Ficou claro não só como e porquê diferiria o estágio proposto de outros realizados anteriormente na mesma instituição, mas também o motivo para a admissão tardia e quase imediata de um novo estagiário. Devido à sua dimensão e à sua importância, este projeto seria, à partida, o único projeto que seria realizado durante o período de estágio.

A fatia do projeto na qual se trabalhou, consistia num conjunto de 63 ficheiros, com um total combinado de 59 564 palavras. Fazendo uso da funcionalidade de análise do *Trados Studio*, a *CAT-Tool* utilizada para a realização deste projeto, pode ser observado na tabela do relatório de análise de ficheiros (ver Figura 1) que as palavras foram divididas por 5 810 segmentos. Destes segmentos, 98 foram marcados como repetições, 2 436 foram marcadas como repetições inter-ficheiros, contendo entre eles um total de 17 200 palavras, ou seja, 28,87% do total de palavras do projeto. Uma análise dos documentos permite verificar que a vasta maioria destas repetições advém da bibliografia dos textos, que partilham entre eles muitas das obras utilizadas como referência.

Ficámos com 3 276 segmentos com carácter singular, contendo entre eles 42 364 palavras. Um número assumidamente pequeno de palavras para as horas de estágio previstas, que num fluxo de trabalho constante, equivaleria à tradução de (aproximadamente) 113 palavras por hora. No entanto, a leveza da carga de trabalho

mostrou-se ilusória. A complexidade do tema, aliada a uma falta de conhecimento prévio sobre a área, resultou num começo demorado do projeto.

É importante referir que, embora estivesse previsto que o estágio consistiria apenas na realização do projeto supramencionado, a chegada de um segundo projeto, com um prazo curto, ao SGC alterou esse plano. Este segundo projeto consistiu na tradução de um relatório de apresentação e autoavaliação institucional da ESEP. Aquilo que nos foi mencionado, foi que o referido relatório seria apresentado a uma entidade europeia, que ficou por especificar, e que teria como objetivo regular e apresentar na comunidade europeia instituições do ensino superior, tais como a ESEP. Este projeto, começado a 11 de junho de 2023 e terminado a 28 de junho de 2023, foi dividido em três textos, cada um entregue numa data diferente, nos dias 11 de junho de 2023, 14 de junho de 2023 e 26 de junho de 2023. Foi pedido aos tradutores que entregassem cada tradução num período máximo de três dias.

A parte deste projeto em que se trabalhou era composta por 15 173 palavras, divididas entre 623 segmentos (ver Figura 2). O número de palavras estava dividido de forma mais ou menos semelhante por cada um dos três textos, tendo cada um cerca de 5000. Conforme se pode ver na figura 2, o número de palavras apresentado difere do número referido. Isto deve-se ao facto de este projeto ter sido dividido entre várias pessoas, incluindo a Dr^a Maria do Amparo, que amavelmente disponibilizou uma memória de tradução própria, já alimentada com textos do mesmo foro. A forma como o projeto foi criado torna difícil a especificação mais detalhada dos parâmetros, tal como procedemos no projeto anterior, pois não se sabe ao certo quantas das repetições ou *context matches* do relatório apresentado na figura 2 correspondem a partes do projeto em que se trabalhou. O número de palavras referido anteriormente foi conseguido através da ferramenta de contagem de palavras do Microsoft Word, depois de um processo de copiar e colar num documento todos os segmentos desejados.

Outras diferenças marcadas que este segundo projeto apresenta em relação ao anterior são a sua temática e o tipo de texto. Podemos considerar este texto quase como sendo um texto publicitário à instituição, em que a complexidade da terminologia médica é substituída por hipérboles às qualidades da ESEP enquanto estabelecimento de ensino e descrições exaustivas sobre a sua estrutura administrativa, galardões e

oferta educativa. A mudança de área e a carga de trabalho acrescida foram um desafio; desafio este que serviu para testar e cristalizar competências adquiridas enquanto profissional, assim como métodos de trabalho.

As línguas de trabalho dos projetos foram o português e o inglês, estando o texto de partida de ambos os projetos escritos em português. Trabalhar da língua materna para uma outra língua foi um desafio acrescido, mas que serviu para desenvolver competências linguísticas relativas ao inglês, tais como uma expansão do vocabulário do autor, tendo por isso sido uma experiência positiva.

As diferenças entre ambos os projetos são acentuadas quando os textos que os compõem são analisados sob uma ótica funcionalista. Isto será explorado mais profundamente nos capítulos seguintes deste relatório, mas que se considera importante referir, ainda que superficialmente, nesta secção dedicada à descrição dos projetos.

Na tradução de um qualquer texto ou ato de fala (Hörster, 1999), é necessário acima de tudo encontrar o *Skopos* deste ato, o propósito comunicativo que este pretende cumprir. Se retomarmos a linha de pensamento anterior, onde referimos o papel das abordagens funcionalistas, podemos enunciar os contributos de Hörster (1999). Hörster (1999) destaca ser, na prática, impossível traduzir algo sem ter em consideração a situação comunicativa em que o texto traduzido vai atuar. Na sua ótica,

“Não se traduzem palavras, nem frases, nem sequer textos, mas textos inseridos em situações comunicativas bem determinadas. Enunciados sintática e morfologicamente tão simples como "I'm tired" são verdadeiramente impossíveis de traduzir. Só quando conheço a situação comunicativa concreta eu posso identificar o referente de "I" e só então eu sei qual o género gramatical a atribuir ao adjectivo em Português, para já não referir que só a identificação desse referente e do seu perfil sociocultural, do seu estado de espírito no momento em que produz esse enunciado, a imagem que esse referente forma do interlocutor a quem está a dirigir-se, a intenção do seu acto de fala, me orientam na opção - a que sou forçada - ao escolher entre alguns termos mais ou menos sinónimos à minha disposição, como por ex. "cansado" ou "fatigado", entre outros.” (Hörster, 1999, p. 33)

A este respeito, a autora enuncia como “problemas” da tradução a questão das metáforas e dos provérbios que, por essência, tendem a ser considerados no abstrato e que, de acordo com algumas metodologias de tradução, são traduzidos de forma automática ou em exclusiva articulação com o texto de partida, ou seja, sem se ter em

consideração a função do translato e demais situações divergentes relacionadas ao ato comunicativo que se quer cumprir.

Concomitantemente, Hurtado Albir (2001) define a tradução como sendo um processo interpretativo e comunicativo que, por seu turno, consiste na reformulação de um texto com os meios de uma língua que se desenvolve no escopo de um contexto social e que possui uma finalidade específica. Assim, a tradução é, ela própria, um ato de comunicação, uma operação textual e uma atividade cognitiva (Bevilacqua, 2018). Logo, durante todos os atos comunicativos, é importante transmitir intenções comunicativas mais do que as formas ou estruturas linguísticas. Tal como Nord (1991) – como veremos adiante –, Albir (2001) crê que a finalidade da tradução pode mudar em função da encomenda de tradução ou em relação ao público a que será dirigida e, desse modo, devem ser considerados todos os mecanismos de funcionamento textual (elementos de coerência, coesão, gêneros textuais, etc.), considerando que os mesmos também diferem entre idiomas e línguas (Albir, 2001).

Tal como Nord (1991), Albir (2001) também criou um modelo de aquisição de competências de tradução, definido como “sistema subjacente de conhecimentos, habilidades, destrezas e atitudes necessários para traduzir” (Bevilacqua, 2018, p. 444). A autora enuncia a necessidade de aquisição de conhecimentos declarativos (o quê), operacionais (como) e explicativos (para quê). Vejamos abaixo um quadro síntese dos aspectos extratextuais propostos por Nord e Albir (Bevilacqua, 2018, p. 445):

Tabela 1: Tabela síntese dos aspectos extratextuais propostos por Nord e Albir

Nord	Albir
Quem transmite?	Quem?
Para quem?	Para quem?
Através de que meio?	*****
Onde?	Onde?
Quando?	Quando?
Porque transmite o texto?	Aspecto intrínseco, pois a tradução é textual
Com que função?	Em que circunstância?

O modelo de análise de Nord (1991) procura responder a uma necessidade de análise orientada para tradução de um qualquer texto, esta serve, entre outras coisas, para que tradutores possam guiar as suas escolhas durante o processo de tradução do texto através de uma análise holística. Ao analisar um texto, é então importante olhar não só à forma e ao conteúdo, mas também à situação comunicativa em que o texto é ou vai ser apresentado. Uma análise completa, necessária à tomada de decisões informadas no processo de tradução, envolve então não só o escrutínio de fatores intratextuais, mas também o de fatores extratextuais (Nord, 2005, p.41). Sobre a análise de fatores intratextuais, Nord (2005) escreve:

“Fatores intratextuais são analisados ao inquirir sobre o tema de que trata o texto (sobre que tema?), a informação ou conteúdo apresentados no texto (o quê?), as pressuposições sobre conhecimento feitas pelo autor (o que não?), a composição ou construção do texto (de que ordem), os elementos paralinguísticos ou não linguísticos que acompanham o texto (usando que elementos não verbais?), as características lexicais (em que palavras?) e estruturas sintáticas (em que tipo de frases?) encontradas no texto, e as características suprasegmentais de entoação e de prosódia (em que tom?).” (Nord, 2005, p.42, tradução do autor)

Mudando o foco para os fatores extratextuais, cuja análise deve anteceder o processo de tradução, dada a importância que têm na maneira como um tradutor aborda a tradução. Sobre como identificar estes fatores, Nord (2005) escreve que,

“Fatores extratextuais são identificados ao inquirir sobre o autor ou transmissor do texto (quem?), a sua intenção (para quê?), a quem é dirigido o texto (para quem?), por que via ou meio é o texto apresentado (por que meio?), o local (onde?) e a altura (quando?) de produção e transmissão do texto, e o motivo (porquê?) da transmissão. A soma total da informação obtida destes sete fatores extratextuais pode dar resposta à última questão, que se refere ao objetivo do texto (com que objetivo?).” (Nord, 2005, p.42, tradução do autor)

Mesmo uma análise superficial dos projetos, e das descrições deles apresentadas, evidencia um mundo de diferenças em quase todos os pontos apresentados. Estas diferenças e o que elas implicam para o seu processo de tradução serão aprofundadas, conforme foi referido, em capítulos posteriores. Demarcamos por agora as que se consideram como tendo sido as mais marcantes para o processo de

tradução. Dentro de fatores intratextuais, o tema, o conteúdo, e as pressuposições sobre conhecimento revelam-se os fatores de maior importância. Destaca-se o último fator referido, visto que no primeiro projeto, o referente a DPOC, foi uma fonte de desafios. Dentro dos fatores extratextuais, o “para quê”, “para quem”, e o “com que objetivo” apresentaram as diferenças fulcrais que guiaram o processo de tradução de ambos os projetos.

Dentro dos projetos descritos neste capítulo, haverá um foco maior no projeto que se refere a DPOC, não só porque este se adequa mais aos objetivos e pesquisa propostos, mas também porque a natureza e a data de entrega do segundo projeto dificultaram um processo comedido de revisão de resultados.

1.1. Método de trabalho e ferramentas utilizadas

O processo de tradução começou com uma leitura extensiva sobre DPOC, leitura essa que incluiu tanto artigos científicos, destinados a profissionais de saúde, como folhetos informativos, destinados à população geral. Em retrospectiva, a leitura de textos académicos sobre o tema, embora necessária, apresentou resultados aquém dos esperados. Isto deveu-se a uma junção da complexidade dos textos a uma falta de conhecimento médico. Foram então os textos mais acessíveis um frutífero primeiro contacto com o tema do projeto. Os textos especializados, tendo, na sua maioria, sido de utilidade reduzida para a acumulação de conhecimento da área, foram, no entanto, essenciais como exemplos do tipo de linguagem a utilizar. Dentro destes textos especializados, destaca-se como tendo sido de especial importância o capítulo referente ao sistema respiratório do livro *Gray's Anatomy* (Gray, 2013). Este processo de pesquisa, embora começado antes da tradução em si, prolongou-se até ao fim do projeto.

Depois de uma leitura preliminar do material de pesquisa e do texto de partida, foi criado um projeto na *CAT-Tool Trados Studio*, cujas especificidades serão descritas posteriormente, e começou o processo de tradução. Para além de uma memória de tradução criada especificamente para o projeto, foi usado o motor de tradução automática neuronal (NMT) “SDL Language Weaver”, sendo que se pode considerar que uma parte do projeto foi realizada como um processo de pós-edição. Sendo inegável a influência positiva da utilização desta ferramenta na celeridade do processo de tradução,

é importante referir que os resultados apresentados eram muitas vezes pouco naturais, e a qualidade de tradução de termos específicos da área variava bastante. É possível ver o exemplo disto na figura 1, em que uma tradução mais correta que a resultante de NMT seria “bend the knees slightly”.

Figura 1: Tradução por NMT de segmento retirado do P1

Se a pessoa está deitada, elevar a cabeceira, posicionar os joelhos em ligeira flexão, pés apoiados no colchão.	 NMT	If the person is lying, raise the headboard, position the knees in slight bending, feet resting on the mattress.
---	---	--

Fonte: o autor

As primeiras semanas de trabalho foram lentas, tendo havido um período prolongado de adaptação tanto ao tema como à forma do texto. A principal causa disso era o aparecimento regular de novos termos, de significado ainda desconhecido. Isto forçava a uma pesquisa mais ou menos exaustiva, dependendo do termo, e causava atrasos significativos na velocidade de tradução. Destaca-se como um obstáculo inicialmente avassalador o uso constante de acrónimos no texto. Vemos nisto um exemplo de um dos fatores intratextuais referidos por Nord (2005), na medida em que houve uma pressuposição por parte do autor de que um recetor natural do texto, profissionais de saúde e estudantes da área, possuiria já um conhecimento sobre o significado destes acrónimos. Outro ponto de dificuldade inicial eram as especificações do “cliente”, ou seja, as regras específicas impostas pelo SGC. Temos como exemplo destas o pedido de utilizar “he/she” e “his/her” ao invés de “they” e “their”, algo que pode ser considerado uma escolha exclusivamente estilística imposta pelo “cliente”. Uma exploração detalhada destas e de outras dificuldades será feita no terceiro capítulo.

Da descrição que foi feita podemos retirar que os principais obstáculos à tradução foram de natureza terminológica. Para lidar com estes obstáculos, foram desenvolvidas várias estratégias, entre elas criar uma base de dados terminológica bilingue, recorrer a especialistas da área da saúde, implementar um método booleano de pesquisa na internet e usar do programa de inteligência artificial *ChatGPT*. Estas

estratégias, com especial foco na primeira e na última, serão exploradas em maior detalhe no terceiro capítulo.

O desenvolvimento de subterfúgios para lidar com termos desconhecidos, e uma crescente familiaridade com o tipo de texto, com o tema tratado e com as imposições por parte do SGC levaram a um aumento significativo da velocidade de tradução, ainda que tenha sido um processo paulatino. A qualidade das traduções mostrou também melhorias, passando a reunião semanal presencial a ser facultativa. A disponibilidade para levantar dúvidas manteve-se, no entanto, constante.

Conforme foi referido, o segundo projeto surge inesperadamente e com o agravante de um prazo curto para a sua execução. Juntamente com ele vieram novos desafios a superar. O texto científico de carácter educativo do primeiro projeto foi substituído por um texto floreado, bastante complicado de adaptar. A utilidade da tradução automática viu-se afetada. A terminologia científica deu lugar a nomes de instituições, departamentos e cargos administrativos, elementos que nem sempre tinham uma equivalência direta. O tipo de textos deste projeto, completamente diferente do dos textos do primeiro, exigiu uma adaptação rápida.

Não houve tempo de fazer pesquisa preliminar, mas felizmente esta não era tão necessária como no primeiro projeto. A adaptação do tipo de texto era trabalhosa, mas o principal problema encontrado foi a falta de equivalência na língua de chegada de muitos elementos textuais. Pode ser dado o exemplo da “Ordem dos Enfermeiros”, que ao contrário da “Ordem dos Médicos”, não têm uma tradução oficial para inglês. Isto, aliado ao facto de o projeto estar a ser traduzido por múltiplos tradutores, exigiu um cuidado redobrado na revisão, para garantir a consistência da tradução. Dada a ligação íntima do texto à ESEP como instituição, a principal estratégia utilizada para resolução de problemas foi apresentar as dúvidas à Dr^a Maria do Amparo. Esta solução, embora eficiente, e sendo a mais indicada dadas as circunstâncias, carecia do carácter de pesquisa individual que marcou o primeiro projeto, algo que foi desanimador. Estas dificuldades foram sentidas na qualidade da tradução, tendo sido até dada a indicação aos tradutores que participaram no segundo projeto que celeridade seria preferível a qualidade exemplar nas traduções.

Diga-se, no entanto, que com todos os defeitos que o projeto teve, foi uma experiência profissionalizante indispensável. Foi assim possível experienciar um ambiente de trabalho marcado pela pressão de prazos de entrega e de pouco tempo de preparação, algo que é tão comum na vida profissional de um tradutor. O fim do estágio chegou com a entrega deste segundo projeto, e como tal, não houve a possibilidade de uma análise comparativa de resultados tão aprofundada como no primeiro.

Foram referidas várias ferramentas, utilizadas durante a realização dos projetos para auxiliar no processo de tradução. De entre estas ferramentas, pode considerar-se como a mais importante a CAT-Tool Trados Studio, que foi ubíqua durante a realização de ambos os projetos.

O Trados Studio é uma ferramenta que apoia a tradução e que cria um ambiente de trabalho especializado. Separa automaticamente o texto em segmentos que podem depois ser traduzidos dentro do programa, tendo ainda contidas em si diversas funcionalidades que facilitam a prática de tradução. A principal destas funcionalidades é a capacidade de criação, utilização e alimentação de memórias de tradução, que armazenam traduções já feitas de segmentos e as sugerem como possíveis traduções, quando o programa encontra semelhanças no texto.

Dentro da CAT-Tool estão contidos também motores de tradução automática neuronal integrados e um programa de criação de bases de dados terminológicas: o Multiterm. Esta funcionalidade permite a criação de uma base de dados na qual podem ser introduzidas novas entradas à medida que vão surgindo novos termos. Esta base de dados é integrada na memória de tradução quando é criada, e vai sendo alimentada pelo utilizador. O acesso constante a traduções já feitas, bem como a capacidade de armazenar e identificar a tradução de termos, propiciam uma certa consistência na qualidade da tradução, isto porque asseguram que a mesma palavra - ou a mesma frase - são traduzidas sempre da mesma maneira. O motor integrado de tradução automática - o Language Weaver - e a sugestão de traduções retiradas da memória de tradução ajudam a um aumento drástico na produtividade de um tradutor, ao reduzir o número cliques no teclado (*keystrokes*) que um tradutor tem que efetuar.

A outra ferramenta utilizada foi o ChatGPT, um tipo de ferramenta que faz uso de Inteligência Artificial para responder, em formato de texto, a questões ou diretrizes. Esta

ferramenta insere-se dentro da categoria de Modelos de Linguagem de Larga Escala, programas alimentados com grandes quantidades de informação sob a forma de textos, o que lhes permite responder de forma semelhante à de um humano, com informação que o programa considere pertinente à resposta ou à instrução. Sendo indubitavelmente uma ferramenta extremamente poderosa, não deixa de ter os seus defeitos. Para começar, o programa só tem acesso a informação anterior a outubro de 2023, algo que pode ser prejudicial se se pretender informação sobre um tema atual. Paralelamente, e talvez uma dificuldade ou um entrave acrescido, o programa pode dar respostas credíveis com informações falsas ou enviesadas, tornando necessário um processo de confirmação de toda a informação recebida, cruzando-a com outras fontes (*double-check process*), enveredando quase num processo autogerido de *peer review*.

2. O papel do tradutor e o que o guia

A comunicação envolve necessariamente mais do que um interveniente, alguém que comunica e alguém que recebe a mensagem que foi comunicada. No processo de tradução, esta linha direta entre quem comunica e quem recebe passa também pela ação de um tradutor. Autores como Nord (2005) referem que o processo de tradução começa quando um “initiator” (que será referido como iniciador de agora em diante) solicita os serviços de um tradutor para fazer chegar a um “reciever” (que será de agora em diante referido como recetor) uma mensagem que não pode ser transmitida diretamente, devido a uma barreira linguístico-cultural. Paralelamente ao processo de tradução, a mensagem que se está a traduzir está a ser transmitida num processo normal de comunicação.

Nord (2005) apresenta mais dois papéis que os elementos intervenientes podem tomar. O primeiro, é o “text producer”. Embora Nord (2005) refira que o termo “author” possa não ser correto em situações em que o produtor do texto¹ o escreve a mando de outrem, como no caso de *ghost writers*, por simplicidade, e devido à raridade das exceções, passaremos a utilizar o termo “autor” em referência tanto a “text producer” como a “text author” (aquele que produz o texto). Temos ainda referências ao “text

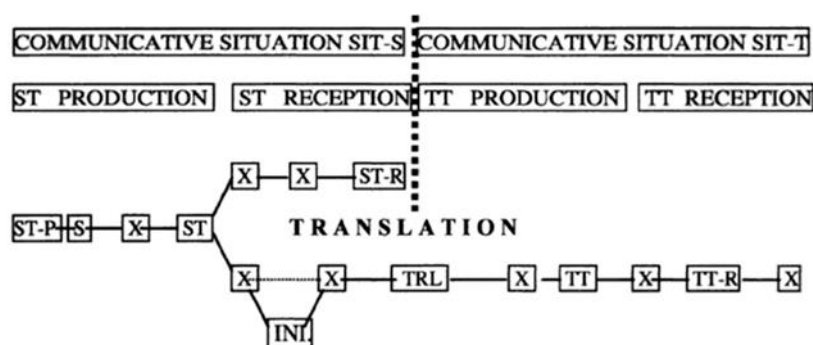
¹ É importante notar que de agora em diante a palavra texto será utilizada não só em referência a atos de comunicação escrita, mas também como sendo referente a atos comunicativos que tomem a forma oral.

sender”, doravante designado por "emissor", que se refere àquele que transmite o texto com o intuito de passar alguma informação. Note-se que, dependendo das circunstâncias, o papel de iniciador pode ser feito pelo recetor, e que o autor e o emissor podem, ou não, coincidir.

É importante notar que os papéis descritos acima são aqueles considerados essenciais, para além deles, pode acontecer que estejam envolvidas partes não essenciais à realização do processo, como por exemplo a participação de revisores ou de editores (Nord, 2005).

Um ato de tradução que envolve a participação de todos os papéis essenciais dá-se quando se inicia a produção de um texto por parte de um autor. Posteriormente, não querendo o autor assumir o papel de emissor, uma outra entidade contactaria um tradutor, e transmitir-lhe-ia um texto de partida, que este usaria para produzir a tradução e transmitir a mensagem para os recetores da cultura de chegada. Esta interação pode ser visualizada na figura 2.

Figura 2: Representação visual do processo de tradução



Retirado de Nord (2005, p.9)

Neste processo, como é possível verificar, o tradutor toma um lugar de especial destaque. Este destaque vem não só da sua posição única enquanto agente do processo de transformação linguística e cultural de um texto de partida num texto de chegada, mas também do facto de ser simultaneamente recetor do texto de partida e produtor e emissor do texto de chegada.

Estabelecido o papel do tradutor no processo de tradução, pode partir-se para uma exploração do que o guia neste processo. Sobre este tema, será explicitada a teoria de Vermeer (1996), que postula uma tradução orientada para o *skopos*. Vermeer formula

a teoria do *Skopos* com base a teoria da ação de Georg Henrik von Wright (Xiaoyan, 2012), que diferencia “ação” como sendo um comportamento que envolve intencionalidade ou propósito por parte de um agente e que, além disso, haja uma manifestação desta intenção e que seja exterior ao processo mental do agente, ou seja, que haja uma alteração no mundo, causada pela ação do agente (Schumann, 2016; Xiaoyan, 2012).

Vermeer (1996) explica que toda a ação tem o seu início num agente, que a faz sempre com algum objetivo, tomando a decisão de como agir com base naquela que considere ser a melhor maneira de atingir o objetivo pretendido dadas as circunstâncias, dizendo depois que toda a tradução é uma ação, e como tal, é gerida pelos mesmos princípios. Conclui-se então que todas as traduções têm um propósito; é esse propósito, que Vermeer designa por *skopos*, e que motiva a tomada de decisões durante o processo de tradução.

É então o *skopos* o propósito de um ato de tradução. O posicionamento do *skopos* como objetivo e força motriz da tomada de decisões vem trazer um novo paradigma à ideia da tradução, até então focada em ideias de equivalência com, ou de fidelidade ao texto de partida ou à intenção do autor, subordinando estes fatores ao *skopos* (Nord, 2005; Xiaoyan, 2012). Vermeer pretende que esta teoria sirva como um ponto de aproximação da teoria à prática, apresentando o *skopos* como um ponto basilar de uma tradução que deixa de estar presa a noções universais daquilo que é tido como certo ou errado, dado que a melhor abordagem a adotar passa a ser decidida por um propósito específico ao ato de tradução que se está a fazer no momento (Xiaoyan, 2012).

É importante referir que segundo Vermeer (1996), o *skopos* é dado pelo tradutor ao ato de tradução, e como tal é uma característica deste ato e não do texto de partida, sendo que o autor distingue o *skopos* de função e de intenção, dizendo que o da função é algo que é atribuído pelo recipiente do ato comunicativo, o da intenção é algo inerente e específico a todos os agentes envolvidos. Para os efeitos do ato de traduzir, isto significa que o *skopos* é a intenção por detrás do ato de tradução, e como tal é também referente ao propósito do texto de chegada (Nord, 2005), e que pode ou não diferir tanto da função que um leitor atribui ao texto, como da intenção do autor do texto de partida. Retirando um exemplo relativo ao segundo projeto realizado durante o estágio, pode-se

considerar que o *skopos* do ato de tradução desse conjunto de textos era traduzir de maneira a não omitir informação, priorizando a celeridade sobre a qualidade geral, de maneira que o texto de chegada ficasse pronto para revisão o mais rápido possível. Tendo este *skopos* como guia de decisões, o processo de tradução foi adaptado, algo que se manifestou, por exemplo, num uso menos cuidado de tradução automática e numa redução do tempo de pesquisa preparatória.

Ao falar da teoria do *skopos*, Nord (2005) postula que o *skopos* por si só não é um critério suficiente para a gestão de decisões no ato de tradução. É possível referir que um ato de tradução acontece sempre enquadrado numa situação comunicativa, situação esta em que o texto de chegada terá um propósito específico, e uma função da qual os recetores do texto de chegada estarão dependentes. É importante notar que a tradução, sendo o processo de produção de um texto que mantém uma relação, delimitada pelo seu *skopos*, com um texto de partida (Nord, 2005, p.32), a existência de um texto de partida é necessária ao processo de tradução.

Estando então os recetores do texto de chegada dependentes do tradutor para receber um texto, e tendo esse texto necessariamente uma ligação com um texto de partida, um tradutor tem uma responsabilidade de verificar se o *skopos* de um texto de chegada é compatível com o do texto de partida, sendo que, ao analisá-lo, acresce a responsabilidade de não representar de forma deliberadamente errónea as intenções do autor (ou emissor), pelo menos em situações em que este esteja associado à transmissão do texto de chegada (Nord, 2005)². À responsabilidade que o tradutor tem tanto para com o autor do texto ou a seu emissor, no caso de o texto ter sido entregue ao tradutor por uma pessoa que não o autor- como com o recetor do texto de chegada, Nord (2005, p.32) chama de “lealdade”.

Quanto à análise e identificação correta da intenção do autor, no ato comunicativo que é uma tradução, o tradutor está posicionado como recetor do texto de partida, e faz elações acerca da função do mesmo, que têm por base a situação comunicativa em que este o recebe. Dado o número infindável de situações

² Note-se que Nord (2005, p.32) refere que a definição de compatibilidade apresenta variações culturais, sendo que a definição apresentada é específica à cultura a que a autora chama “nossa cultura”.

comunicativas possíveis, a função do texto inferida pelo tradutor pode então não se enquadrar no seu propósito.

Segundo Nord (2005), Reiss e Vermeer referem que numa tradução, a função inferida pelo tradutor é apenas uma das várias possíveis, e como tal, a sua tradução é apenas uma tradução desta função, não necessariamente daquela pretendida pelo autor, e apenas de uma das muitas funções que podem ser interpretadas. A tradução de um texto é então vista como uma proposta de informação aos recipientes de um texto de chegada, feita com base da proposta de informação que o tradutor retirou do texto. Para que o tradutor possa saber qual das propostas de informação deve transmitir, Nord (2005) estipula que qualquer tradução deve ser acompanhada por um “translation brief”, um conjunto de instruções estabelecidas pelo emissor, possivelmente em conjunto com o tradutor, que especificam a tarefa de tradução e são apresentadas no momento de entrega do texto de partida. É apenas com a análise destas instruções que um tradutor pode verificar a viabilidade das relações retiradas acerca do texto de partida, estabelecendo assim o *skopos*. Nord (2005) estabelece com base nisto um modelo de tradução, que será analisado adiante.

É então possível dizer que no processo de tradução a tomada de decisões é partilhada pelo *skopos* e do princípio da lealdade, pois embora seja o *skopos* a base das decisões durante a tradução em si, é com base no princípio da lealdade que durante a análise do texto de chegada o tradutor deve decidir se é possível traduzir o texto.

2.1. Análise ao projeto 2 (P2) segundo um modelo de análise textual orientada para tradução

O modelo de análise textual orientada para a tradução proposto por Nord (2005) é criado para preencher um vácuo sentido pela autora, um vácuo nascido de uma falta de modelos de análise específicos à prática da tradução. Segundo Nord (2005), os modelos de análise textual adaptados de outras áreas do saber podem não ser sempre apropriados à prática de tradução, sendo então evidente a necessidade de criar um modelo específico para tradutores.

A autora afirma que um modelo ideal tem de cumprir dois propósitos, primeiro, deve dotar o tradutor de uma compreensão plena do texto de partida ou “explicar as suas estruturas linguísticas e a sua relação com os sistemas e normas da linguagem de partida” (Nord, 2005, p.1); segundo, deve poder servir como base para todas as decisões que um tradutor tome durante o processo de tradução (Nord, 2005). Este segundo objetivo obriga a que o modelo se insira num conceito específico de tradução, sendo que Nord (2005) o cria para que este funcione dentro de um modelo funcional de tradução, que dita que a função que um texto vai desempenhar deve tomar prevalência sobre qualquer noção de equivalência textual durante a tomada de decisões no processo de tradução.

O modelo de uma tradução orientada para o *skopos*, descrito anteriormente, enquadra-se nesta definição. Para além das características já estabelecidas, Nord (2005) refere que, para que este seja útil para todo o tipo de atividades relacionadas com tradução, não deve estar dependente do grau de aptidão do tradutor que o utiliza, e deve ser possível de utilizar para analisar qualquer tipo de texto, independentemente da língua em que está escrito, desde que o utilizador do modelo a domine. É preciso que este seja flexível o suficiente para abranger todo o tipo de situações, mas ao mesmo tempo específico que chegue para que possa ser utilizado como guia de resolução para os problemas de tradução (Nord, 2005).

É necessário que a análise se foque em todos os elementos que podem influenciar a tomada de decisões de um tradutor, e que estes elementos sejam suficientes para descrever todos os tipos de comunicação. Estes elementos, que foram já enumerados no capítulo anterior, serão agora aprofundados e utilizados para uma análise dos textos de partida do segundo projeto realizado durante o período de estágio, passando o conjunto destes a ser referido como P2 de agora em diante. Esta análise tem o propósito duplo de servir não só para uma reflexão sobre as decisões tomadas durante o processo de tradução do P2, mas também como um exemplo de aplicação prática do modelo descrito.

Segundo foi explicitado no capítulo anterior, Nord (2005) divide os fatores que uma análise textual orientada para a tradução deve abordar em dois grupos, fatores intralinguísticos e extralinguísticos. No grupo dos fatores extralinguísticos o primeiro que

deve ser analisado é a emissor do texto departida, o emissor (“sender”) (Nord, 2005, p.47). Este fator corresponde ao conceito de emissor como um dos papéis intervenientes num processo de tradução especificado no subcapítulo anterior, partilhando as suas características. No caso do P2, podemos identificar que a ESEP toma o papel de emissor.

Segue-se a análise da intenção, que Nord (2005, p.53) distingue dos conceitos de função e efeito. Enquanto a intenção (“intention”) é dada a um texto pelo emissor, representando qual o objetivo que o emissor pretende que o texto cumpra, a função (“text function”) é atribuída pelo recetor do texto, é referente ao objetivo que o recetor pretende cumprir com a leitura deste. Por último, Nord (2005, p.53) refere ainda que se deve distinguir estes dois elementos do efeito (“effect”) do texto, que é o resultado efetivo do ato de comunicação, ou seja, o efeito que este tem no recetor do texto, sendo importante notar que o efeito não se conta entre os fatores extratextuais. Idealmente, tanto a função como o efeito, são compatíveis com a intenção por detrás do texto de partida, mas a autora considera que a distinção destes conceitos serve para que estes possam ser tratados como fatores individuais durante uma tradução. Nord (2005) dá uma importância especial à intenção enquanto fator.

Vejamos que a preservação deste elemento está ligada ao conceito de lealdade apresentado no subcapítulo anterior, conceito esse que a autora considera essencial. Outra particularidade deste fator, que o destaca em termos de importância, é o papel central que este tem na estruturação do conteúdo e forma de um texto. Isto leva, consequentemente, a um efeito na função que um recetor do texto lhe atribui, baseado nas expectativas que tenha em relação a textos com características semelhantes. No exemplo do P2, a intenção do texto seria a de que este se apresentasse como meio de expor internacionalmente as qualidades da ESEP como instituição, de forma a fomentar a criação de novas parcerias institucionais, e de atrair novos alunos, investigadores e possíveis investidores, algo que se refletiu no texto de chegada. A este respeito, podemos destacar que houve um esforço consciente de manter alguns adjetivos mais incomuns, assim como um tipo de linguagem que se afasta da escrita académica e científica. O principal objetivo é o de adotar uma tipologia linguística que assenta nos princípios da comercialização, ou seja, existe uma componente de marketing que, sendo de índole científico, segue padrões de escrita específicos, visto que o principal intuito é

o de “vender” uma imagem institucional. Pode ver-se exemplos disso mesmo na figura 3, em que houve um esforço para manter a estrutura do texto intacta, sendo especificamente a palavra amplamente mantida como “widely”, embora se considere que a sua exclusão beneficiaria a naturalidade do texto.

Figura 3: Segmento tirado do projeto referente ao P2

O Serviço de Gestão da Produção e Divulgação do Conhecimento a partir dos núcleos funcionais Comunicação e Imagem; Gestão de projetos; Relações Externas tem uma ação mais diretamente relacionada com a internacionalização, desempenhando um importante papel na candidatura a projetos em parceria com outras IES, no apoio à organização e divulgação de eventos internacionais, bem como no apoio às publicações em revistas científicas, entre outras atividades, contribuindo amplamente para a visibilidade da ESEP a nível internacional.	 The Service of Knowledge Production and Disclosure Management from the Functional Nuclei of Communication and Image, Project Management and External Relations has an action more directly related to internationalization, playing an important role in the application for projects in partnership with other Higher Education Institutions, In the support of the organization and dissemination of international events, as well as in the support of publications in scientific journals, among other activities, contributing widely to the visibility of ESEP at an international level.
---	--

Fonte: o autor.

Outro fator tratado é o público do texto. Num ato de comunicação, a audiência é referente ao recetor, conforme descrito no subcapítulo anterior, e é outro dos fatores que Nord (2005) refere como sendo de especial importância. Diferentes recetores podem variar a múltiplos níveis, tais como nível de conhecimento, ambiente sociocultural e posicionamento ideológico. É necessário, para uma tomada de decisões consciente durante o processo de tradução, identificar qual a audiência pretendida de um texto, e as suas características específicas (Nord, 2005).

A autora (Nord, 2005, pp.57-58) apresenta dois tipos de distinções dentro deste fator, o primeiro entre “source-text audience” (audiência do texto de partida) e “target-text audience” (audiência do texto de chegada), e o segundo entre “addressee” (recetor alvo) e “chance reciever” (recetor acidental). A distinção entre a audiência dos textos de partida e de chegada tem como característica universal, e evidente, as diferenças linguísticas e culturais entre as culturas a que pertencem. Para além desta variação cultural, pode dar-se o caso de ser pedido ao tradutor que adapte certo texto para outro publico alvo, o que afeta de várias formas o processo de tradução. Podemos dar como exemplo o seguinte caso, se for pedido a um tradutor que traduza para um publico infantojuvenil um livro com linguagem gráfica, este pode escolher remover estes elementos linguísticos.

Passando à diferença entre recetor alvo e recetor acidental. O primeiro é o grupo para o qual o texto se destina, e como tal é a partir das suas características específicas enquanto audiência que a estrutura do texto é formulada. Do lado oposto, os recetores

acidentais são aqueles que por qualquer motivo entrem em contacto com o texto sem que este lhes seja dirigido (Nord, 2005). Retomando o exemplo anterior, um recetor - alvo da hipotética tradução do livro - seria alguém dentro da faixa etária abrangida, enquanto um recetor acidental poderia ser um pai ou guardião da criança que lesse o livro por curiosidade.

Uma outra distinção apresentada por Neubert (1968, citado por Nord, 2005, p.57) confere relevância à análise do P2 é a distinção entre textos como “Specifically SL-oriented” (especificamente orientados para a língua de partida), “SL-oriented but not only SL-oriented” (orientados para a língua de partida, mas não só), “not specifically SL-oriented” (não especificamente orientados para a língua de partida) e “TL-Oriented” (Orientados para a língua de chegada). São dados como exemplos de cada um destes arquétipos, respetivamente, “textos relativos a estudos de área³”, “textos literários”, “textos técnicos, científicos ou referentes a linguagens especializadas⁴” e finalmente “textos destinados para propaganda no estrangeiro” (Van, 2022, p.24, tradução do autor).

Em referência ao P2, pode dizer-se que a audiência pretendida seriam possíveis alunos, investigadores, avaliadores ou investidores. É importante que se refiram algumas interações aliciantes em relação a este fator. Para começar, foi dado a entender aos tradutores que o texto em português (texto de partida) não seria publicado, ou seja, pode considerar-se que, tecnicamente, o publico alvo deste seriam os tradutores dentro do SGC, e que apenas o texto de chegada teria como publico alvo aquele acima descrito. Em termos práticos, em nada mudou este fator as especificidades do texto, visto que, na verdade, quem produziu o texto o fez como se este se destinasse ao público do texto de chegada, podendo defini-lo dentro das designações de Neubert (1968, citado por Nord, 2005) como sendo orientado para a língua de chegada. Outra curiosidade é a interação com a entidade europeia que serviu de iniciador, sendo que esta serviria depois de emissor secundário, sendo através dela que os textos seriam transmitidos ao publico alvo.

³“o estudo da história, da política, da economia e das culturas de várias regiões do mundo ou de uma região específica do mundo” (area studies, 2024, s/p.).

⁴ A definição de linguagem especializada é referida no subcapítulo “Terminologia Médica e uma Linguagem Especializada”

A existência de um recetor intermediário entre a audiência e os tradutores poderia ter sido causa de mudanças no processo de tradução, caso a entidade impusesse regras específicas em relação à estrutura do texto de chegada. Se houve alguma imposição deste género, esta não foi transmitida aos tradutores⁵. Pode ter acontecido que o autor do texto de partida tenha já formulado o texto em conformidade com outras exigências hipotéticas, ou de o texto ter sido alterado no processo de edição para que correspondesse a estas. Independentemente, tirando a pressão causada pelos prazos impostos pela entidade enquanto iniciador, não houve consequências para o processo de tradução.

Um exemplo de uma decisão influenciada pela audiência do texto, representado na figura 4, é a utilização do nome português do Centro de Investigação e Desenvolvimento em Sistemas de Informação e Enfermagem, seguido da sua designação em inglês. Esta decisão foi tomada ao pensar em futuros alunos internacionais como recetores naturais, que podem beneficiar de saber o nome deste departamento também em português.

Figura 4: Segmento tirado do projeto referente ao P2

Nesta dimensão da política institucional para a internacionalização, realce para o CIDESI, Centro de Investigação e Desenvolvimento em Sistemas de Informação em Enfermagem, centro acreditado pelo ICN – International Council of Nurses, um dos catorze centros mundiais acreditados para o desenvolvimento de atividades científicas relacionadas com a criação e a consolidação de uma classificação internacional para a prática da enfermagem.	 NMT	In this field of institutional policy for internationalization, highlight to CIDESI,  <i>Centro de Investigação e Desenvolvimento em Sistemas de Informação em Enfermagem</i>  [Centre for Research and Development in Nursing Information Systems], a centre accredited by the ICN – International Council of Nurses, one of the fourteen accredited centres worldwide for the development of scientific activities related to the creation and consolidation of an international classification for nursing practice.
--	---	---

Fonte: o autor.

⁵ Notou-se durante a análise, a existência de referências no texto de chegada em relação ao número de caracteres, cada um referente a um trecho de texto, que se assume que seriam representativos do limite máximo de caracteres a utilizar por trecho de texto. No entanto, utilizando a ferramenta de contagem de palavras do Microsoft Word, verificaram-se variações entre o número de caracteres (não contando espaços) de cada trecho de texto relativamente ao número que lhe é correspondente. O trecho com maior número de caracteres acima do apresentado ultrapassa o número de caracteres indicado por 18680 caracteres (número indicado: 9000; número total de caracteres: 27680); já o trecho que ficou mais longe de chegar ao número de caracteres que lhe é referente fica aquém deste por 5787 caracteres (número indicado: 9000; número total de caracteres: 3323). Pode inferir-se que estas indicações foram a algum ponto impostas, ou pelo menos ponderadas, durante o processo de produção do texto, no entanto, as variações desproporcionais nos supostos limites comparativamente aos trechos apresentados, aliadas ao facto de que os tradutores não serem informados de qualquer restrição, levam a crer que por algum motivo estas foram abandonadas.

Avancemos para o tema do meio como fator. Este pode ser entendido como o veículo que está a ser usado na transmissão do texto ao recetor, relacionando Nord (2005, p.62, tradução do autor) a esta descrição o conceito de canal, ou meio (“channel”), utilizado em teoria da comunicação para descrever “ondas sonoras ou palavras em papel”, referindo também que o interesse deste fator para um tradutor se prende menos sobre “distinções técnicas”, e mais sobre “aspetos de percetibilidade, conservação de informação e as pressuposições sobre a interação comunicativa”.

A primeira distinção que deve ser feita em relação a este fator é se a mensagem está a ser transmitida “cara a cara” (Nord, 2005, p.62, tradução do autor) ou por escrito, algo que afeta não só a receção, mas também a produção da mensagem. Isto é um fator determinante para escolhas relativas ao modo de apresentação da mensagem, afetando variadíssimos fatores extratextuais, que serão explorados adiante (Nord, 2005). Pode dar-se como um exemplo de variações na situação comunicativa causadas por variações de meio as diferenças entre ler uma história e ver uma encenação da mesma. Enquanto a leitura da história pode conter informações relevantes em anexos ou rodapés, na encenação toda a exposição deve ser feita em cena; por outro lado, o auxílio de uma representação visual pode reduzir a quantidade de informação que é necessário transmitir. É importante notar, no entanto, que nem sempre a fala e a escrita estão separadas enquanto meio, podendo haver textos que devem apresentados oralmente, como o guião de uma peça de teatro, ou comunicações orais que tem como propósito ser transcritas (Nord, 2005).

Esta complexidade leva Nord (2005, p.63, tradução do autor) a postular que uma análise deste fator se deve focar não na delimitação de textos relativamente ao meio, mas na delimitação de características de cada meio, tais como se a comunicação pode ser descrita como direta ou indireta, ou o grau de “espontaneidade da produção do texto”. O meio em que o texto é apresentado também ajuda a moldar as expectativas que recetores de mensagem tenham em relação à função do texto (Nord, 2005), um possível recetor interage vai aproximar-se de maneira diferente de uma bula de medicamentos e de um artigo de jornal. Estas diferenças de meio sentem-se também nas características intratextuais a ser analisadas adiante, algo que podemos ver pegando

no mesmo exemplo, os dois meios apresentam diferenças na forma que o texto toma, no seu conteúdo, no tipo de linguagem, entre outros.

No que toca ao P2, pode referir-se que os textos tanto de partida como de chegada foram transmitidos em formato escrito. Não tendo sido especificada a entidade europeia à qual seriam entregues, tornou-se difícil saber exatamente quais as especificidades da sua transmissão ao público, tendo havido, no entanto, indicação de que estes ficariam disponíveis para consulta no site da entidade iniciadora. A transmissão de uma mensagem por meio digital implica, entre outras coisas, uma falta de restrições que um formato físico daria ao tamanho da mensagem, embora esta característica possa variar dependendo do tipo e local de publicação, não sendo possível verificar se é aplicável ao P2⁶. Pode também implicar, pelo menos quando esta acontece num site público, que o acesso ao texto é fácil e não é restrito a um qualquer grupo cultural, algo que deve ser tido em conta. Vendo o meio para além do seu formato online, texto do P2 vinham marcados como sendo uma autoavaliação institucional, um texto de cariz quase publicitário, que tem por objetivo mostrar as qualidades da instituição, o seu plano para o futuro, e como pretende atingi-lo (Higher Education Quality Council of Turkey, n.d.). Isto reflete-se nas características intratextuais a nível do conteúdo e do léxico utilizado. Em termos práticos, no entanto, este fator foi tido pouco em conta durante a tradução do P2, muito em parte pela informação limitada que o translation brief ofereceu.

Avança-se então para a análise do local de comunicação, que pode ser referente tanto ao local de produção da mensagem, como ao seu local de receção (Nord, 2005). Embora haja autores que juntam este fator ao fator temporal e ao do meio utilizado, Nord (2005) acredita que, devido aos papéis de diferente importância que estes podem tomar relativamente uns aos outros dependendo da natureza do ato comunicativo analisado, estes devem ser encarados separadamente. O principal ponto de interesse na análise do espaço enquanto fator é a identificação das especificidades culturais do local analisado, ponto que por si só já é central à tradução (Nord, 2005).

⁶ Ver nota de rodapé nº5

A influência do espaço enquanto fator pode manifestar-se num posicionamento político ou social característico, numa diferença de dialeto ou linguagem ou até na imposição de uma “geografia relativa” própria (Nord, 2005, p.68). Sendo então o espaço referente a ambos os lados da situação comunicativa, um tradutor deve tomar atenção às diferentes maneiras como estes fatores se podem manifestar, especialmente quando se dá o caso de pelo menos uma das línguas de trabalho ter variações regionais, tal como acontece com o português europeu e o português do Brasil. Quanto à geografia relativa, é preciso ter cuidado com a sua influência no que toca à definição de distância quando esta é apresentada de forma relativa (Nord, 2005), por exemplo, a frase “fugi para a China”, se traduzida para ser transmitida nesse país, deve ser adaptada para que mantenha o seu significado.

Este fator teve alguma influência na análise do P2, sendo de referir a vasta quantidade de organizações e de órgãos e grupos institucionais sem equivalente oficial fora da língua portuguesa, que apresentou um desafio. Para além disso é possível, de certa forma, delimitar o local onde provavelmente se dará a receção do ato comunicativo, já que natureza europeia da entidade iniciadora permite que definir como provável que os recetores do texto façam parte da comunidade europeia. Isto poderia levar a que, caso surgisse alguma dúvida terminológica, se desse prioridade a ferramentas como o *IATE* ou o *EUR-Lex*, dada a posição que estas ocupam no contexto da União Europeia (UE). Tendo sido a maioria das dificuldades encontradas advindas de nomes institucionais e do estilo de escrita, estas ferramentas foram menos uteis do que se esperava.

Avançando, a importância do tempo na análise de um ato comunicativo é multifacetada. Pode advir não só da relação entre o momento de transmissão e o momento de receção e das especificidades de cada uma, mas também da relação que o conteúdo e estrutura da mensagem têm com o momento de receção (Nord, 2005). As linguagens mudam com o tempo, e as culturas que lhes correspondem também, além disso, certos géneros textuais que no passado eram associados a certas funções são agora vistos de maneira muito diferente (Nord, 2005). Veja-se o exemplo da tradução de uma tragédia clássica de grego antigo para o italiano. Neste exemplo é possível verificar que, devido às mudanças que a língua grega sofreu desde a antiguidade (Bakker, 2014),

um domínio do grego moderno não só não garante domínio do grego antigo. Esta mudança não acontece exclusivamente do lado do emissor, as concepções das unidades linguísticas de um recetor moderno podem ser completamente distintas das de um recetor na antiguidade. Pode também verificar-se que a função atribuída ao texto por seria muito diferente daquela que lhe atribuiria um recetor na antiguidade, despida, entre outras coisas, do papel punitivo que lhe atribuíam os romanos (Coleman, 1990). O tempo como fator também pode ditar a relevância de um texto, como no caso de informações de utilidade efémera (Nord, 2005). Pegando no caso de um convite escrito para um casamento, a utilidade de traduzir este ato comunicativo depois da data é questionável, podendo até nem se justificar.

Para efeitos práticos, esta dimensão teve pouca influência nas decisões tomadas durante a tradução do P2. Note-se, no entanto, que o texto contém informações relativas a políticas institucionais que podem ser sujeitas a alterações, podendo ser irrelevantes para futuros leitores do texto.

Passámos agora para a análise do motivo da comunicação, este fator é descrito como sendo razão por trás da receção ou produção de um texto (Nord, 2005). Os Motivos podem tomar variadas formas, pode ter sido um pedido de tradução ou um acontecimento importante que motivam a produção de um texto, e esse mesmo acontecimento importante será também o motivo pelo qual alguém recebe o texto. De facto, existe uma certa ligação entre certos acontecimentos e certos géneros textuais, e esta relação permite que, ao conhecer o motivo por trás de um ato comunicativo, se deduzam informações sobre outros elementos textuais (Nord, 2005). Pode verificar-se que o oposto também é verdade, um pedido de casamento antecede um convite de casamento, da mesma forma a receção desse convite implica a existência do pedido. No âmbito da análise ao P2, pode dizer-se que o motivo desta comunicação foi o pedido feito pela entidade europeia à ESEP de um relatório de autoavaliação institucional.

Por último analisa-se a função de um texto, sendo este considerado como fator mais importante dentro de um modelo funcionalista da tradução, dado o seu papel como o suprasumo guia do processo de tradução dentro desta corrente. Nord (2005) descreve a função de um texto como sendo a função ou conjunto de funções cumpridas por um texto num ato comunicativo específico. Cada função de um texto é composta por um

conjunto próprio de fatores extratextuais, que passa a ser reconhecido como um gênero textual ao ocorrerem vezes suficientes para que lhes seja atribuída convencionalmente uma forma. Nord (2005) ressalva, no entanto que a função de um texto não é equivalente ao seu gênero textual, estando a definição de função ligada às especificidades de uma determinada situação comunicativa, e a definição de gênero textual presa à estrutura dessa mesma situação. Quando se refere a função como o fator mais importante para a tradução num modelo funcionalista, já que guia o processo de tomada de decisões. Relativamente a esta afirmação, importante referir que a tradução funcionalista se guia especificamente pela função prevista do texto de chegada (Nord, 2005).

Antes de abordar o conceito de função, Nord (2005, p.25, tradução do autor) refere o conceito de equivalência, e o seu uso como medida de qualidade de uma tradução, destacando a sua ambiguidade e várias das suas interpretações, desde “a exigência de que o texto tenha a “mesma” função e o “mesmo” recetor”, a que “o texto de chegada “imite” [...] o texto de partida ou “mostre a sua beleza””, algo que estaria associado às dimensões extratextuais da forma e do conteúdo. Para além disso, esta ambiguidade vê-se também no facto de traduções “palavra por palavra” ou traduções que parafraseiem demasiado o texto de partida não são consideradas “traduções no sentido estrito da palavra” (Nord, 2005, p.26). Nesta forma de olhar para a tradução, a única forma de verificar equivalência seria determinada unicamente pela análise do texto de partida, algo que a autora rejeita, dizendo que mesmo almejando uma tradução dentro desta equivalência, esta seria impossível de produzir sem pelo menos uma análise da situação comunicativa do texto de chegada. Ainda assim, Nord (2005, p.26, tradução do autor) afirma que mesmo depois dos resultados dessa análise serem aplicados ao processo de tradução, “a produção de um texto de chegada equivalente ou “funcionalmente equivalente”” seria apenas um de vários propósitos possíveis do ato de traduzir, acrescentando até que “a equivalência funcional entre texto de partida e de chegada não é o *skopos* “normal” de uma tradução, mas um caso excecional”.

Tendo em consideração as suas próprias palavras, a autora concede que a utilidade que a análise da função do texto de chegada possa parecer pouco útil para o processo de tradução. No entanto, foi apresentado anteriormente um conceito que a

Nord (2005) considera como sendo também essencial ao processo de tradução, o conceito de lealdade. Tendo em conta a confiança implícita que tanto o emissor como o recetor do texto têm no tradutor enquanto intermediário do processo de transmissão intercultural, infere-se uma responsabilidade de garantir que a proposta de informação que o tradutor apresenta ao recetor se adequa àquela que o emissor tinha a intenção de transmitir. Dado o papel que esta intenção tem enquanto parte constituinte da função do texto de partida, é possível refutar as acusações de futilidade levantadas contra a análise deste elemento do texto (Nord, 2005). A análise da função do texto de partida é então tida como necessária para que se cumpra o princípio da lealdade, já que “só analisando a função do texto de partida é que o tradutor pode decidir a(s) função/funções) do texto de chegada que será/serão) compatível/compatíveis) com um determinado texto de partida” (Nord, 2005, p.80, tradução do autor).

Tendo estabelecido a análise da função do texto de partida como um elemento necessário ao processo de tradução, Nord (2005) explora de que forma se podem interrelacionar textos de partida e de chegada. Segundo a autora, ao definir um texto de chegada como uma proposta de informação feita sobre o texto de partida, ou, mais especificamente, a sua oferta de informação, é possível distinguir duas formas básicas de relacionamento entre os dois tipos de texto. O texto traduzido pode então ser, ou uma representação textual de um ato comunicativo que se realizou entre um emissor e um recetor da mesma cultura (a cultura de partida); ou o veículo através do qual se realiza uma nova ação comunicativa, na qual uma proposta de informação sobre a (proposta de) informação do texto de partida é apresentada a um recetor da cultura de chegada (Nord, 2005). A estes dois tipos de tradução a autora chama, respetivamente, “documentary translation” (tradução documental) e “instrumental translation” (tradução instrumental) (Nord, 2005, p.80). É possível dar como exemplos de tradução documentativa atos de tradução de contratos ou qualquer tradução “palavra a palavra” (Santos, 2016, p.77).

Neste tipo de tradução, o recetor do texto traduzido recebe uma representação, produzida na língua de chegada de elementos constituintes do texto de partida (todos ou apenas parte deles) e das características que apresentavam na situação comunicativa representada, ou seja, a que aconteceu entre emissor e recetor(es) na cultura de partida.

É de especial importância referir que, neste tipo de tradução, o recetor do texto de chegada está ciente da sua não participação no ato comunicativo representado, reconhecendo seu papel como observador externo (Nord, 2005). No processo de tradução documentativo pode dar-se foco ou prioridade a um ou mais elementos textuais, ou seja, enquanto na produção de um tipo de texto se dará especial importância a elementos gramaticais e morfológicos, na de outro pode dar-se prioridade a estruturas sintáticas (Nord, 2005). Já a tradução instrumental serve, como o nome indica, de instrumento através do qual se dá uma nova ação comunicativa dentro da cultura de chegada, ação essa que consiste na transmissão de uma nova mensagem, sem que o recetor desta saiba que “esta foi, numa forma diferente, utilizada anteriormente num ato comunicativo diferente” (Nord, 2005, p.81). Partindo da conceção previamente apresentada do conceito de compatibilidade, Nord (2005, p.81) afirma que este tipo de tradução só pode acontecer quando o propósito dado ao ato comunicativo pelo seu emissor tem em conta não só recetores da cultura de partida, mas também recetores da cultura de chegada, “de maneira que a proposta de informação do texto de chegada esteja contida na proposta de informação do texto de partida”. Caso isto não se verifique, a autora considera que a produção do texto de chegada deve ser feita dentro dos tramites da tradução documental.

Nord (2005, p.81, tradução do autor) distingue ainda três formas que este tipo de tradução pode tomar, “tradução equifuncional” (equifunctional translation), “tradução heterofuncional” (heterofunctional translation) e “tradução homóloga” (homologous translation). Falando primeiro de tradução equifuncional, esta dá-se quando é possível que o texto de chegada cumpra a mesma função, ou funções, que o texto de partida. O texto de chegada resultante deste processo tem de ser impossível de identificar como sendo produto de uma tradução, sendo exemplo deste tipo de tradução textos como manuais de instruções (Nord, 2005;2018). Já a tradução heterofuncional acontece quando particularidades dos recetores do texto traduzido fazem com que a função do texto de partida não possa cumprir o mesmo papel no texto chegada, obrigando a que haja uma adaptação por parte do tradutor. No entanto, esta adaptação só pode ser feita se, à partida, função do texto de chegada seja compatível não só com a função do texto de partida, mas também com a intenção que o autor lhe atribui (Nord,

2005). Pode ser dado como um exemplo de texto resultante deste tipo de tradução uma tradução para crianças de um livro escrito originalmente para uma faixa etária mais velha. Falando finalmente sobre a tradução homóloga. Esta pode ser descrita como um processo de tradução, processo este que tem como finalidade a produção de um texto cuja função ocupe, na cultura de chegada, a mesma posição que a função do texto de partida ocupa no seu ambiente social literário (Nord, 2005;2018). Um excelente exemplo deste tipo de tradução seria a tradução de um qualquer livro de poesia. Para uma diferenciação sucinta destes subtipos da tradução instrumental, veja-se a tabela na figura 5.

Figura 5: Diferentes tipos de tradução instrumental

Type of translation	INSTRUMENTAL TRANSLATION		
Form of translation	equifunctional translation	heterofunctional translation	homologous translation
Purpose of translation	achieve ST function(s) for target audience	achieve similar function(s) as ST for target audience	achieve homologous effect to source text
Focus of translation process	functional units of source text	transferable functions of source text	degree of ST originality
Example	operating instructions	<i>Gulliver's Travels</i> for children	poetry in monolingual edition

Fonte: Retirado de Nord (2018, p.49)

Abordando agora neste relatório de estágio as especificidades da função dos textos do P2, é possível aferir que este se encontra numa posição de análise interessante. Conforme foi referido anteriormente, foi dado a entender aos tradutores do SGC que os textos de partida deste projeto não seriam publicados, servindo apenas como base para as traduções que seriam entregues à entidade europeia não identificada. É possível, visto que os únicos recetores do texto de partida foram os tradutores já referidos, pensar na função do texto como sendo: apresentar uma mensagem para que esta possa ser traduzida para outra língua. Esta foi, sem dúvida, uma das funções que o texto cumpriu na situação comunicativa do P2, no entanto, a função de um texto não existe num vácuo.

Cada função de um texto nasce de uma previsão de um recetor do texto, que a construiu com base numa análise da constelação de fatores extratextuais que lhe foram dotados pela situação comunicativa em que se apresenta (Nord, 2005).

Ora, o conhecimento da situação comunicativa do P2 permite deduzir que, embora ser passível de ser traduzido seja uma das funções que podem ser atribuídas ao P2, a mesma não é aquela que melhor se encaixa nem com o seu propósito, nem com uma análise holística das especificidades dessa mesma situação comunicativa. Esta junção de fatores leva a crer que as funções do texto de partida relevantes para a função pretendida do texto de chegada seriam aquelas que de alguma forma estivessem relacionadas com o enaltecimento da ESEP e a aliciação de entidades de interesse à instituição, podendo até a frase, procurar enaltecer a ESEP e aliciar indivíduos ou grupos que possam de alguma maneira ajudar ou melhorar a instituição, ser definida como um agrupamento das principais funções que guiaram a tradução do P2.

Antes da análise aos restantes fatores refira-se que, ao longo da exposição que foi feita dos variados fatores extralinguísticos referidos por Nord (2005) no seu modelo de análise textual, foi possível notar que estes são interdependentes, estão interligados. Esta interligação toma várias formas, os fatores do espaço, tempo e motivo, por exemplo, são até considerados por Thiell (1978, segundo Nord, 2005) e Reiss (1974, segundo Nord, 2005) como sendo um único fator, embora Nord (2005) acredite que cada um deles deve ser analisado individualmente. É de facto possível desenhar estas ligações entre outros dos fatores, o propósito de um texto é um dos componentes constituintes do seu motivo, o espaço de produção de um texto dá pistas sobre o seu emissor, assim como o espaço de receção do mesmo as dá sobre a sua audiência. Esta relação entre fatores estende-se também aos fatores intralinguísticos que serão apresentados posteriormente neste subcapítulo. Esta ligação entre fatores afeta uma análise textual metódica, sendo que à medida que novo conhecimento vai surgindo, este desmente ou confirma proposições sobre partes ou fatores já analisados. Sobre este processo de confirmação, ou não, de informações e a sua importância para a análise textual, Nord (2005) escreve:

“O princípio mais importante, no entanto, é o da recursividade. Este tipo de análise não é um processo com um só sentido, contem vários *loops*, nos quais expectativas são

construídas, confirmadas, ou rejeitadas, e onde conhecimento se ganha e se estende e a compreensão é constantemente modificada” (Nord, 2005, p.83, tradução do autor)

Quando a autora (Nord, 2005) propõe um modelo do processo de tradução (que será discutido num capítulo posterior), este efeito será espelhado não só na relação entre os fatores textuais, mas também na relação entre os vários passos que a autora apresenta como fazendo parte do processo de tradução.

Avançando para uma análise dos fatores intralinguísticos, Nord (2005, p.87, tradução do autor) refere que há uma divergência de opiniões sobre a possibilidade ou utilidade de “separar o conteúdo e a forma de sinais linguísticos”, mas que devido à grande variação que pode existir entre atos comunicativos sobre quais os fatores mais relevantes para a tradução, e de o *skopos* de certas traduções exigir uma separação entre forma e conteúdo, a autora defende que a distinção entre estes fatores deve ser abordada, frisando no entanto que fala de distinção e não de separação. De forma a saber distinguir os fatores que, dentro da forma e conteúdo de um texto, são relevantes a uma análise orientada para tradução, a autora analisa um ato comunicativo hipotético, em que um emissor envia uma mensagem a um recetor. Parte-se do pressuposto de que o emissor tem intenção de transmitir algum tipo de informação ao recetor, sendo que esta informação é referente a algo específico que existe fora do contexto linguístico da mensagem, está identificado um dos fatores, a temática da mensagem.

A temática de uma mensagem é importante para um tradutor, já que diz ao tradutor, entre outras coisas, o que esperar em termos do nível de exigência da tarefa de tradução e da complexidade terminológica. Isto permite que este avalie se tem capacidade de adquirir o conhecimento necessário para realizar um projeto de tradução. A informação sobre este fator pode também ter particularidades que ajudem à identificação de outros fatores intra ou extralinguísticos, e até servir de indicador à coerência de um texto (Nord, 2005).

Quando se transmite uma mensagem sobre uma temática, é necessário que se decida que informação sobre esse *algo* se pretende transmitir. Às partes específicas da temática que se pretendem inserir na mensagem chama-se conteúdo; e é este o segundo fator intratextual apresentado por Nord (2005). Segundo a autora, a informação é transmitida, normalmente, através do valor semântico do texto, e que a análise das

estruturas gramaticais e lexicais que o compõe⁷ são o ponto de partida para uma análise deste fator. Nord (2005) diferencia ainda se a informação é transmitida de forma simplesmente denotativa ou também conotativa, e se a informação é factual ou não (referente ao mundo real ou a uma outra realidade). Usando uma análise do trabalho feito no estágio para especificar a relação entre estes fatores, pode considerar-se que a temática do P2 é a ESEP, e o seu conteúdo são as qualidades da instituição. Isto é reforçado por várias partes constituintes do texto, como pode ser observado na figura 6.

Figura 6: Segmentos retirados do projeto referente ao P2

- A criação e a implementação do programa ESEPajuda, programa de cariz social que visa promover uma maior responsabilização e proximidade dos membros da comunidade ESEP a ações de entreatajuda e partilha de recursos e soluções;	 NMT
- A criação de um fundo social de emergência, que visa financiar pedidos extraordinários de ajuda não enquadráveis na ação social direta;	 NMT
- A criação e dinamização de um programa de mentoria, projeto institucional inter pares que visa promover a integração social e académica dos novos estudantes e potenciar o sucesso do percurso formativo a desenvolver;	 NMT

Fonte: O autor

Podemos ver, por exemplo, uma relação entre tema e rema coerente com a temática e o contexto especificados, *i.e.*, respetivamente, a ESEP e as suas qualidades. É possível ver também um reforço das qualidades institucionais da ESEP no uso de repetição nas várias ocorrências da palavra criação, que reforça no texto a ESEP como uma instituição que cria fundos, projetos e programas. Por último, ao analisar o nome do programa “ESEPajuda”, é possível dizer que, além da sua função denotativa como nome do programa, há também uma função conotativa, em que se passa a informação de que a “ESEP” “ajuda”, reforçando mais uma vez as qualidades da instituição

Avançando para o próximo elemento, quando o emissor dá forma à informação que quer transmitir, deve ter em conta o conhecimento prévio do recetor, de maneira a não dar informação que o recipiente já conheça, ou a não tentar transmitir algo que este não tenha capacidade de compreender, vê-se então o segundo fator, as pressuposições sobre o conhecimento do recetor. Um tradutor deve ter em conta as pressuposições de conhecimento presentes no texto por vários motivos. Primeiro, para que possa adaptar o texto de chegada aos recetores pretendidos do texto de chegada sem que ofereça

⁷ Exemplos destas estruturas são, conectores lógicos, palavras, relação entre tema e rema, frases, mecanismos de coesão textual, entre outros (Nord, 2005).

informação que lhes seja irrelevante ou incompreensível. Para além disso, este fator também é importante e ajuda a identificar outros aspetos do ato comunicativo. Analisando o P2, há claramente a pressuposição de que os recetores estão pelo menos familiarizados com a instituição, que sabem que a ESEP é um estabelecimento de ensino superior, e até mesmo que este está orientado para o ensino de enfermagem.

Tendo-se estabelecido os parâmetros anteriores, é necessário então estabelecer a ordem de apresentação, que partes transmitir primeiro, ou depois, e como as ligar para que melhor se cumpra o propósito do ato comunicativo, o que distingue o fator seguinte, a composição. A composição do texto pode fazer referência tanto à macroestrutura de um texto, como à sua microestrutura. Thiel (citado por Nord, 2005) define macroestrutura como a estrutura em que se apresentam as unidades de informação e a ordem por que se apresentam, sendo as mesmas unidades compostas por microestruturas. Sucintamente, as macroestruturas representam a estrutura textual ao nível de capítulos e parágrafos, enquanto as outras são os seus constituintes, palavras, frases, e outras estruturas que tais. O P2 é composto por diversos capítulos, nenhum deles com mais de 6 000 palavras, e apresenta tanto frases em texto corrido como segmentos individuais, conforme os que foram apresentados na figura 5, sendo estes bastante comuns, dado que o P2 está repleto de enumerações em lista de supostos feitos e galardões da ESEP. Deve também ser referido que nas partes do texto que aparecem em forma de lista, as frases estão subordinadas a um tema, apresentado antes da listagem. Pegando no exemplo das frases apresentadas na figura 5, o tema seria “Quanto à integração de minorias e de grupos sociais mais desfavorecidos, destaca-se:”, estabelecendo as frases apresentadas na figura uma relação de rema com esta temática. Esta forma de estruturar o texto evita a repetição do tema, o que facilita a compreensão textual, dando também um destaque individual a cada ponto de informação sobre o tema, algo que, neste caso, se assume que tem também o propósito de evidenciar estas ações a um possível recetor, para influenciar a sua opinião sobre a instituição

O fator suprarreferido pode também ser inferido através de pistas obtidas pela análise de elementos como tabelas e ilustrações, no caso de comunicação escrita, ou coisas como tom de voz ou gestos, no caso da comunicação oral, sendo que ficam estes elementos identificados como sendo o próximo fator, os elementos não verbais. Estes

podem tomar várias formas na comunicação escrita, e podem ser mais ou menos discretos, e podem ajudar também a inferir certos fatores extratextuais, maioritariamente a intenção e a função de um texto (Nord, 2005). O P2 apresenta pouco no que toca a fatores extratextuais, sendo de notar que as margens delimitadoras da escrita estão demarcadas no documento *Word*, e que são usadas marcas de parágrafo sempre que ocorre alguma das enumerações acima referidas.

Tendo tratado dos elementos não verbais, é preciso que o emissor do ato comunicativo decida quais os elementos “verbais” a utilizar, que são aqueles que “mais importância têm para transmitir a mensagem” (Nord, 2005, p.89, tradução do autor). Nord (2005) identifica três: o léxico, as estruturas frásicas e os elementos suprasegmentais. Começando pelo léxico, este fator é um conjunto da seleção e das características dos itens lexicais utilizados no texto assim como as relações que estabelecem uns com os outros. Características importantes para a análise deste fator incluem o uso de figuras de estilo, características morfológicas, expressões idiomáticas utilizadas, o valor conotativo dos elementos lexicais, o uso de neologismos, entre outros (Nord, 2005). Segundo a autora, a determinação do léxico utilizado num texto é dependente tanto dos fatores intralinguísticos como dos extralinguísticos. Sobre a relação deste fator com os restantes fatores intralinguísticos e extralinguísticos, a autora escreve, respetivamente:

“características estilísticas e semânticas do léxico [...] podem apontar para as dimensões do conteúdo, temática e pressuposições, enquanto as características formais e gramaticais [...] referem o analista a estruturas sintáticas e características suprasegmentais previsíveis” (Nord, 2005, p.122, tradução do autor)

“Em qualquer texto, as características estilisticamente significativas do léxico refletem claramente os fatores extratextuais da situação em que este é utilizado [...]” (Nord, 2005, p.123, tradução do autor)

Em relação ao P2 é possível identificar que, a nível do registo do texto, é utilizado um léxico formal, não havendo uso de expressões coloquiais e linguagem informal, e que, a um nível morfológico, é de especial interesse o uso de palavras compostas como “técnico-administrativos” e o uso de acrónimos em como “ESEP” e “CLE”, que podemos

ver na figura 7. Para além disso, nomes, verbos e adjetivos utilizados são marcados por uma tentativa de associação à ESEP, conforme foi referido na análise de pontos anteriores, alguns destes elementos lexicais têm valor conotativo que se relaciona com qualidades que se assume que o emissor do texto queira associar à ESEP como instituição, sendo exemplo disso o uso de verbos como “criar” e “dinamizar”, que pode ser visto na figura 6. Quanto a figuras de estilo, é de especial interesse notar o uso de metonímia recorrente quando a palavra ESEP é usada para representar os membros da instituição. Por último, o texto não parece apresentar a nenhum ponto uma quebra com normas sintáticas ou gramaticais, e os únicos neologismos apresentados são nomes de organizações ou programas criados pela ESEP, como é o caso do “ESEPajuda”.

Figura 7: Segmentos retirados do projeto referente ao P2

Conjuntamente, existem, ainda, caixas de distribuição para informação massiva para interlocutores específicos da comunidade (p.e. apenas para estudantes do 1.º ano do CLE, para docentes, técnico-administrativos, entre outros).
Com vista a atender a toda a comunidade e stakeholders, a ESEP dispõe, ainda, de uma newsletter periódica (semanal) que agrega a informação mais relevante para a comunidade.

Fonte: O autor

Seguindo para a análise das estruturas frásicas, esta tem como objetivo estabelecer a forma como é estruturada a informação do texto. Este fator inclui elementos como o tamanho e o tipo de frases utilizado, se estas são subordinadas a outras ou simplesmente justapostas (relação de hipotaxe e parataxe, respetivamente), o tipo de conectores lógicos utilizados e o tipo de frases utilizadas (imperativas, declarativas, entre outras). É também importante para a análise deste fator analisar o uso de figuras sintáticas, que sendo analisado em conjunto com ocorrência de desvios normativos sintáticos, ajudam a identificar possíveis efeitos estilísticos que podem ser importantes para a tradução. Tal como os outros fatores, este fator está ligado a outros fatores intra e extralinguísticos, como por exemplo o léxico, o conteúdo, a audiência e o meio, entre outros (Nord, 2005).

No que toca ao P2, as frases são maioritariamente compostas, o que favorece a precisão na apresentação de informações, e apresentam relações de hipotaxe e de parataxe, embora haja uma prevalência das primeiras. É possível notar o uso de várias

figuras sintáticas, como o paralelismo, que se nota especialmente nas enumerações, e o parêntesis, sendo que exemplos destas figuras sintáticas aparecem nas figuras 6 e 7, respetivamente. Para além disso, o P2 apresenta uma grande variedade de conetores lógicos, entre eles adversativos, aditivos, causais, temporais, entre outros, que parecem ter como objetivo articular e ordenar informação sobre a ESEP a sua organização, e as suas iniciativas, para que esta seja mais facilmente absorvida por recetores do texto. Por último, refere-se que o P2 não aparenta desviar-se das normas sintáticas do português. A estrutura frásica apresentada mantém uma apresentação de tema e rema comum ao português, sendo o tema apresentado em primeiro lugar, seguido do rema. Esta relação mantém-se mesmo quando os remas de frases com o mesmo tema são apresentados em forma de lista, estrutura que foi referida na análise à estrutura textual. Note-se que cada uma das frases assim listadas apresentam também uma estrutura comum na apresentação das suas relações tema rema internas. Separando o tema comum às frases todas e listando-as, é possível oferecer mais informação sobre cada um dos remas sem que se recorra a frases excessivamente longas.

O último fator intralinguístico referido por Nord (2005) é referente aos elementos suprasegmentais do texto, aqueles que definem o tom e o ritmo do texto. Na escrita, estes são muitas vezes inferidos através do uso de negrito ou itálico, variações no tamanho do texto, e através da análise de elementos prosódicos e dos elementos textuais salientados, que permitem inferir a entoação⁸ do texto. A autora refere que este fator serve como forma de dar mais, ou menos, destaque a umas partes do texto em relação a outras (Nord, 2005). O P2 apresenta, relativamente a este ponto, um tom formal e informativo, que consegue através de uma escrita comedida que evita o uso de adjetivos demasiado enfáticos. Apesar disto, em certas alturas, é possível ver que há o desejo de destacar partes do texto, algo que é conseguido através do posicionamento desses elementos na frase em que estão inseridos, como é o exemplo da palavra “criação” conforme apresentada na figura 6, esta palavra na situação apresentada serve também como um bom exemplo de repetição. Estes elementos no P2, seja o destaque de informação positiva, ou o tom formal do texto, reforçam o seu propósito como veículo

⁸ Define-se entoação como sendo “a totalidade das características prosódicas de elocuições que não estão ligadas a sons específicos” (Bussman, 1983, citado por Nord, 2005, p.133, tradução do autor)

através do qual a ESEP tenta aliciar potenciais colaboradores, passando informação que deixa bem vista a instituição. Espelhando o que foi possível verificar em relação aos fatores extratextuais, os fatores intratextuais estão também interligados, e as características de uns podem ajudar a inferir, ou ser inferidas através, de características de outros fatores, e conforme foi referido anteriormente, esta relação acontece também entre as características de fatores extralinguísticos e intralinguísticos, não querendo isto dizer que cada fator pode dar a quem faz uma análise toda a informação sobre todos os outros fatores.

3. Tradução médica

3.1. História da tradução médica e científica

Atendendo à natureza desta disciplina científica, podemos referir que, historicamente, o surgimento da tradução remonta aos primórdios do contacto entre seres humanos, no entanto, segundo nos dizem Montalt *et al.* (2007) os primeiros registos da existência de tradução na sua forma escrita remontam à mesopotâmia antiga, onde textos de relevância científica ou cultural eram gravados em tábuas de barro, algumas das quais com os textos copiados em diferentes línguas da região do levante. Esta prática, anterior à escrita, como a conhecemos, demonstra um interesse vexado não só na preservação, mas também na transmissão intercultural do conhecimento científico. Na verdade, para que fosse possível cobrir a história da tradução, desde as sociedades antigas às contemporâneas, teríamos de realizar um trabalho diacrónico e sincrónico de sistematização bibliográfica, algo que – no escopo deste relatório de estágio – nos parece avesso ao seu objetivo. Desse modo, optámos por referir – de modo introdutório – apenas algumas referências e períodos sócio-históricos que nos parecem relevantes, principalmente numa lógica de enquadramento geral da tradução científica e médica. Aliás, socorremo-nos, sobretudo, de indicadores da sócio-história devido à imensidão de disciplinas que possuem uma abordagem teórico-concetual à cimentação da tradução enquanto disciplina, desde a sociologia, filosofia, estudos interculturais, etc.

Conseguimos ver provas da existência de uma cadeia de conhecimento em medicina, que foi passando de civilização em civilização até Hipócrates. Hipócrates foi o autor de um dos mais antigos tomos de medicina, o *Coorpus Hippocraticum*, onde além

de inovações médicas, demonstra também conhecimentos herdados da antiguidade. Este tomo hipocrático, viria a ser utilizado um século mais tarde, como base para textos de Galeno - um estudioso de medicina romano de origem grega -; textos estes que, por sua vez, foram traduzidos para Árabe durante o século IX, tendo - no século XI - sido traduzidos para latim. Neste interstício, o uso de uma linguagem vernacular originava, traduções do árabe e do latim (Mehawesh, 2014) para as línguas vernaculares europeias. Durante o resto da idade média, o conhecimento médico é preservado nas ordens monásticas (Montalt *et. al.*, 2007).

Durante este período sócio-histórico, surgem pela primeira vez provas escritas de uma cisão ideológica, relativa ao método de tradução que se desenrolava nos bastidores desta rede de transmissão de conhecimento, começando com Marco Túlio Cícero, que defendia uma tradução “non verbum de verbum, sed sensum exprime”, ou “não palavra a palavra, mas sentido por sentido” (Montalt & González-Davies, 2007, s/p.). É possível reconhecer nas palavras de Cícero a cisão entre a tradução literal e a tradução do autor, bem como se torna possível reconhecer a passagem de um pronúncio para a diferenciação entre equivalências formais e dinâmicas de Eugene Nida (Porter, 2005); ou ainda, de um prefácio para a diferença entre a tradução semântica e a tradução comunicativa. Apesar das opiniões de Cícero, Montalt & González-Davies (2007) relatam que tradutores romanos na época clássica favoreciam traduções literais. Também na época medieval, a tradução literal encontrava apoiantes entre filósofos e teólogos, que baseavam esta preferência no processo de tradução da Bíblia (Sawant, 2013). Uma tradução literal seria o expectável daquele que seria um texto vindo diretamente de Deus, caso contrário, esse ato de tradução igualar-se-ia a uma deturpação da mensagem divina e, por conseguinte, a um ato de heresia (Montalt & González-Davies, 2007).

Desenrolando o novelo da sócio-história, do alvorecer do Renascimento até à época Moderna, podemos identificar vários fatores de mudança na tradução (Coldiron, 2015). Primeiro, podemos centrar-nos no facto de que o latim ocupava uma posição de *de facto* língua franca, e que, por conseguinte, as traduções eram feitas tanto entre esta e as línguas vernaculares, como entre as línguas vernaculares em si. Segundamente, o próprio crescimento da importância das línguas vernaculares como símbolos nacionais e políticos, consolidadas por traduções da Bíblia - aliada à invenção da prensa móvel

(Hosington, 2015) - que aumentaria exponencialmente a capacidade de fabrico e distribuição quer de textos originais, que das suas traduções, foram acontecimentos que favoreceram a atividade da tradução (Montalt & González-Davies 2007) e que, se pensarmos afincadamente, marcaram e ditaram os processos contemporâneos de produção da atividade da tradução.

Posteriormente, a época moderna vê a permanência do latim como língua franca na área das ciências, pois os cientistas, filósofos e pensadores, querendo ver uma maior dissipação dos seus trabalhos, traduziam os seus textos para latim (Yao, 2013), o que levava a um maior volume de textos científicos a ser traduzidos e, por conseguinte, um aumento significativo na prática de tradução científica (Byron, 2008). Montalt & González-Davies (2007) comentam que a existência independente das versões latinas de textos levava a que muitas obras fossem plagiadas, referindo o exemplo de Robert Boyle, físico e químico irlandês, que tendo sido feito vítima de plágio, passou a publicar os seus livros simultaneamente em inglês e em latim para prevenir o roubo da propriedade intelectual, prática esta que foi subsequentemente adotada por muitos dos seus contemporâneos. O uso do latim para traduções na área das ciências saiu de voga em meados do século. XVIII (Montalt & González-Davies 2007).

O decorrer da História vê também a tradução médica e científica a tornar-se não só uma ocupação profissional, mas também um objeto de estudo em si. A discussão já antiga da época de Cícero evoluiu com os tempos, e a tradução científica encontrou em alguns autores um interesse na sua meta-discussão. Num artigo sobre a história do estudo da tradução técnica e científica, Franco Aixelá (2004) utiliza os recursos da *BITRA: Bibliografía de Interpretación y Traducción*, um repositório bibliográfico⁹ sobre tradução e interpretação da Universidade de Alicante, para obter estatísticas sobre a prevalência do estudo da tradução científica enquanto área científica do saber. Partindo de uma amostra estatística recolhida à data de setembro de 2003, ele pôde aferir que dos mais de 20.000 textos guardados no repositório, cerca de 1.900 tratavam do estudo da tradução técnica, estando os mesmos divididos e categorizados por ano de publicação.

⁹ De sua autoria e que ainda hoje coordena.

Note-se que antes do século XX não existiam no repositório artigo sobre tradução e interpretação, apesar de ser reconhecida a existência do estudo da área antes deste século, nomeadamente com a referência aos “trabalhos excepcionais de Tytler” (Aixelá, 2004). Outros autores personificam a referência a Friedrich Schleiermacher que, no início do século XIX, rejeitava que os tradutores de material técnico participassem da “arte” da tradução, visto que pouco da sua marca deixavam no texto de chegada.

Segundo a análise dos dados estatísticos feita por Franco Aleixá (2004), passadas as primeiras cinco décadas do século XX, marcadas maioritariamente por um interesse na tradução bíblica, vemos o surgimento de um marco nas primeiras publicações das revistas *Meta* (1955) e *Babel* (1956), onde é realizada uma sistematização do estudo dos problemas da tradução, bem como se manifesta um interesse vincado de publicações em torno de tradução automática, que se mantem até 2000, com uma pequena queda de interesse na década de 70, culminando com uma explosão na quantidade de artigos na década de 90. É de ressaltar o crescimento gradual e constante do número de artigos sobre a área, algo que se pode ver nas estatísticas apresentadas pelo autor da análise, que demonstra um crescimento percentual de 0 a 10,2% de 1900 a 2000, e representando à data de 2003, 9,3% dos textos no repositório.

Utilizando a mesma ferramenta, podemos ver os valores atualizados a 2023, ano em que a BITRA conta com mais de 92000 entradas, um aumento de 360% do volume de textos comparativamente ao ano de 2003. Aleixá (2004, p.9) dá-nos acesso a uma tabela de resultados, que apresentamos na Figura 8 em conjunto com os dados atualizados. A tabela está dividida por décadas, excluindo as primeiras duas linhas, que abrangem um período temporal mais alargado, conforme a divisão original do autor. Apresentamos na Tabela 2 os resultados atualizados. Ao design do autor acrescentamos as novas divisões temporais constituídas pela década de 2000-2010 e o período de 2011-2023.

Figura 8: Tabela de resultados

Total entries		Tech. & Sci. Tr.	
		(absol. numbers)	(%)
Until 1900	259	0	0
1901-1950	340	5	1.4%
1951-1960	596	38	6.4%
1961-1970	761	59	7.7%
1971-1980	1.594	119	7.5%
1981-1990	4.830	372	7.7%
1991-2000	10,450	1,071	10.2%
All years	20,495	1,905	9.3%
(incl. 2001-2003)			

Fonte: Retirado de Aleixá (2004, p. 9).

Tabela 2: Tabela síntese das datas de publicação dos textos referentes a traduções técnicas e científicas

Datas de publicação	Total de textos arquivados na BITRA	Total de textos referentes a tradução técnica ou científica	Percentagem de textos referentes a tradução técnica ou científica
0- 1900	370	5	≈1,35%
1901-1950	837	15	≈1,79%
1951-1960	906	55	≈6,07%
1961-1970	1580	112	≈7,47%
1971-1980	3025	196	≈6,48%
1981-1990	7736	649	≈8,31%
1991-2000	19285	2136	≈11,08%
2001-2010	29544	4127	≈13,97%
2011-2023	29082	3889	≈13,37%
0-2023	92365	11184	≈12,11%

Fonte: dados retirados de: https://aplicacionesua.cpd.ua.es/tra_int/usu/buscar.asp seguindo as indicações de metodologia apresentada em Aleixá (2004)

A última metade do século XX foi marcante para a tradução técnica e, por isso, serviu de palco ao aparecimento de abordagens funcionalistas face à tradução, encabeçadas por autores como Katharina Reiss, Hans B. Vermeer e Christiane Nord (Montalt & González-Davies 2007), que, pelo seu impacto na área e pelas suas teorias, foram em parte responsáveis pelo renovado interesse na área referido anteriormente. Estes autores caracterizavam-se pelo foco nos moldes como a linguagem se relaciona com o mundo, algo que Montalt & González-Davies (2007, s/p.) definem como sendo responsável por um “desbravar de caminho em Estudos de Tradução” e sendo “especialmente uteis para a tradução médica”, o que faz com que este período seja de

especial relevância para este relatório de estágio. Esta época também viu a adoção de uma nova língua franca, o inglês.

O conhecimento médico apresenta-se como um caso excecional de uma corrente contínua de transmissão de conhecimento, que se vai corporizando desde as tabletes mesopotâmicas às publicações periódicas e manuais atuais; deste modo a tradução e a preservação de textos e técnicas foi constante, sendo a mesma demarcada por uma importância imensurável para a humanidade. Novamente Montalt *et al* (2007) relatam que, sendo difícil precisar exatamente o número de traduções relacionadas com a medicina feitas à escala mundial, temos acesso a valores com um grau de confiança viável na zona de Espanha, onde, em 2003, compunham um total de 2,6% dos textos publicados durante um ano (10% dos 26% de textos publicados categorizados como traduções). Os valores mais recentes disponíveis à data de escrita deste relatório, retirados da mesma fonte, são do ano de 2019, e mostram um decréscimo percentual elevado, sendo que os textos traduzidos representam apenas 14,7% do volume total de publicações, afigurando-se um decréscimo de 11,3% em relação aos valores de 2007, e um decréscimo de 4,6% face aos valores relatados para 2018, no mesmo documento. Dentro destes, apenas 4,9% correspondem a traduções na área da medicina, havendo um decréscimo de 5,1% desde 2007, e de 0,2% desde 2018. O volume percentual de publicações médicas traduzidas em 2019, era de 0,072% (Ministerio de Cultura, 2020). Embora se considere importante a inclusão destes dados, uma exploração desta diminuição é difícil sem que se realize uma análise sociodemográfica aprofundada, que não seria pertinente para o resto deste relatório.

3.2. Especificidades da Tradução Médica

A tradução médica é, antes de mais, tradução. Sendo tradução, partilha com outros tipos de tradução uma multiplicidade de características (Stolze, 2009). É uma atividade profissional, dependente de projetos e clientes, que nasce da necessidade de comunicação interlinguística e cultural, e quem a faz utiliza as mesmas ferramentas que outro qualquer tipo de tradutor (Montalt & González-Davies, 2007). Posto isto, tem também pontos específicos em que se distingue das outras, característica que Montalt & González-Davies (2007) especificam na sua obra, distinguindo oito. São eles as

especialidades médicas, a compreensão de conceitos da medicina, a terminologia específica da área, as situações comunicativas e os géneros textuais em que a tradução ocorre, as fontes de informação utilizadas, a qualidade dos textos traduzidos e a maneira como a tradução é afetada pela ética.

Começando pelas especialidades médicas, Montalt & González-Davies (2007) afirmam que a tradução médica envolve a comunicação de conhecimentos necessários na, e adquiridos através da, prática e estudo das várias especialidades dentro da medicina. A importância deste fator pôde ser vista na experiência de estágio, visto que durante a realização do Projeto 1 (que tratava exclusivamente de tratamento de DPOC em contexto de enfermagem), a delimitação da fonte de conhecimento dentro dos conformes de áreas da medicina ajudou a uma redução do volume de pesquisa, eliminando leituras desnecessárias.

Passando à compreensão de conceitos da área da medicina, embora a compreensão do texto de partida seja um fator importante para todos os tipos de tradução, Montalt & González-Davies (2007) apontam para uma necessidade de foco na compreensão de partes específicas do texto, nomeadamente, em vez de uma preocupação com referências culturais, registo, tom entre outros, deve haver um cuidado especial com a precisão e complexidade factuais. As formas como se pode absorver a informação apresentada nos textos, assim como estratégias para colmatar as lacunas previamente referidas, são temas a que Montalt & González-Davies (2007) parecem dar especial importância. Referem até que, no contexto da tradução médica, não havendo uma compreensão do texto de partida é impossível traduzir, dizendo, no entanto, que não necessário um curso ou especialização em medicina, visto que um tradutor não tem necessidade de reproduzir os procedimentos ou aplicar os conhecimentos adquiridos em prática clínica. Os autores pausam sobre os efeitos nefastos que a falta de conhecimento médico de um possível tradutor pode ter na compreensão de um texto, mas ressaltam que basta uma compreensão geral dos conceitos básicos e saber como preencher eficientemente, quando necessário, lacunas no conhecimento sobre a área para que um tradutor consiga fazer competentemente o seu trabalho.

Um dos maiores obstáculos de um leigo à compreensão de um texto médico é outro dos fatores que caracterizam este tipo de tradução, a terminologia (Grabar & Hamon, 2014). Podemos incluir dentro de terminologia desta área termos que se refiram a medicamentos, tipos de tratamento, doenças, nomes de áreas da medicina, equipamento hospitalar, partes do corpo, entre outros. A capacidade de lidar com problemas terminológicos é um fator central não só a um tradutor na área da medicina, mas a todos os profissionais de tradução. Montalt & González-Davies (2007) enunciam que mais de metade do tempo utilizado para a realização de um projeto de tradução é gasto a detetar e resolver este tipo de problemas. A compreensão de um texto e o conhecimento sobre a terminologia utilizada caminham lado a lado. Pode ser considerado um exemplo disso uma das estratégias referidas, a de decorar o significado das raízes etimológicas gregas ou latinas de prefixos ou sufixos comuns a várias unidades terminológicas da área. Podem ser dados como exemplos prefixos e sufixos como “Hipo-”, “derma-”, “-ectomia”, entre outros (Montalt & González-Davies, 2007). Este uso das proficiências de um tradutor para colmatar falta de conhecimento sobre o texto de partida, seja ele, neste caso, conhecimento médico, ou conhecimento do *skopos* do texto, é também ecoado por autores como Nord (2005) quando se refere à competência de transferência (*transfer competence*).

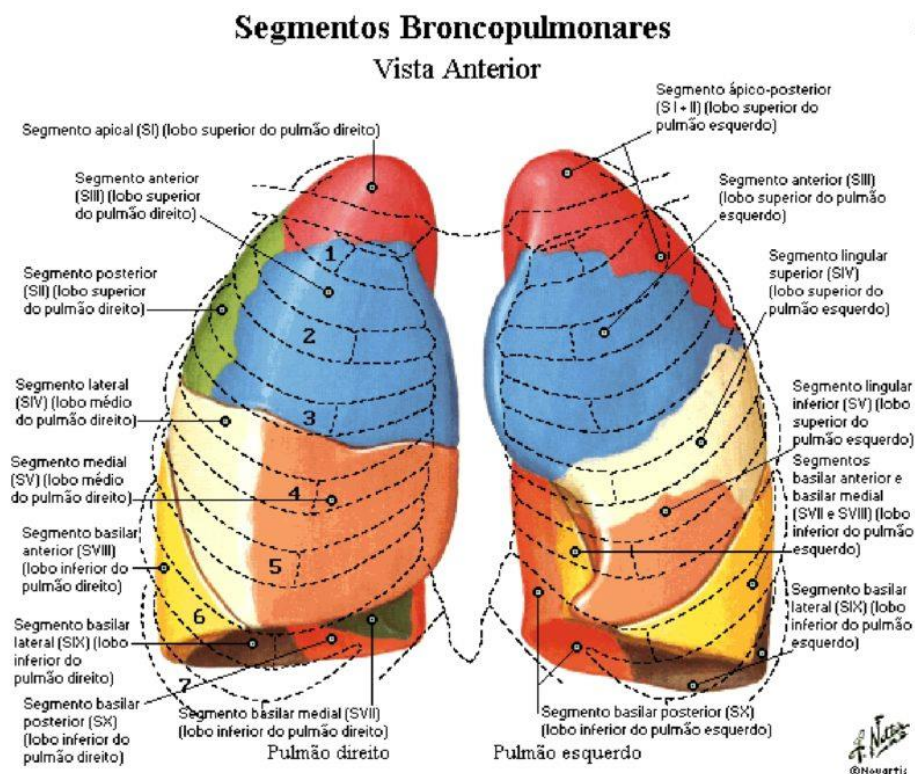
Falando agora de tipos de situações comunicativas, dentro do contexto de tradução médica estas são múltiplas, variadas. Abrangem desde a comunicação entre especialistas à interpretação de conversas entre médico e paciente num contexto hospitalar (Izquierdo, 2016), passando por campanhas publicitárias a medicamentos e até transmissão de informação sobre mudanças de legislação (Montalt & González-Davies, 2007). Cada uma destas situações envolve abordagens diferentes aos problemas de tradução. Ligado ao tema anterior, está a questão dos géneros textuais que podem ser encontrados na área da medicina, visto que é também através deles que estas situações comunicativas acontecem. É preciso, antes demais, definir género textual.

Pegando na definição de Bazerman (1998), pode-se encarar um género não apenas como as características formais de um qualquer tipo de texto, mas também como a atividade comunicativa que o texto tem intenção de transmitir aos seus leitores, às expectativas dos mesmos em relação ao texto e à função social que os textos cumprem.

Posto isto, existem na área da medicina uma grande variedade de géneros textuais, sendo exemplos destes géneros textos como bulas de medicamentos, artigos de teor académico e normas de orientação clínica, entre outros. À semelhança do que se passa com as situações comunicativas, cada um destes géneros de texto tem as suas particularidades que moldam a tomada de decisões no processo de tradução. O conhecimento do género de texto e da situação comunicativa em que este existe não pode ser descorado, Nord (2005) refere até que o conhecimento das convenções do género do texto traduzido ajuda a chegar ao *skopos* do texto, facilitando parte do processo da análise. Para os efeitos deste relatório, será analisado mais profundamente o género conhecido como normas de orientação clínica (NOC), tendo sido este o género em que se enquadravam geralmente os textos que constituíam o projeto 1 (Projeto DPOC ou P1).

Avançando para a qualidade dos textos, Montalt & González-Davies (2007) referem vários fatores que causam flutuações. Muitas vezes, os autores de textos médicos não têm formação como redatores, e isso é sentido no produto final. Noutras ocasiões, os autores podem estar a escrever numa língua que não seja a sua língua nativa, ou pode até dar-se também o caso de o texto de partida não ser um texto pronto para publicação, de haver a expectativa que o tradutor faça também o papel de revisor. Independentemente do motivo, estas variações na qualidade exigem um cuidado redobrado no processo de tradução. Pode tirar-se como exemplo de um problema causado exatamente por este fenómeno um episódio que se deu durante a realização do projeto 1. Durante a tradução de um documento que fazia referência à segmentação anatómica dos pulmões, um erro no texto misturou duas designações contraditórias. Podemos ver os segmentos de texto referidos, assim como uma representação visual dos segmentos pulmonares e das suas designações nas figuras seguintes (figura 9 e figura 10), cuja análise comparativa permite verificar que não existe nenhum segmento pulmonar “apical inferior”.

Figura 9: representação traseira de pulmões com legenda dos segmentos broncopulmonares



Fonte: Retirado de Netter (2011, s/p.)

Figura 10: Segmentos retirados do projeto referente ao P1

SEGMENTOS QUE PODEM SER DRENADOS EM SIMULTÂNEO

Do lado oposto:

Apicais inferiores;

Anteriores inferiores;

Posteriores inferiores;

Anteriores do lobo superior;

Do mesmo lado:

Apico posterior;

Fonte: O autor

Isto levou a um processo demorado de pesquisa, que passou pelo contacto com profissionais de saúde e pela leitura exaustiva de textos de especialidade, tendo sido perdido neste processo um dia de trabalho. A demora deveu-se exatamente a uma confiança em demasia, da parte do tradutor, na qualidade do texto apresentado, que excluía de um primeiro processo de pesquisa a possibilidade de erro da parte do autor.

Por último exploram-se as especificidades éticas da tradução médica (Dickson, 2024). Como qualquer área que lide com a vida ou morte de seres humanos, a medicina

acarreta um peso diferente de muitas outras áreas do saber, e ao ser colocado no meio de situações comunicativas da área, passa para os ombros do tradutor uma parte dessa responsabilidade. A responsabilidade ética não é um conceito estranho à profissão (Tymoczko, 2006), sendo até simples de encontrar uma variedade de códigos de conduta ética pertencentes a várias organizações, como, a título de exemplo, a *American Translators Association*¹⁰ e a *International Association of Professional Translators and Interpreters*¹¹. Parece haver entre todos um consenso em relação a temas como a confidencialidade e a necessidade de cumprir competentemente as tarefas aceites.

De guias de prática profissional ao meio académico, vários autores exploram o tema de ética e a sua relação com a tradução, temos como exemplo Tymoczko (2006), ou Andrew Chesterman (citado por Pym, 2001) e a sua definição de modelos de ética, ou mesmo até do conceito de lealdade conforme descrito por Nord (2005), que será aprofundado posteriormente, quando a autora se debate com a possibilidade de conflitos de interesses entre cliente e autor. Isto para reiterar que a tradução não é alheia ao conceito de ética, nem a ética da tradução no geral, tendo, no entanto, um tradutor médico responsabilidades específicas, e até possivelmente acrescidas. Montalt & González-Davies (2007) referem também responsabilidades éticas relativas à confidencialidade, ao peso da responsabilidade sobre a vida de pacientes e à necessidade de empatia com doentes, seja esta pela sua condição de saúde ou pelas suas sensibilidades.

Numa tabela bastante elucidativa são apresentadas as prioridades éticas em diferentes géneros textuais, tabela esta que, mesmo não contendo informação pertinente ao género textual que será explorado adiante, não deixa de ser um excelente exemplo das diferentes abordagens que um tradutor deve tomar face às diferenças de género textual referidas anteriormente. A tabela referida está representada na figura 11.

¹⁰ Disponível em: <https://www.atanet.org/about-us/code-of-ethics/>

¹¹ Disponível em: <https://www.iapti.org/code-of-ethics/>

Figura 11: Tabela de prioridades éticas por gênero textual

<i>Genre</i>	<i>Priority</i>
Informed consent	Clarity so that the patient can make a conscious choice
Original article	Accuracy so that the experiments can be repeated and that the argumentation can be followed in detail
Patient information leaflet	Clarity so that the patient can take the drug in a safe and effective way
Questionnaires (evaluation tools)	Cultural relevance so that the questions are meaningful for patients in the target culture
Clinical history	Confidentiality so as to protect the patient's rights of privacy. Completeness and accuracy so that health professionals in other locations have easy access to the history of the patients. It is also the case that clinical histories can be used as evidence in order to prove clinical negligence of physicians or institutions.
Health campaign	Respect and empathy towards specific groups of patients, disabled people, members of ethnic minorities, etc.

Fonte: Retirado de Montalt & González-Davies (2007, s/p.)

Já estabelecemos que um gênero textual é mais que um conjunto de normas de escrita de um texto, é também a sua função social expectável, a situação comunicativa em que é apresentado, e as expectativas e intenções que lhe atribuem leitores e autores. Segundo Göpferich (2009), o gênero textual pode até auxiliar à compreensão, e até à produção de um texto, já que para um recetor que esteja familiarizado com as convenções do gênero textual em que este se insere, já que uma imagem mental dessas convenções facilita a integração mental da informação apresentada. Posto isto, quando falam das especificidades de cada género, para facilitar o uso da informação apresentada em Montalt & González-Davies (2007), os autores separam-nos por grupos gerais consoante aquela que consideram ser a sua principal função social. São então estabelecidos e descritos quatro grupos: 1) o dos géneros para pesquisa; 2) o dos géneros para uso profissional; 3) o dos géneros para uso educacional e 4) o dos géneros para uso comercial.

Os primeiros servem como fontes de informação primária, através dos quais os investigadores partilham descobertas e são, a maioria, extremamente estandardizados. São exemplos deste tipo de género textos os artigos científicos e as teses de doutoramento. Os segundos são usados por profissionais de saúde na prática da profissão, e incluem géneros de texto como NOC e glossários de terminologia médica. Os terceiros têm um objetivo educativo, seja este em contexto académico ou para o público geral, e contém géneros de texto como manuais escolares e panfletos informativos. Por último, os géneros para uso comercial cumprem o seu propósito, direta ou indiretamente, na esfera das trocas comerciais de bens ou serviços, e têm como exemplos textos como contratos ou anúncios publicitários. É importante referir que vários géneros de texto se enquadram em mais do que uma categoria, um exemplo disso são os dicionários (Montalt & González-Davies 2007).

Avançando para uma análise das características comunicativas dentro da medicina, podemos afirmar que esta não está limitada à transmissão de informação altamente especializada entre profissionais. Embora este tipo de interação faça indubitavelmente parte daquilo que se considera uma situação comunicativa, esta designação inclui uma enorme variedade de participantes e de meios.

O conhecimento médico pode ser gerado e absorvido quer por profissionais de saúde e estudantes de medicina, quer por leigos, sejam estes doentes ou não. No que toca a este ponto podem-se diferenciar atos comunicativos pela sua origem, uma característica que também é relevante para o modelo de análise textual de Nord (2005). Se o conhecimento é gerado em laboratórios ou centros de pesquisa e depois transmitido pode dizer-se que vem de “cima para baixo” (*top-down*), enquanto nos casos em que a informação é gerada pelos próprios pacientes, como em questionários ou na descrição de sintomas de um doente para o seu médico, pode-se considerar que vem de “baixo para cima” (*bottom-up*). Para além disso, o conhecimento médico pode também ser apresentado com diferentes níveis de complexidade, desde artigos científicos a reportagens televisivas; pode ser transmitido de forma oral ou escrita e com diferentes níveis de formalidade (Montalt & González-Davies, 2007, s/p.).

Pode então concluir-se que o conhecimento médico é criado através de múltiplas fontes, transmite-se em situações variadas e através de vários meios que podem, ou não,

partilhar características entre si. Esta flexibilidade resulta numa multiplicidade de categorias, resultantes das diferentes combinações dos vários parâmetros descritos acima, vejamos que numa reportagem televisiva focada em entrevistas a pacientes, por exemplo, a informação seria pouco complexa, transmitida de forma oral com pouca formalidade, e recolhida de “baixo para cima”, servindo por isso como uma ferramenta útil para discernir várias características dentro dos textos que se pretende traduzir. Podem ser inferidos através delas quase todos os pontos que Nord (2005) refere quando fala de análise textual para o discernimento do *skopos* de ato de tradução. Pode ser inferida informação sobre pressuposições de conhecimento, composição textual, elementos não verbais, características lexicais, sintáticas e de tom, o autor do texto, a sua intenção, o público alvo, o meio e o porquê da partilha do texto. É importante referir que o propósito do texto de partida e o *skopos* do texto de chegada, e até mesmo o género textual em que se inserem, podem diferir, sendo preciso pesar este facto durante a tomada de decisões no processo de tradução.

Sobre a importância do conhecimento de géneros textuais, especificamente no que toca à comunicação médica escrita em contexto formal, Montalt & González-Davies (2007) dizem:

“[...] comunicação médica escrita em contexto formal é feita através de géneros bem estabelecidos. Estudar géneros textuais médicos e conhecê-los bem – o seu propósito comunicativo; as situações em que são utilizados; as motivações e expectativas dos participantes; a sua estrutura e forma típica – é a chave para tradução médica bem-sucedida” (Montalt & González-Davies, 2007, s/p. Tradução do autor).

Tendo ficado estabelecida a importância do conhecimento sobre géneros textuais, apresentam-se agora as características do género em que se enquadram os textos do P1, e que se irão aprofundar neste relatório. A designação de um determinado texto como “normas de orientação clínica” esteja legalmente dependente de um peso institucional e científico de *peer review* por várias organizações, algo que deixa o autor dos textos do P1 incapaz de lhes dar essa designação oficialmente, estes foram produzidos aderindo a todas as outras características comuns a este género textual,

tendo sido feitos para serem utilizados da mesma maneira e nas mesmas situações (Anexo I).

Fica então estabelecido como o género textual a analisar NOC, ou seja, a segunda tipologia acima apresentada. Os textos que se enquadram nesta designação são documentos como as diretrizes técnico-científicas, destinadas a auxiliar a prática de profissionais de saúde, oferecendo um resumo de informações, recolhidas através de prática científica na área, que sejam pertinentes para a realização de tratamentos ou para o cuidar de pacientes (Carneiro, 2012). Estes textos são escritos por profissionais e destinados a profissionais, ou seja, são feitos de forma sistemática e tendo como objetivo principal a transmissão de informação que influencie as ações de profissionais de saúde, assim como a standardização da prestação de cuidados médicos (Montalt & González-Davies, 2007). Conforme já foi referido, existe também legislação que trata do controlo de qualidade deste tipo de texto, que pode ser aplicada a nível nacional ou internacional, sendo exemplo deste tipo de regulamentação a recomendação 13 de 2001 do Comité de Ministros do Conselho da Europa (Montalt & González-Davies, 2007). Desta descrição podemos inferir também as características gerais da situação comunicativa que acompanharia este género de texto

Tendo definido o que são NOC, como se fazem e quando ocorrem, é possível escrutiná-las segundo as categorias descritas ao longo deste capítulo. Este género cai na categoria de “géneros para uso profissional”, podendo também ser considerado como parte da categoria “géneros para uso educativo”. A situação comunicativa em que ocorre pode ser considerada como sendo formal feita de “cima para baixo”, e os textos que a compõem como sendo especializados, e estando em formato escrito. Isto verifica-se em relação aos textos constituintes do projeto 1.

Estes dados, aliados ao conhecimento das especificidades do projeto, fornecidos pela SGC durante o processo de estágio, podem ser usados para responder às perguntas idealizadas por Nord (2005). A nível extratextual, os textos foram feitos pela equipa do Professor Coordenador da ESEP José Miguel Padilha, e foram feitos com o intuito de serem publicados, por escrito e em formato digital, para instruir outros profissionais da área da saúde sobre o cuidado e tratamento de doentes com DPOC.

O conjunto de textos foi concluído em 2023, em Portugal, mas vai ser disponibilizado internacionalmente, e ficara disponível permanentemente, salvo algum imprevisto. A nível intratextual, o conjunto de textos fala sobre DPOC, mais especificamente sobre métodos de tratamento, cuidados, medicamentos utilizados nos mesmos e da doença em si. Há uma pressuposição da parte do autor do texto de que o leitor tenha conhecimento prévio do significado de termos técnicos e siglas, havendo uma omissão das definições dos mesmos. Estão ordenados por tema, e estão escritos com uma linguagem formal em trechos de texto informativos com tom neutro, fazendo um uso amplo de terminologia específica da área, assim como de algumas imagens, listas e tabelas. Referindo especificamente as imagens e tabelas do P1, Inicialmente a tradução destes elementos ficou estabelecida como uma tarefa que seria entregue posteriormente, e realizada em conjunto com um revisor do SGC e o autor dos textos, no entanto, o aparecimento repentino do P2 fez com que tal não fosse possível, tendo este elemento ficado fora das considerações do processo de tradução exploradas neste relatório. É de interesse referir que as imagens presentes seriam sínteses de informação incluída no texto em que apareciam, sendo, no entanto, independentes do resto do texto, já que tinham como objetivo servir como uma síntese de informação que pudesse ser rapidamente consumida por profissionais de saúde.

3.3. O papel da compreensão textual na tradução e os seus mecanismos cognitivos

Enquanto profissional de tradução, é possível que se fique encarregue de produzir textos cujo conteúdo temático seja de uma área que não se domine?

Não só é esta situação possível, como pode até ser o dia a dia de muitos tradutores. Conforme o que se afirmou anteriormente, um conhecimento especializado da área do saber em que se enquadra tematicamente o texto que se pretende traduzir é favorável, mas não é necessário (Montalt & González-Davies, 2007). O tópico da especialização em tradução de textos de áreas específicas do saber e a sua importância no mundo laboral é abordado, p. ex., num estudo de caso realizado por Muñoz-Miquel *et al.* (2020). Neste estudo foi feito um questionário a um grupo de profissionais da

tradução, composto inteiramente por tradutores especializados na área da tradução médica (Muñoz-Miquel *et al.*, 2020, p.5), no qual era posta a questão, entre outras, de se a hiperespecialização era favorável à versatilidade e ao sucesso no mercado de trabalho.

Neste contexto, hiperespecialização entende-se como “uma forte especialização numa área, tipo de texto ou tarefa específicos” (Muñoz-Miquel *et al.*, 2020, p.8), e versatilidade entende-se como “ser capaz de mudar a própria perspectiva para adaptação a novas situações profissionais e de desenvolver capacidades para dar resposta a novas tarefas e necessidades” (Muñoz-Miquel *et al.*, 2020, p. 8). De entre os participantes no estudo, 80% responderam que ambas as estratégias eram igualmente válidas, enquanto os restantes 20% deram preferência à versatilidade (Muñoz-Miquel *et al.*, 2020). Os resultados deste censo a profissionais mostram que a versatilidade é uma ferramenta importante no arsenal de um tradutor, e parecem mostrar também que a hiperespecialização e a versatilidade não são mutuamente exclusivas (Muñoz-Miquel *et al.*, 2020). Existe sempre a possibilidade de um tradutor sair da sua área de conforto, seja por exigências laborais, recompensa monetária, entre outras.

A absorção e interiorização da informação dentro de um texto, mesmo que este trate de temas fora do seu domínio, é essencial para que um tradutor possa transmitir a mensagem pretendida aos leitores do texto de chegada. A este respeito, Nord (2005) refere que o processo de tradução é normalmente apresentado em dois modelos, um de duas fases e outro de três, acrescentando a estes um modelo que nasce da sua própria interpretação do processo de tradução. Em qualquer um destes modelos, a compreensão do texto de partida é um elemento fulcral.

Começando pelo modelo de três fases como proposto por Nida (1975), este divide-se em “análise”, “transmissão” e “produção”. No processo de análise há uma divisão das unidades gramaticais em objetos (que participam em eventos, como é o exemplo de “cão”, “homem”, “cadeira”), eventos (ações expressas maioritariamente por verbos, como é o exemplo de “nadar”, “voar”, “cozinhar”), abstratos (que tomam várias formas, sejam espaciotemporais, quantitativos, de intensidade ou qualitativos, como é o exemplo de “grande”, “muito”, “tarde”, “aqui”) e relacionais (que relacionam temas entre si, sendo exemplo disso “porque”, “e”, “ou”) (Nida, 1975, p. 81). A inserção de

qualquer unidade gramatical numa destas categorias está dependente do contexto em que estão inseridas no texto de partida, e a sua transmissão para outra língua está dependente do objetivo que lhe foi definido no texto de chegada, sendo por isso o objetivo desta análise não só a compreensão do significado palavras, mas também do contexto em que estão inseridas, isto é, visa-se uma compreensão holística que garanta a compreensão do texto, algo necessário no processo de tradução (Nord, 2005). A partir desta análise formula-se uma estratégia de tradução alinhada com o objetivo do texto de chegada e transmite-se a mensagem de uma língua para outra, que é a segunda fase. A última fase é a produção do texto de chegada, previamente analisado e transferido.

Passando ao modelo de duas fases, este é identificado por Wilss (1982, p. 80) como sendo “desenvolvido com influência da análise estrutural de Koschmieder (1965)”. Neste modelo considera-se que o processo de tradução acontece em duas fases, como o nome indica, uma primeira fase de análise e compreensão do texto na língua de partida, e uma segunda fase de produção do texto na língua de chegada. Também neste modelo a compreensão do texto toma um papel fulcral. Wilss (1982) considera que ao remover a fase de transferência do modelo se cria uma representação mais concisa e mais realista do trabalho de um tradutor. Mais concisa porque põe em evidência o papel do tradutor como primeiro recetor e segundo transmissor da mensagem a traduzir, e mais realista porque remove a ideia de transmissão de Nida (1975), em que o tradutor transforma elementos lexicais em conceitos e depois os passa outra vez a elementos lexicais, que o autor considera ser mais adequado a uma representação de processos de tradução automática. Há, no entanto, uma admissão por parte de Wills (1982) de que também este modelo não consegue exprimir de maneira completa o trabalho de um tradutor, pois não dá o devido valor à dimensão estilística do trabalho de um tradutor.

Em oposição a ambos estes modelos, Nord (2005) propõe uma alternativa a que chama “looping model” (Nord, 2005, p. 36), que de este ponto e em diante será designado de “modelo circular”. A autora fala de várias falhas em ambos os modelos anteriores. Ao modelo de duas fases a autora aponta o facto de que o passo intermédio não deixou de existir, foi apenas reduzido a um processo que se considera automático, vendo o processo de tradução simplesmente como um processo de mudança de linguagem. Para a realização deste processo, o tradutor não requer mais do que a

capacidade de receção da língua do texto de partida, e uma capacidade de produção na língua do texto de chegada. Quanto ao modelo de três fases, Nord (2005) refere que tendo por base a ideia de que a tradução é o concretizar de um ato de comunicação entre participantes que falam línguas diferentes (Komissarov, 1977, citado por Nord, 2005, p.35), põe em causa a ideia do tradutor com sendo tanto recetor do texto de partida e emissor do texto de chegada, visto que esta definição torna necessário que autor do texto de partida se mantenha também como emissor, e se relegue o tradutor a um papel de produção textual, onde este está subordinado ao autor ou emissor do texto.

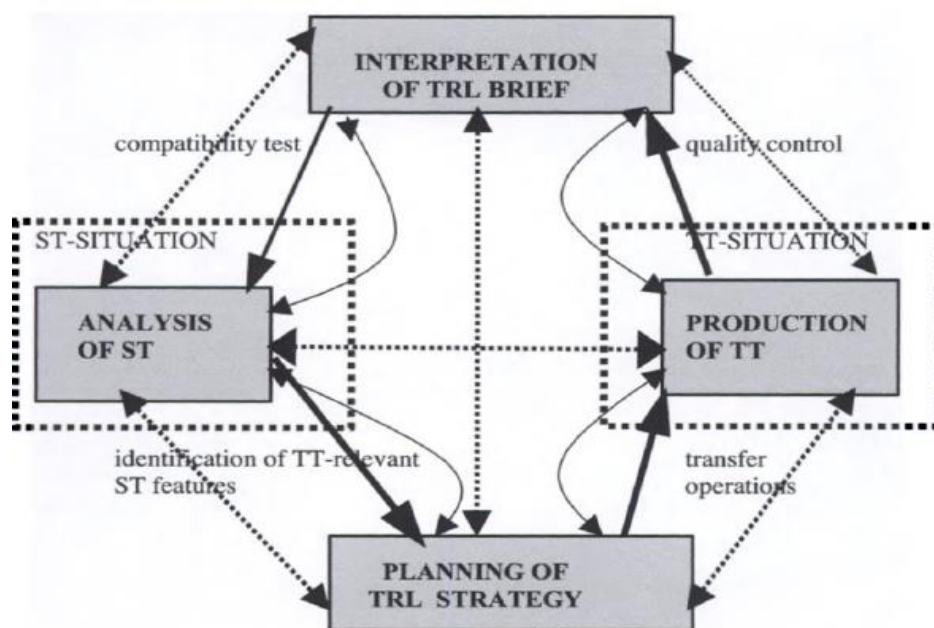
Para além disto, existe uma outra lacuna que Nord (2005, p.35) aponta a ambos os modelos, sendo esta a de que ambos partem do pressuposto de que sendo o objetivo da tradução a transmissão para uma nova situação comunicativa de um propósito que existe no texto de partida, estes veem a análise do mesmo como sendo a única coisa necessária para inferir os critérios aplicados a esta transmissão. Se for tido em conta que é a situação comunicativa em que um texto é transmitido que lhe confere o seu propósito, é necessário ter em conta a situação comunicativa em que o texto de chegada vai ser recebido, tornando-se relevante uma análise que ultrapassa o texto de partida. Esta variação nas situações comunicativas em que são apresentados os textos também impede que um texto tenha um propósito fixo e inerente, sendo mais correto assumir que existe uma grande variedade de texto de chegada oriundos do mesmo texto, mas que acontecem em diferentes situações comunicativas (Nord, 2005).

A proposta do modelo circular começa por estabelecer a necessidade de que o cliente faça uma explicitação da tarefa tradutiva, de um “translation brief” (Nord, 2005, p.36). O “translation brief” serve como forma de garantir que a tradução se adequa aos critérios do cliente, sendo necessário avaliar com base nas regras por ele impostas, o trabalho do tradutor. Partindo desta necessidade, começa a divisão em fases do processo, havendo numa primeira fase uma análise para a estipulação do *skopos* do texto de chegada, inferida das informações dadas no “translation brief”. De seguida, passa-se à fase de análise do texto de partida, que Nord (2005) divide em duas análises diferentes. A primeira, tem o intuito de aferir se na sua generalidade o texto de partida é compatível com os objetivos apresentados no “translation brief”. A segunda é mais aprofundada a todo o texto, na qual um tradutor se foca nos elementos textuais mais

importantes para o *skopos* do texto de chegada, este último averiguado na primeira fase. Parte-se então para a terceira fase, nomeadamente a da produção do texto de chegada, na qual o tradutor adapta os elementos que na sua análise do texto de partida identificou como relevantes para o *skopos*. Segue-se depois a última fase, em que o texto produzido é avaliado com base na sua adequação ao *skopos* estabelecido no “translation brief”, e são feitas as alterações que considerar necessárias. Durante todo o processo de tradução há um processo de revisão e monitorização constante do trabalho, processo que Nord (2005, p.38) descreve como sendo constituído de pequenos “loops” nos quais um tradutor contrapõe todo o conhecimento que vai adquirindo contra a informação adquirida previamente, de maneira que possa através desta confirmar ou desmentir as concepções formadas sobre o conhecimento adquirido previamente. A autora apresenta uma representação visual do modelo circular, que pode ser analisada na figura 12, apresentada abaixo.

Conforme foi possível notar pela análise aos modelos de tradução, a compreensão textual é um ponto considerado central em qualquer um deles. Mesmo no modelo circular, em que a análise do texto de partida é vista como sendo condicionada nos seus critérios ao *skopos*, a capacidade cognitiva para desenvencilhar do texto os elementos pertinentes ao objetivo pretendido requer a assimilação das informações contidas no texto de partida. Sendo a compreensão um fator necessário - ainda que não suficiente - ao processo de tradução, é importante que os mecanismos cognitivos de compreensão textual sejam analisados e entendidos, para que haja facilidade em identificar soluções e estratégias que melhorem a capacidade de um tradutor de absorver conhecimento contido num texto.

Figura 12: Representação do modelo circular do processo de tradução



Fonte: Nord (2005, p.39)

Sobre este assunto, Nord (2005, p.96, tradução do autor) refere que para atingir a compreensão de um texto é necessário relacionar a informação nele contida com a realidade, ou pelo menos com uma “realidade em particular”¹². É necessário então que um recetor do texto associe o conteúdo deste com informação que tenha adquirido anteriormente. Para explicar este processo, a autora cita Scherner (1984), que especifica quatro fatores impreteríveis para a compreensão textual, o “horizonte entre emissor e recetor”, a suprarreferida informação pré adquirida sobre o mundo; a “competência linguística”, o domínio da linguagem; a “situação comunicativa” em que o texto é transmitido, correspondente à descrição feita num capítulo anterior, um conjunto dos fatores extralinguísticos; e o “com-texto”, as características da forma linguística em que são apresentados os outros fatores. A compreensão de um texto acontece então quando este é apresentado num “com-texto” e numa determinada situação comunicativa, que é então analisado por alguém com a “competência linguística” necessária para o fazer, que depois estabelece ligações entre o seu “horizonte” e a nova informação adquirida (Nord, 2005, p.97, tradução do autor).

¹² É possível compreender textos que falem de realidades alternativas, por exemplo, a frase “o atual rei de França é careca” é completamente compreensível, no entanto não fala da realidade em que vivemos, visto que a França, à data de escrita deste relatório, não tem rei

É possível ver a relação entre esta descrição das características dos mecanismos cognitivos de compreensão textual e aquela referida por Montalt & González-Davies (2007), que bebem das obras de Kintsch (1998), Jackendoff (1994), Wilson (1994) e Brown (1994) para delas retirarem um conjunto de conclusões sobre o tema, que se passarão a explicitar. Primeiramente, enunciam que o texto em si fornece uma quantidade limitada de informação à partida, e como tal, é impreterível que se façam inferências quanto ao seu significado; inferências estas que são tomadas com base no conteúdo do texto, da situação comunicativa em que este é apresentado e em conhecimento prévio que se tenha sobre as temáticas do texto. Este processo de inferência de significado passa pela construção de uma representação mental da informação contida no texto, representação essa que nasce não só do texto, mas também da forma como o leitor se relaciona com este a nível pessoal, algo que acontece quando este passa pelo caleidoscópio da sua visão do mundo e das suas emoções.

A compreensão acontece quando o leitor relaciona estes elementos cognitivos uns com os outros, suprimindo desta representação mental de informação, elementos cognitivos que, por algum motivo, não se enquadram com o padrão de relações criado. É importante notar que o motivo que leva alguém a ler um texto influencia a sua interpretação do mesmo, pode levar a que haja um foco em informação relevante ao propósito de leitura, e supressão de informação menos relevante. Podemos reconhecer neste processo mental um paralelismo com a análise textual orientada para o *skopos* do texto de chegada referida por Nord (2005). O tradutor aborda a compreensão de um texto com um propósito que molda e guia o seu entendimento. Da mesma forma, alguém que tente compreender um texto traduzido o faz com uma intenção própria, que moldam como este o aborda. Esta forma de ver a relação leitor-texto reforça a importância que situação comunicacional em que um texto se apresenta têm para a forma como este é interpretado, e no caso de um tradutor, nas decisões que se tomam durante a sua tradução.

A variação que os processos cognitivos do entendimento causam na compreensão textual ressoam também com a visão de Reiss e Vermeer (1984), que propõem que se veja uma tradução como uma proposta de informação que é feita sobre uma proposta de informação sobre o texto de partida. Isto por sua vez reforça a

necessidade de um “translation brief”, que estabeleça à partida qual proposta de informação é que o tradutor deverá transmitir, e que permitirá ao tradutor inferir que partes desta são relevantes para a proposta de informação que será produzida sobre ela.

Analisados os mecanismos cognitivos de compreensão textual, é possível verificar que a experiência pessoal e o conhecimento prévio sobre o assunto de que trata o texto têm influência na maneira como se interpreta um texto. Esta influência causa variações, variações estas que pedem que se pergunte se é possível categorizar os diferentes tipos de “entendedor”. A esta pergunta Wade (1990) dá uma resposta afirmativa, baseando-se num estudo feito com crianças em idade escolar, no qual lhes foi pedido que descrevessem a sua linha de pensamento enquanto liam vários textos divididos em secções, estando estes escritos de tal forma a que a informação necessária à compreensão total do conteúdo só fosse completamente revelada na última secção.

Com este método Wade (1990, pp. 444-448, tradução do autor) distinguiu cinco categorias. Identificou tipos diferentes de “entendedores”, os “bons entendedores”, que define como aqueles que vão formando opiniões enquanto leem o texto, mas têm o cuidado de as irem contrapondo com o texto à medida que absorvem nova informação para decidir se estas mudam ou não. Destaca também aqueles “que não tomam riscos”, que não criam pressuposições sobre nada que não esteja expressamente escrito no texto e identificou ainda os “impositores de *schema*”, que define como aqueles que tentam forçar o texto a encaixar numa previsão inicial, sem ceder a novas informações que a contradigam. Consegue também diferenciar os “não integradores”, isto é, aqueles que formam opiniões sobre cada parte do texto individualmente, sem relacionar a nova informação com a que já leram e, finalmente, os “contadores de histórias”, que relacionam a informação do texto às suas experiências anteriores sem relacionar, sem relacionar as suas experiências ao texto. É importante notar que a autora aponta a este método de teste algumas fragilidades, como por exemplo, o facto de que a maioria dos textos não seguir a estrutura extremamente específica dos textos utilizados, e que pedir a crianças que descrevam a sua linha de pensamento pode causar alterações às estratégias de compreensão que utilizam habitualmente.

Novamente Montalt & González-Davies (2007) referem estas categorias para afirmar que um tradutor na área da medicina deve aspirar ser um “bom entendedor”,

frisando a importância que a criação de bons hábitos de leitura tem nesse processo. Entre estes hábitos Montalt & González-Davies (2007) destacam, tentar formar uma hipótese sobre o significado do texto sem recorrer imediatamente a dicionários; contrapor sempre as hipóteses criadas à informação que se vai adquirindo do texto; fazer previsões sobre o conteúdo das partes do texto que ainda não foram lidas, mesmo que estas acabem por não se confirmar; e, por último, no caso de as previsões que foram feitas não sejam confirmadas, fazer uma autorreflexão incidente sobre se as experiências contrapostas ao texto, o conhecimento já recolhido e a compreensão geral que se ganhou do texto fazem sentido.

A complexidade inerente ao ato de compreender, seus mecanismos e suas designações, é um espelho para a complexidade do ato de traduzir. A compreensão é necessária à tradução, seja esta do conteúdo do texto de chegada, das situações comunicativas em que é apresentado, das situações comunicativas em que o texto de chegada será apresentado, das regras gramaticais e do vocabulário pertinente das línguas de trabalho, do contexto sociocultural do país onde o texto nasce e do país onde a tradução será lida, entre outras coisas. A importância da compreensão para a realização do trabalho de traduzir, reforçada pela multiplicidade de fatores que devem ser compreendidos, pedem que se pense ativamente nos mecanismos que se utilizam, muitas vezes inconscientemente, para a atingir. Da mesma forma que uma criança que raciocina em voz alta pode alterar a sua estratégia de pensamento, também um pensamento ativo sobre a forma como se compreende pode ajudar um profissional da tradução a mudar as suas estratégias e a melhorar o seu trabalho. Esta ideia reforça-se com o facto de que, para além da sua própria compreensão, um tradutor deve também pensar na compreensão de um futuro leitor do texto que está a traduzir, algo que, mais uma vez, beneficia da compreensão dos mecanismos cognitivos de compreensão por parte do tradutor. Durante a realização do P1, foi necessário adquirir atempadamente conhecimento sobre a área da medicina, e foi de especial importância o processo de análise e compreensão não só dos textos que o constituíam, mas também dos variados textos especializados, mais ou menos acessíveis, que foram lidos no processo de investigação que era realizado paralelamente. Só um bom conhecimento da forma como

se assimila informação permitiu retirar de forma rápida a informação pertinente contida nesses textos utilizados para pesquisa.

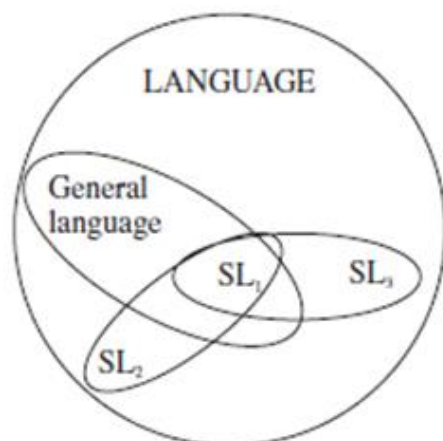
3.4. Terminologia Médica e uma Linguagem Especializada

A comunicação advinda de especialistas dentro da área da medicina é feita dentro daquilo a que se pode chamar uma linguagem especializada. As delimitações exatas da definição de “linguagens especializadas” (Faber *et al.*, 2012, p.73) são tema de contenção entre académicos (Nagy, 2015), mas considere-se que linguagem pode ser descrita como um código, e que línguas específicas são um conjunto de subcódigos¹³ usados conforme as necessidades comunicativas de falantes da língua que está a ser utilizada (Cabré, 1999). ‘

Pegando nesta descrição, é possível designar como “linguagem geral” o conjunto de regras, unidades e restrições conhecidos pela grande maioria dos falantes de uma língua (Cabré, 1999, p.59). Esta distingue-se das referidas “linguagens especializadas”, cujas especificidades são partilhadas apenas por uma parte da população, e que pode ser descrita como um conjunto de subcódigos específicos, caracterizados pela partilha de certas particularidades, tais como a área temática, a situação comunicativa em que ocorrem, o tipo de participantes que nela incorrem e as intenções destes (Cabré, 1999, p.59). Embora seja feita esta distinção, é importante notar que linguagens especializadas têm elementos em comum com a linguagem geral, e que tanto as primeiras como a segunda estão englobadas na linguagem como um todo (Cabré, 1999). Podemos ver uma representação disto na figura 13.

¹³ Entende-se por subcódigo um estilo ou forma de comunicação partilhado por membros de um grupo, inseridos numa subcultura específica (Oxford Reference, 2024).

Figura 13: Representação da interceção de elementos entre diferentes tipos de linguagem



Fonte: retirado de Cabré (1999, p.66)

Analisando de forma diacrónica as particularidades de linguagens especializadas, as áreas temáticas que tratam são consideradas como sendo conhecimento que está por fora do conhecimento geral da população, e como tal são utilizadas para produção de textos apenas por especialistas. Note-se que embora a produção de textos - utilizando linguagens especializadas - esteja restrita aos que já as dominam estes textos, os mesmos podem também ser destinados a um público menos especializado, que vai adquirindo com a leitura, conhecimento sobre a área temática, e, por conseguinte, sobre a linguagem especializada que lhe está associada (Cabré, 1999).

Esta possibilidade de variação do público-alvo de um texto escrito numa qualquer linguagem especializada existe porque os parâmetros que as definem não são inflexíveis. De facto, dentro de textos escritos na mesma linguagem especializada pode haver variações no grau de abstração, isto é, no quão especializada é a linguagem utilizada (Cabré, 1999). Pense-se por exemplo na diferença entre um artigo científico e um panfleto informativo, destinado à população geral, que trate do mesmo tema. No exemplo utilizado, podemos ver que as variações de abstração implicam também a possibilidade de variações no propósito comunicativo da mensagem. Em reforço à ideia da linguagem especializada como veículo de transmissão de conhecimento médico, é possível verificar que as variações referidas espelham as variações existentes entre as diferentes situações comunicativas e os géneros textuais dentro de textos na área da medicina, mencionadas anteriormente.

As especificidades deste tipo de linguagem influenciam o processo de tradução. É importante notar que esta influência vem não só das características específicas da terminologia, área temática, tipos de texto e características das situações comunicativas, mas também do conhecimento especializado que o público alvo tem sobre estas mesmas características (Faber *et al.*, 2012). O trabalho de um tradutor ao traduzir este tipo de texto vai para além da procura de equivalências terminológicas.

O facto de não ser o único ponto de foco do processo não quer dizer que na tradução, e especialmente na tradução de textos de cariz técnico e científico, a tradução correta de termos não tome um lugar de especial importância. Isto verifica-se também no caso da tradução médica. Tradutores da área devem ter um cuidado redobrado aquando da tradução deste tipo de elementos textuais.

Um termo pode ser definido como “um símbolo convencional que representa um conceito dentro de uma área particular do saber” (Cabré, 1999, p. 80), sendo que se concebe um símbolo como sendo algo – sendo esse algo, caso dos projetos explorados neste relatório, construções lexicais - que transmite algum tipo de informação. Além de cuidado na tradução de termos, um tradutor médico deve ter em conta outras unidades de conhecimento especializado. De entre este tipo de elementos, Montalt & González-Davies (2007) identificam como sendo de especial interesse para um tradutor primeiro, abreviaturas variadas, como as referentes a doenças ou componentes químicos; segundo, caracteres de cariz matemático ou que estejam relacionados a conceitos da área da medicina, a doenças, entre outras coisas. Já sobre termos, Montalt & González-Davies (2007) afirmam que estes são compostos por uma denominação, a sua forma linguística, e por um significado específico, um conceito que é atribuído a esta denominação.

A importância da terminologia na área da medicina, quando exposta à globalização dos mercados, a maior partilha internacional de conhecimento e a atividade comunicativa de organizações como a Organização Mundial de Saúde (OMS) levam a que haja um esforço, por parte de várias organizações, para a standardização da terminologia na área da medicina (Montalt & González-Davies, 2007). Quando numa área do saber se encontra um conjunto de termos catalogados e standardizados de acordo com o aval da comunidade científica, pode dizer-se que este conjunto pode ser

designado de nomenclatura de uma certa área (Montalt & González-Davies, 2007). Uma nomenclatura serve como apoio a uma comunicação precisa, onde se procura evitar sinonímia, ambiguidade, polissemia, eponímia e homonímia. Para além disso, facilitam a pesquisa e a obtenção de conhecimento em sistemas informação, uma vez que os termos que a compõe são categorizados com base nas suas características semânticas e na relação que estas características estabelecem com as de outros termos, formando uma base quase que taxionómica de informação (Montalt & González-Davies, 2007).

Para um tradutor, é importante que se esteja ao corrente das nomenclaturas das áreas para as quais se traduz, no entanto, Montalt & González-Davies (2007) ressaltam que devido à relação do tradutor com os textos que traduz como atos de comunicação, ao invés de repositórios de informação, o trabalho de tradução não implica que se imponha o uso estandardizado de termos, embora isto não impeça o seu uso quando requerido pelo *translation brief*. De facto, pode até ser pedido que se utilizem denominações diferentes daquelas que estão estabelecidas por nomenclaturas da área. Um cenário hipotético que pode ser dado como exemplo disto mesmo seria uma situação em que um tradutor, a pedido do cliente, utilize numa determinada tradução a denominação popular “doença dos pezinhos”, ao invés do nome “polineuropatia amiloidótica familiar”.

O esforço para uma estandardização não impede então que exista variação terminológica. De facto, sobre este tipo de variações, tomem-se as palavras de Montalt & González-Davies (2007). Vejamos que “A terminologia médica não é estática nem uniforme (relações um para um entre conceito e forma linguística) [...] nem é simétrica entre linguagens [...] muda no espaço (entre linguagens e culturas) e no tempo.” (Montalt & González-Davies, 2007, s/p.).

Existem então várias possibilidades de variação da terminologia na área da medicina, seja interlinguisticamente seja intralinguisticamente, o que faz acrescer as dificuldades inerentes à procura de equivalências terminológicas entre palavras a necessidade de lidar com estas variações, sendo importante para um tradutor estar ciente das causas destas variações e das formas que podem tomar (Montalt & González-Davies, 2007). É importante referir que, a causa de muitas variações partirá das origens etimológicas gregas ou latinas de termos, já que existe uma grande prevalência de

termos com esta origem na área da medicina, sejam estes termos sufixos, prefixos, palavras ou expressões. Embora seja a causa de variações, esta prevalência de etimologia grega e latina joga a favor do tradutor, pois como já foi referido, um conhecimento das raízes etimológicas ajuda, em muitos casos, a que se deduza o significado de termos desconhecidos. No P1, é possível ver os exemplos do prefixo “anti-”, presente em variados termos (antitússico, antibiótico, anti-histamínicos), que dá ao tradutor a informação de que o termo faz referência a algo que serve para tratar ou impedir aquilo a que o resto da palavra faz referência, ou, outro exemplo também bastante prevalente no P1, do prefixo “bronc-” ou “bronqu-”, que dão a informação que o termo estará relacionado com os brônquios. Estas pistas partilham informação que pode ser preciosa quando se lida com termos desconhecidos, sendo que, conforme já foi referido, um tradutor na área da medicina deve tentar familiarizar-se com os prefixos e sufixos latinos e gregos mais recorrentes.

Intralinguisticamente, uma causa de variações terminológicas pode ser o acontecimento de novas descobertas dentro da área, que resulta na criação de neologismos que lhes sejam referentes (Montalt & González-Davies, 2007). Para além da criação disso, a medicina, como muitas áreas do saber, evolui com o tempo, e está sujeita a mudanças paradigmáticas que obrigam à alteração de termos já estabelecidos. Este tipo de alterações também pode ser impulsionado por questões sociais. Pode ser referido como exemplo de uma alteração feita por ambos os motivos o caso da gripe H1N1. Inicialmente identificada como uma variante de uma doença característica de suínos, ficou rapidamente conhecida como gripe suína. Pouco depois, a descoberta de que esta vertente específica do vírus não se transmitia de animais para seres humanos, aliada a uma pressão por parte de produtores de gado, que viram uma queda nas vendas causada pela associação do produto ao nome da doença, levou a que a Organização Mundial de Saúde (OMS) recomendasse a designação H1N1 (Santiago, 2010). A evolução do conhecimento é inevitável, sendo importante que um tradutor se tente manter ao corrente de novas descobertas em qualquer área em que trabalhe frequentemente, de forma a lidar com este tipo de variações.

Estas variações podem ter a sua base na sinonímia das palavras, que pode causar dificuldades ao tradutor, quer na compreensão do texto de partida, quer na produção

do texto de chegada. Uma das origens possíveis deste tipo de variação da adaptação de processos, tipos de tratamento ou nomes de doenças recém-descobertos por uma cultura diferente da cultura que os desenvolveu ou descobriu. Isto acontece que diferentes organizações ativas na área da saúde desenvolvem designações originais na cultura de chegada, sem que haja o cuidado ou a possibilidade de saber se outra organização já tem uma designação estabelecida (Anexo I). Embora seja possível que, apercebendo-se dos múltiplos nomes dados a um determinado conceito, haja um esforço por parte das instituições para estabelecer uma nomenclatura que lhe seja relativa, pode também dar-se que tal não aconteça. Para além de complicar o trabalho de tradutores, outro resultado disto é a possibilidade de instituições que lidem com a transmissão deste tipo de informação, centros de pesquisa e estabelecimentos do ensino superior, causem uma cisão sobre a designação de certos conceitos baseada no local de formação de um profissional de saúde. Podemos ver um exemplo de sinonímia num dos termos presente no P1¹⁴, “estertor”, que em inglês pode ser designado tanto por “stertor” como por “death rattle”.

Também não é incomum que haja a ocorrência de falsas sinonímias (Montalt & González-Davies, 2007). A partilha de um só significado por mais do que uma representação linguística pode acontecer por vários motivos, a começar pela partilha de significado entre vários prefixos ou sufixos latinos e gregos; pode também ser devida à existência de várias designações científicas ou latinas equivalentes, que servem de sinónimo não só entre elas mas também para as suas contrapartes populares, ou vice versa; outra fonte disto é a existência de diversos nomes para os mesmos medicamentos; e finalmente a existência de acrónimos e das suas designações por extenso. A falsa sinonímia pode ter várias fontes, e pode ter vários graus. Termos “quase sinónimos” (Montalt & González-Davies, 2007, s/p.) advêm de termos que sejam variações de grau ou tipo da mesma coisa, como por exemplo “disease” e “disorder”. A falsa sinonímia pode nascer de duas fontes: primeiro, da diferença entre um termo que represente algo geral e outro que represente uma parte específica dessa designação, por exemplo, a relação entre artéria e artéria aorta; segundo, de uma interceção parcial de significado

¹⁴ Quase todos os termos que forem identificados como sendo exemplos de termos presentes no P1, pode ser visto no glossário bilingue feito para o P1, incluído em anexo neste relatório.

entre os termos, como por exemplo género e sexo (Montalt *et al*, 2007). Um exemplo de falsa sinonímia presente no P1 são os termos “inhaler” e “soft mist inhaler”.

Outro tipo de variação que pode ser encontrado no processo de tradução é a polissemia. Tal como os termos sinónimos, termos polissémicos podem ter a várias origens. Pode dar-se o caso de, tal como na sinonímia, de surgirem devido às raízes gregas ou latinas das palavras, sufixos ou prefixos, por exemplo, o termo língua pode fazer referência ao órgão ou a uma linguagem. Podem também acontecer que seja o uso de acrónimos a causa de polissemia, dando Montalt & González-Davies (2007, s/p.) o exemplo do acrónimo “BAL”, que pode significar tanto “blood alcohol level”, como “broncho-alveolar lavage”. Para além destas fontes, a polissemia pode advir de termos que ganhem novos significados quando combinados com outras palavras ou elementos lexicais, como é o exemplo de “braço” quando é usado em “braço de ferro” ou “braço de macaco”. Mais uma vez, usa-se como exemplo a palavra “inhaler”, que pode referir-se tanto a um tipo específico de inalador, como a um inalador no geral.

Outro tipo de relação, menos frequente, é a relação de homonímia. Montalt & González-Davies (2007) referem que esta, quando ocorre, se deve geralmente a uma coincidência de raízes latinas e gregas, dando como exemplo o caso do prefixo “acu-”, que pode fazer referência tanto a agulhas como à audição. Não se reconheceu que entre os termos do P1 existisse este tipo de relação.

Não são só as variações intralinguísticas que devem ser analisadas, as variações interlinguísticas devem também ser tomadas em consideração. Estas podem tomar formas semelhantes às variações intralinguísticas. Revisitando as bases comuns a ambas as variações, começando com a sinonímia, esta pode dar-se devido à existência de palavras emprestadas, como a palavra “stress”, que apareceu representada no P1, ou devido a uma partilha de raiz etimológica de uma palavra, como na palavra amigo na língua portuguesa e espanhola. Já quanto à polissemia, esta pode ser a causa de dificuldades devido a existência de termos que sejam polissémicos numa língua, mas noutra não, como é o caso da palavra venenoso que quando traduzida para inglês, pode querer dizer tanto “poisonous” como “venomous”. No P1, pode ver-se como sendo exemplo disto a palavra “medicamento”, que pode ser traduzida tanto para “medication” como para “drug”.

Concomitantemente às formas comuns de ambos os tipos de variações, as variações interlinguísticas tomam formas que lhes são próprias. Podem, por exemplo, tomar a forma de diferenças ortográficas relativas a morfologia, sejam estas derivadas quer da expressão linguística de fatores como género ou quantidade, quer de uma diferença ortográfica na escrita de sufixos e prefixos de origem grega ou latina. Outro tipo de variações interlinguísticas que pedem especial cuidado são as ocorrências de termos que sejam “falsos amigos”, ou seja, que tenham formas semelhantes tanto na língua de partida como na língua de chegada, mas significados completamente diferentes. Entre o português e o inglês, pode ver-se o exemplo das palavras constipação e “constipation”, que embora sejam semelhantes na forma, têm como equivalente na outra língua “cold” e prisão de ventre, respetivamente (Montalt & González-Davies, 2007). Podemos ver um caso em que esta relação de falsa amizade poderia ter causado dificuldades no P1, o da expressão “volume expiratório forçado no primeiro segundo”, referente a um exame que pode ser feito a pacientes, passa a “forced expiratory volume in 1 second”. A diferença entre a tradução de “primeiro segundo” para a tradução direta “the first second” ao invés de “1 second” é mínima, mas torna o termo incorreto, ainda que provavelmente perceptível para um recetor versado na área. Outro exemplo interessante é o do termo “receita médica”, cuja tradução direta para “medical recipe” embora natural a um falante da língua portuguesa, é incorreta, sendo que deve ser traduzido para “medical prescription”, ou simplesmente “prescription”.

Há também variações de foro cultural. Diferentes culturas, com linguagens diferentes, diferem também na forma como estruturam a terminologia da área da medicina (Montalt & González-Davies, 2007). Estas variações podem mostrar-se pela existência, ou não, de designações populares de certas doenças, e da forma que estas designações tomam. Pode também dar-se o caso de haver variações a nível do tom que a escrita médica toma, referindo Montalt & González-Davies (2007) que uma frase que pareça a um espanhol demasiado informal, pode estar na verdade escrita num registo completamente aceitável se estiver escrita em inglês. Veja-se, em relação ao P1, o exemplo referido anteriormente de “stertor” e “death rattle”.

Por último, é também possível que um termo médico tenha um significado completamente distinto noutra língua, ou que não tenha equivalente de todo. Veja-se o

exemplo da palavra “schizophrenia”, que não partilha o significado entre o francês e o inglês, ou o caso da língua alemã, que não tem uma designação para os nós dos dedos (Montalt & González-Davies, 2007). Um exemplo disto que pode ser visto no P1 é o da palavra “tabágica”. Tabagismo, sendo referente à designação de alguém que fuma tabaco, tem como equivalente direto no inglês, embora de uso pouco corrente, a expressão “tobacco use”, no entanto, “tabágica” ou “tabágico” como adjetivo referente não tem uma equivalente direta, sendo que a expressão “sessação tabágica”, frequente no P1, deve ser transposta para “smoking cessation”, onde perde a sua especificidade referente ao ato de ser fumador em si, retendo apenas uma relação geral com o ato de fumar.

Entre todas as variações terminológicas possíveis, aquelas que são mais transversais a todos os tipos de tradução são as variações entre tipo de texto e situação comunicativa. Na tradução de termos, tal como em todas as outras partes do processo de tradução, estes fatores condicionam o processo de tomada de decisões. Veja-se o exemplo de um termo referente a uma qualquer doença, que pode ser traduzido para a sua forma científica na tradução de um texto mais técnico, mas na tradução de um panfleto direccionado à população geral pode ser passado para a sua forma popular. A tomada de decisões pode ser afetada também pela natureza do cliente, sendo exemplo disso a OMS, que tem preferências específicas pela nomenclatura de medicamentos que diferem das preferências de outras organizações. (Montalt & González-Davies, 2007). No P1 houve, em vários momentos, o uso de acrónimos específicos da área da medicina. O facto dos textos a traduzir terem como publico alvo profissionais da área da saúde fez com que fosse tomada a decisão de manter os acrónimos equivalentes, ao invés de os apresentar por extenso.

Pode-se aferir que as formas que tomam as variações terminológicas em textos da área da medicina são múltiplas e diferenciadas, e causam um conjunto igualmente variado de problemas, problemas estes cuja resolução não é inerente aos termos que se pretende traduzir, mas sim dependente do contexto em que estes nos são apresentados. Esta importância do contexto, tipo de texto e situação comunicativa espelham mais uma vez a importância de uma tradução orientada para o *skopos* para a tomada de boas

decisões durante o processo de tradução de um texto. Estes elementos são transversais a todos os tipos de tradução.

Note-se, no entanto, que a tradução de textos escritos em linguagens especializadas, seja pelas suas características estilísticas ou exigências terminológicas, pedem mais de um tradutor que as competências transversais já referidas e um domínio das línguas de trabalho. Pedem que um tradutor adquira de forma rápida conhecimento relativo áreas do saber complexas, com as quais pode não estar familiarizado, e que este conhecimento seja profundo que chegue para lhe dar o domínio terminológico necessário para lidar corretamente com os desafios apresentados. A tradução deste tipo de textos requer que um tradutor conheça e domine tanto estratégias gestão terminológicas, como métodos de aquisição de conhecimento (Faber *et al.*, 2012).

4. DPOC

4.1. Análise textual do P1 utilizando o modelo de Christiane Nord

O P1 foi o projeto que marcou todo o período de estágio, seja pela dimensão do seu propósito, que, segundo foi transmitido aos tradutores, seria o de ser partilhado com a comunidade internacional, seja pelos desafios que foram surgindo durante o a produção dos textos de chegada. Este capítulo trata da análise ao P1, começando com uma análise textual segundo o modelo apresentado por Nord (2005), seguindo para a análise dos problemas que marcaram o processo de tradução, sendo estes o processo de conseguir uma compreensão adequada do conteúdo dos textos e a abordagem aos desafios de tradução de termos técnicos da área da medicina.

Uma análise plena do P1 deve começar com a informação que foi dada ao tradutor no *translation brief* que o antecedeu. Reiterando brevemente a informação já apresentada em capítulos anteriores, os tradutores foram informados que teriam de traduzir o P1 de português para inglês (variante não especificada), com o propósito de as traduções serem posteriormente publicadas online, e para que fossem utilizadas por profissionais de saúde e estudantes na área da enfermagem. Os tradutores estagiários

foram também informados que as suas traduções iriam passar por um processo de revisão cuidadoso. Inicialmente não houve especificações ao nível de preferências incidentes na forma de tradução de certas expressões ou palavras, sendo que foi deixado claro que estas poderiam surgir. Uma exceção foi o pedido de que, quando possível, os tradutores evitassem utilizar nomes científicos (entenda-se, em latim) na sua tradução, e que houvesse uma tentativa de evitar o uso de especificadores de género, sempre que possível. Mais tarde juntaram-se a estas especificações, outras referentes, por exemplo, à tradução de “objetivos de aprendizagem” (“objectives”), e de “ele/ela” (“he/she” ao invés de “they”). Por último, foi referido que quaisquer figuras incluídas no P1 seriam traduzidas posteriormente, com auxílio do autor dos textos.

Para além da análise do *translation brief*, é necessário identificar as características específicas do género textual em que o P1 se insere, que já estabelecemos ser “normas de orientação clínica”. Tentando não reintroduzir informação previamente apresentada, estas podem ser definidas da seguinte forma:

“Normas de orientação clínica devem transferir investigação biomédica pertinente para o consultório [...] Portanto, normas de orientação clínica [...] são instruções sistematicamente desenvolvidas para ajudar profissionais de saúde e pacientes a tomar decisões sobre os cuidados de saúde adequados para circunstâncias clínicas específicas. Estas dão indicações concisas sobre prática clínica [...] Portanto, NOC são documentos escritos por equipas de especialistas para especialistas, sendo normalmente desenvolvidas por grupos multidisciplinares de investigadores e dirigidas a profissionais de saúde. O seu principal propósito é dar recomendações explícitas, criadas com o propósito de influenciar as ações de médicos” (Montalt & González-Davies, 2007, s/p. tradução do autor)

Desta descrição, retiram-se várias características importantes. Primeiro, as NOC são textos feitos para especialistas, embora possam ser lidos por pacientes, são concisas na forma de apresentação de informação, que é redigida com o propósito específico de influenciar o trabalho de profissionais de saúde. De facto, esta forma concisa de apresentar informação é importante quando se redigem NOC, já que se deve ter em conta que os seus recetores poderão estar em contexto hospitalar, e por isso ter tempo limitado para leitura (Anexo I).

Desta análise ao *translation brief* e ao género textual visado, é possível inferir vários elementos dos textos do P1. Abordemos primeiro aquilo que pode ser inferido sobre os fatores extralinguísticos. Sabemos que o seu emissor é a ESEP, sendo o esforço de transmissão encabeçado pelo autor dos textos, e que o seu propósito é a transmissão de informação pertinente a cuidados de saúde relativos à DPOC. Sabemos também que o P1 é um conjunto de documentos escritos¹⁵ que existem em formato digital, cujos recetores primários serão especialistas na área da medicina, sendo, no entanto, possível que estes sejam lidos por pacientes. Estes textos foram redigidos com o intuito de serem publicados, mas também com a intenção de serem utilizados na formação de novos profissionais de saúde (Anexo I), tendo sido redigidos em Portugal e até ao ano de 2023, data em que começa o processo de tradução. É importante notar que embora se considere que os recetores serão profissionais da área de medicina, os textos constituintes do P2 apresentam vários níveis de complexidade, que se deve a uma adequação de certos textos a estudantes da área ou a profissionais de saúde com menos experiência (Anexo I). Assume-se que os recetores do texto, dadas as características apresentadas acima e as convenções do género textual, deem ao texto uma função que se coadune com o seu propósito, ou seja, que leiam o texto com o propósito de obter informação ou aprender sobre cenários clínicos específicos relacionados com o cuidado de doentes com DPOC.

Analisemos agora os fatores intralinguísticos. Começando pela temática do P1, pode dizer-se que, no geral, este trata de medicina, e mais especificamente de cuidados de saúde a doentes de DPOC. Esta temática abre já portas para que se formem suposições sobre vários pontos, incluindo a terminologia utilizada nos textos, e as circunstâncias em que este será apresentado. O conteúdo do P1 são instruções de como realizar certos métodos de cuidado e tratamento da DPOC, ou exposições das suas características e dos sintomas da doença. Estes tratamentos são aqueles que o autor do

¹⁵ Foi-nos, posteriormente ao estágio, dada a informação de que os textos do P1 terão todos um equivalente audiovisual, sobre a forma de um vídeo educativo, no entanto, tanto os textos como os vídeos podem ser utilizados de forma independente, já que abordam exatamente os mesmos temas e apresentam a mesma informação (tendo os vídeos, claro, a representação visual de tudo o que é descrito nos textos) (Anexo I). Dada a omissão desta informação no *translation brief*, não fazerem parte do P1 conforme este foi apresentado durante o período de estágio, a impossibilidade de aceder aos vídeos e a aparente não dependência dos textos para com eles, esta componente será ignorada neste relatório, salvo esta nota informativa.

texto - e implicitamente a ESEP - considera como sendo atualmente os mais adequados para o tratamento de doentes com DPOC, o que implica que o conteúdo faça referência a realidade objetiva em que vivemos. Para além disso, todo o P1 apresenta uma ligação à temática da DPOC, e cada texto individual apresenta uma ligação interna à parte específica do cuidado da doença que aborda. Há uma prevalência do uso de frases declarativas, na sua maioria compostas, que transmitem a informação de forma sucinta, reforçando os textos como sendo conjuntos de instruções ou caracterizações. Isto pode ser verificado ao olhar para figura 14, na qual está representado um trecho de um dos textos que compunham o P1.

Podemos também fazer inferências relativamente à suposição de conhecimento claramente visível na figura 14, onde a referência a exames clínicos por nome, sem que estes venham acompanhados de uma descrição, se adequa à caracterização suprarreferida dos recetores primários do documento como profissionais de saúde. Existem, no entanto, variações relativamente a este fator que se enquadram nas variações entre recetores suprarreferidas.

Figura 14: Trecho de texto pertencente ao P1

Reabilitação respiratória na comunidade em contexto de ginásio - Aspectos centrais

Objetivos de aprendizagem: conhecer e identificar os aspetos centrais associados à estruturação de um programa de reabilitação respiratória em contexto de ginásio em Cuidados de Saúde Primários.

O que sabemos:

1. Os resultados obtidos com os programas comunitários de reabilitação respiratória são sobreponíveis aos resultados obtidos com os programas hospitalares^{1,3,4,17}
2. Os programas de reabilitação respiratória efetuados no domicílio podem ser tão efetivos quanto os programas desenvolvidos em contexto comunitário e hospitalar²
3. A monitorização dos ganhos deve incluir:
 - a. A avaliação funcional (Teste de 6 Minutos de Marcha - 6WMT^{1,3,4,8}, Teste Incremental de Marcha Controlada - ISWT¹, Teste de Levantar-Sentar – STS^{5,15})

Fonte: O autor

Em relação à composição do P1, a nível macroestrutural é possível verificar que este está dividido em vários textos individuais, todos com a mesma estrutura, e que cada

um trata de uma parte específica do cuidado de doentes com DPOC. Alguns dos temas são abordados ao longo de vários textos, sendo possível organizá-los em sub-temáticas dentro da temática do texto, a que chamaremos capítulos. Por exemplo, existem quatro textos relativos à cessação tabágica, três relativos à ventilação não invasiva, oito referentes a estratégias de conservação de energia, entre outros.

A forma como estes capítulos se relacionam entre si varia. Certos capítulos apresentam conteúdo tematicamente ligado, mas que não é dependente da informação dos outros textos constituintes, outros apresentam uma relação semelhante com a exceção de uma subordinação a um texto que serve de introdução à subdivisão temática tratada pelo capítulo. Por último, alguns destes capítulos apresentam a informação quase que sequencialmente, dando o exemplo do capítulo que trata de ventilação não invasiva. O primeiro texto dentro desta sub-temática é introdutório à técnica de tratamento, em que consiste e os seus benefícios, que se segue de um texto que especifica como esta deve ser aplicada e em que situações, terminando com um texto que aborda complicações que poderão advir da aplicação da mesma, e como lidar com elas. Esta diferença de complexidade entre textos vai ao encontro da variedade de recetores. Não quer isto dizer que os textos falhem no seu propósito como NOC, de oferecer informação sucintamente para auxílio em ambiente hospitalar, visto que cada um pode ser lido individualmente, desde que o leitor tenha o nível de conhecimento apropriado.

Estabelecida a macroestrutura, que se pode dividir em capítulos referentes a sub-temáticas, com vários textos referentes a partes específicas destas, passa-se a uma análise microestrutural. A maioria dos textos apresenta uma estrutura semelhante àquela que pode ser vista na figura 14, em que ao título e um pequeno sumário do objetivo do texto, se segue um pequeno mote para a secção cada uma com uma listagem de pontos, alguns com subpontos próprios. A escolha de estrutura da informação serve o propósito já descrito de NOC, fornecer acesso rápido a informação relevante e apresentá-la sucintamente. Em certas secções a informação é apresentada também em trechos de texto não segmentado, através de tabelas, ou até ambos, como é possível ver na figura 15.

Figura 15: Trecho de texto pertencente ao P1

O que fazer

As complicações associadas ao uso da VNI podem ser diversas, desde as alterações ao nível da pele ou das mucosas, até à distensão abdominal ou as fugas não intencionais. Todas estas complicações devem ser prevenidas atempadamente pelos enfermeiros e quando não puderem ser prevenidas terão de ser atendidas e tratadas com a maior brevidade para que isto não implique um mal maior para a pessoa. As complicações e respetivas intervenções de enfermagem serão apresentadas no seguinte quadro.

Complicação	Estratégias a implementar
Úlceras da face	• Escolher interface adequado • Não apertar em demasia o arnês e proceder ao alívio temporário de forma periódica • Proteger com placa hidrocoloide • Alternar com interfaces com diferentes zonas de apoio

Fonte: O autor

Avança-se agora para uma análise dos elementos não verbais, P2 apresenta uma grande variedade deles. É importante começar por referir as imagens que estariam associadas ao P1, as que ficaram de ser traduzidas no final do projeto com o auxílio do autor, algo que o aparecimento repentino do P2 impediu que acontecesse, já que mesmo tendo a sua tradução acabado por não fazer parte do trabalho realizado durante o estágio, fazia parte dos objetivos iniciais do projeto, sendo referido no *translation brief*. O conteúdo de cada imagem seria relacionado com o conteúdo dos textos em que estariam contidos, sendo cada uma delas uma síntese de parte da informação contida no texto, embora independentes o suficiente para transmitir a informação contida sem que ao texto se recorresse. A sua tradução incidiria em elementos linguísticos presentes em cada imagem, não sendo referido qualquer tipo de transmissão cultural dos elementos visuais. Para além destas imagens, pode ver-se uma grande variedade de tabelas, marcas de parágrafo e uso amplo de sublinhados. É de notar como de especial interesse um elemento, o símbolo de marca registada, que aparecia sempre que era referido o nome de uma marca específica de medicamentos ou produtos afins. Após a análise preliminar feita no início do processo de tradução, a preservação deste símbolo pareceu de especial importância, dado o seu peso legal. Pode ver-se um exemplo da ocorrência deste símbolo na figura 16. Quanto aos restantes elementos, começando pelo léxico, o registo em que estão escritos os textos podem ser considerados formais, e conforme já se referiu, adequado ao que se espera de NOC, havendo o uso de uma

grande variedade de termos ou expressões com valor terminológico e uma variedade de acrónimos da área da medicina, assim como uma abundância de palavras com os

Figura 16: Trecho de texto pertencente ao P1

mais lentamente (ex: ACE®; Optichamber Diamond®; Aerochamber Plus ®Flow –Vu).

Os erros críticos na utilização das câmaras expansoras, são os seguintes:

- Acionar múltiplos “puffs” do fármaco numa só inalação;
- Atraso da inalação após ativação do inalador;
- Não higienizar semanalmente a câmara expansora;
- Inadequada adaptação do inalador à câmara expansora;
- Não ajustar corretamente a máscara a face.

Recomendações Importantes:

- Quando mais de uma inalação (ou seja mais de um “puff”) do mesmo fármaco aguardar 30 segundos a 1 minuto para nova inalação e, voltar a agitar o pMDI (agitar sempre em cada nova inalação);

Fonte: O autor

característicos sufixos e prefixos latinos e gregos. Salvo raras exceções, as palavras são usadas de maneira denotativa, algo que não surpreende, dado a natureza dos textos. O uso de repetição é comum, como se pode ver pela repetição de diferentes iterações de “programas de reabilitação respiratória” que podem ser vistos na figura 16. A repetição é a única figura de estilo com representação no P1, e serve para evitar ambiguidade na transmissão de informação.

Esta temática de transmissão clara de informação mantém-se na análise da estrutura frásica do P1. As frases são maioritariamente compostas e de estrutura hipotática, havendo uma relação de subordinação entre os seus elementos.

Mesmo quando a informação está dividida, isto é, é apresentada em forma de lista ou de pontos, é possível dizer que existe hierarquização da informação a vários níveis, já que todas as estruturas apresentam uma ligação temática àquelas a que são subordinadas. Na figura 15, apresentada acima, por exemplo, pode dizer-se que *a*. apresenta uma relação de rema com o tema do 3., e este com o tema “o que sabemos”,

e que este por sua vez é rema de “Reabilitação respiratória em contexto de ginásio”. Esta relação hierárquica e temática pode ser facilmente observada se estruturarmos a informação apresentada numa frase, sendo ela “Sobre reabilitação respiratória em contexto de ginásio, o que sabemos é que a monitorização de ganhos deve incluir a avaliação funcional”. A estrutura mantém-se semelhante quando o texto é apresentado sem que se recorra a listas, entenda-se, texto não segmentado. Este tipo de estrutura está de acordo com o expectável para o género textual, nomeadamente, NOC (Field & Lohr, 1990). A relação que apresentam entre rema e tema é comum ao português, apresentando primeiro o tema da frase, seguido do rema, separados por uma vírgula, de maneira que a informação seja apresentada de forma organizada e hierárquica. Esta estruturação reflete o carácter informativo e educativo do texto, pois ao apresentar a informação de forma organizada, facilita a consulta do texto e a identificação imediata da temática de cada segmento. O mesmo se pode dizer do uso de parêntesis no texto, que tem o propósito de aumentar a clareza da mensagem.

Por último, fala-se dos elementos suprasegmentais presentes no projeto. Os textos do P1, conforme foi possível verificar, não é incomum o uso de negrito ou itálico para destacar partes do texto. Para além disso, os textos passam um tom informativo e neutro, mas também assertivo na descrição dos tratamentos, com o uso de expressões como “devem ser” e até um sentido de urgência que transparece ao serem abordados certos assuntos, tais como complicações de saúde, algo que pode ser visto acima, na figura 16.

Todas as características intratextuais refletem as situações comunicativas em que se espera que estes textos sejam lidos, seja pelo cuidado na clareza do discurso ou pelo seu tom formal. Note-se, no entanto, que no texto representado anteriormente na figura 16, há uma quebra aparente de formalidade, causada pelo uso recorrente de uma onomatopeia, o “puff”, que é uma tentativa de escrever em papel o som que o inalador faz ao ser ativado. Esta quebra aparente no tom de seriedade do texto é especialmente sentida no exemplo representado na figura em questão quando esta é apresentada entre parêntesis. Pode entender-se esta ocorrência, incomum nos textos do P1, como sendo uma marca do outro propósito dado a estes textos, efetivamente, o de serem material formativo para estudantes de enfermagem. Este propósito, sendo menos comum na

generalidade das NOC, é um ponto importante para alguns dos textos do P1, dada a variação de recetores referida anteriormente.

Compondo a informação recolhida no *translation brief* e nas análises às características do P1 e das NOC, chega-se a um conjunto de informações que podem guiar a tomada de decisões no processo de tradução. Para começar, o propósito dos textos de partida parece ser bastante compatível com a função que se pretende para os textos de chegada, já que coincidem em parte. Esta função pretendida, que espelha a função atribuída a NOC, requer que, no processo de tradução, o tradutor tenha especial atenção à manutenção de um registo que facilite a transmissão clara de informação, devendo ter o cuidado de usar a terminologia apropriada. Outros cuidados que se mostraram necessários para a realização do P1, foram aqueles referentes aos elementos não verbais. Evitando repetir considerações já apresentadas, refere-se a tradução dos trechos textuais incluídos em tabelas, que necessitavam de atenção especial ao número de caracteres, para que não se modificasse a formatação.

Outros fatores tidos em conta foram os espaços e o tempo, embora o seu efeito no projeto analisado neste relatório tenha sido negligenciável. Quanto ao primeiro, deve-se pelo menos referir a influência que o tempo pode vir a ter sobre a validade da informação presente no texto. Os métodos de tratamento da DPOC apresentados no P1, como foi referido, são os que atualmente se consideram como sendo os mais adequados. A área da medicina, como qualquer ciência, está em evolução constante, e caso sejam encontrados métodos de tratamento melhores que os apresentados no P1, a informação contida neste pode tornar-se obsoleta. Embora, neste caso, o projeto não fosse extenso o suficiente para ser provável que este fator afetasse o processo de tradução, entenda-se, que se descobrissem métodos de tratamento que tornassem obsoletos aqueles descritos no P1, esta possibilidade não deixa de ser algo que deve ser considerado.

Quanto ao espaço, mesmo não tendo sido dadas instruções que fizessem referência a sensibilidades culturais, que poderiam facilmente ser um fator importante dado a potencial projeção que o P1 poderia ter ao ser publicado online. Deduz-se, no entanto, que a interculturalidade aparente das características formais de NOC, garantida pelo esforço de entidades reguladoras como as referidas num capítulo anterior, ajude a mitigar o risco deste tipo de problemas. Esta ideia é reforçada pela comparação de

exemplos de NOC em Field & Lohr (1990) com os textos referentes ao P1. Pode verificar-se na figura 17 e na figura 18 uma estrutura e conteúdo semelhantes aos encontrados na figura 15 e 16, apresentadas acima.

Figura 17: Exemplo de trecho de NOC

<u>Screening test(s):</u>
Two main tests are used for breast cancer screening: breast physical examination and mammography.
A breast physical examination performed by a trained practitioner entails visual inspection and manual palpation of the breast.
Two types of mammography are used for breast cancer screening: plain-film and xeromammography. Xeromammography is effective in identifying microcalcifications associated with early breast cancers; plain-film mammography is more effective at detecting poorly defined lesions.
<u>Recommendations:</u>
1. Screening with breast physical examination is recommended annually for asymptomatic women age 40 and older.
2. Screening with breast physical examination and mammography is recommended annually for asymptomatic women age 50 and older.
Fonte: Retirado de Field & Lohr (1990, s/p.)

Figura 18: Exemplo de trecho de NOC

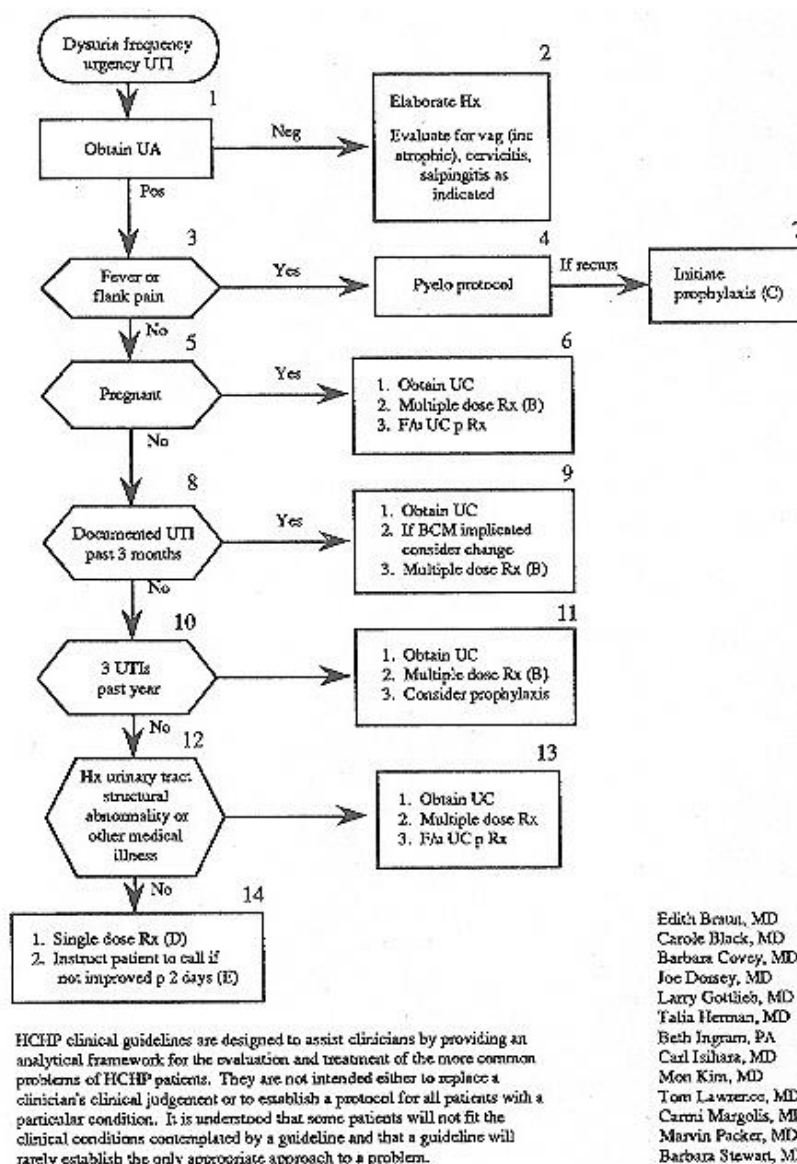
Subject:	Adult Screen BREAST CANCER	July, 1990 - Update	Committee on Prevention Reviewed - 1983, 1988
<u>PURPOSE:</u>	Early detection of breast cancer reduces mortality in women over 50 and reduces the morbidity of treatment.		
<u>WHO:</u>	All women ages 40 and above, depending on risk factors, with increasing frequency and using additional procedures as one gets older.		
<u>PROCEDURE:</u>	BREAST SELF EXAM (BSE): Patients are taught to examine their own breasts monthly. The procedure should be reviewed with the patient at the time of professional breast exams.		
	PROFESSIONAL BREAST EXAM (PE): A thorough exam by M.D. or other trained practitioner. Goal is to detect any abnormalities that warrant further investigation.		
	MAMMOGRAPHY: An X-Ray study of the breast capable of detecting up to 80 - 85% of cancers.		
<u>WHEN:</u>	BSE - Monthly - All women should be instructed in BSE, usually at the time of PE (see below) and encouraged to perform the examination monthly.		
	PE - Annually - During the course of a clinic visit, and as part of a comprehensive evaluation at the Breast Cancer Screening Program Center (BCSPC).		
	Mammography: Women age less than 40 may be referred for mammography if deemed clinically advisable by their physician. Invitations to women age 40 or more to attend the BCSPC for a comprehensive breast evaluation, including mammography will be scheduled according to the following risk protocol.		

Fonte: Retirado de Field & Lohr (1990, s/p.)

As semelhanças podem ser observadas a vários níveis, o tema, medicina; o conteúdo, métodos de tratamento e informação pertinente em contexto hospitalar; o

léxico, a terminologia da área, que implica também uma pressuposição de conhecimento semelhante; elementos suprasegmentais sob a forma de negritos e sublinhados que salientam informação importante no texto, entre outros. Na figura 19 podemos até ver um exemplo do tipo de imagens usados em NOC, que se assume que tenham as mesmas características que as imagens referidas durante a análise aos elementos não verbais do P1.

Figura 19: Exemplo do tipo de imagens utilizados em NOC



Fonte: Retirado de Field & Lohr (1990, s/p.)

É possível verificar que, conforme a descrição feita das imagens que fariam parte do P1, a imagem apresentada na figura 19 apresenta uma síntese de informação que pode ser rapidamente analisada por um profissional da área.

Por último, e mantendo o objetivo de evitar ambiguidade e de transmissão clara de informação, o P1 foi marcado durante todo o seu processo pelas características da linguagem especializada. Este ponto será abordado adiante.

4.2. Estratégias de compreensão textual

As principais dificuldades sentidas durante o período de estágio estiveram relacionadas com a linguagem especializada utilizada em comunicação médica. Quando se refere este tipo de dificuldades, é importante que se especifique que estas não se manifestaram apenas durante a procura de equivalências terminológicas, mas também no processo de aquisição de conhecimento suficiente dentro da área temática da medicina para que fosse possível completar o P1 de forma satisfatória. Para além disso, o processo de identificar palavras ou expressões com algum tipo de valor terminológico dentro de um determinado texto requer em si algum conhecimento da área temática que este aborda. Foi então necessário desenvolver estratégias de leitura e análise para poder compreender a linguagem médica e identificar os seus termos. Note-se que o escopo relativamente reduzido da temática dos textos do P1, ou seja, a sua delimitação dentro de uma área temática menor, a DPOC e cuidados relacionados, contida na área temática da medicina, foi algo que ajudou a este processo, já que se estabeleceram os mesmos limites temáticos no processo de investigação.

Foi então necessário estabelecer estratégias para abordar a leitura do P1 e de textos paralelos sobre a área, processo que levou a que um dos focos deste relatório fossem mecanismos cognitivos de compreensão textual. À compreensão sobre o ato de compreender, os seus processos e às consequências destes processos para a compreensão Favell (1979, p. 906) dá o nome de “metacognição”. Este foco na metacognição nasce dos benefícios que este conhecimento traz a um processo autodidata de aprendizagem (Zimmerman, 2002). Alguém que está ciente dos processos por trás da aquisição de conhecimento e da maneira como interage pessoalmente com eles está mais perto da obtenção de melhores resultados, no entanto, este conhecimento em si não é suficiente, sendo necessário ativar esse conhecimento e recorrer a estratégias para atingir esse objetivo, pelo menos no que toca à compreensão textual (Kostons & Van Der Werf, 2015).

Serão então abordadas neste capítulo as estratégias utilizadas durante a leitura do P1 e dos textos utilizados para pesquisa. Em primeiro lugar, apresenta-se o modelo base utilizado, aquele proposto por Montalt & González-Davies (2005). Segundo os autores, conseguir compreender um texto desta área com uma leitura linear é algo que requer conhecimento prévio da área, caso contrário, o processo de leitura e compreensão do texto é um processo circular, em que se integram gradualmente os vários elementos dos textos. O modelo é descrito como uma estrutura básica para lidar com este processo, que deve ser adaptado ao gosto pessoal de cada leitor.

Montalt & González-Davies (2007, s/p., tradução do autor) apresentam um modelo de três fases: a primeira, “ganhar uma visão geral do texto”, foca-se em perceber quais as principais ideias do texto, para que se possa formar uma estrutura mental através da qual o texto será interpretado; a segunda, “foco em itens individuais”, é o processo de foco nas “microestruturas” do texto, frase, parágrafos, ou termos específicos; a terceira, “encontrar estratégias de resposta a problemas”, é o processo através do qual o leitor, tendo identificado um problema de compreensão no texto, procura e aplica estratégias para o auxiliar com o dito problema. Dando um exemplo para melhor explicitar o último passo, no decorrer da leitura do P1 foi identificado um termo desconhecido e isto impede que se compreenda o texto, portanto foi procurado o significado do termo num glossário. Montalt & González-Davies (2007) referem que, por vezes, uma visão geral sobre o texto pode estar dependente de itens individuais, sendo que as estratégias referentes à segunda fase podem ser utilizadas em conjunto com as da primeira para lidar com este tipo de problema.

Para ganhar uma visão geral do texto pode recorrer-se a vários métodos, sendo que seriam explicitados os que foram usadas para o P1. Começando com os inspirados em Montalt & González-Davies (2007), podemos referir o uso de diferentes velocidades de leitura, e sumariar e sublinhar e a criação de mapas de conceitos. Estas estratégias foram integradas num só processo, juntamente com as técnicas de “passagem de olhos” e de “rastreo” (Banditvilai, 2020, p.46, tradução do autor). Na abordagem inicial aos textos do P1, uma “passagem de olhos” rápida pelo texto, era combinada com um rastreo de elementos relevantes à sua compreensão, e quando estes eram identificados, era feita uma marca no documento *Word* (uma alteração da cor das letras, ou no caso

dos textos para pesquisa, era sublinhado o texto em PDF). O processo de passagem de olhos revertia a um processo de leitura normal quando estes elementos eram identificados, de maneira a facilitar a compreensão, voltando à velocidade inicial quando se dava por terminado o processo.

Terminada esta fase inicial, passa-se à fase de foco em itens individuais. O objetivo de tentar estas estratégias antes de passar à fase de resolução de problemas é principalmente poupar tempo. Estabelecida uma estrutura através da qual interpretar a informação, o foco em microestruturas pode ajudar a que se consiga compreender a parte do texto que se está a analisar sem recursos externos (outras partes do texto, dicionários terminológicos, pesquisas na internet, entre outros). Estar ciente do nosso “horizonte” (referido num capítulo anterior) e dos limites das nossas capacidades é essencial para saber a que ponto passar para a terceira fase do processo. No decorrer do P1, foram usadas várias estratégias, uma delas o uso de informação etimológica, baseada maioritariamente nos prefixos de origem grega e latina comuns à área. Esta estratégia só pode ser utilizada após um estudo preliminar sobre quais destes afixos eram mais comuns e qual o seu significado. Uma estratégia que segue os mesmos princípios é a de análise dos elementos individuais de uma expressão, visto que é possível não saber o significado que esta tem no contexto em que se encontra, mas saber o significado de todas as palavras que a compõem. Outros métodos utilizados eram os de análise de ligações entre frases, e o da divisão de trechos maiores de texto em segmentos mais pequenos e com menos informação. A estes métodos, referidos ou inspirados por Montalt & González-Davies (2007), junta-se uma estratégia consistente em fazer perguntas referentes a elementos do texto (Banditvilai, 2020), que embora seja algo que se pode considerar como algo que acontece até naturalmente durante qualquer processo de estudo, torna-se mais eficiente quando é controlado conscientemente. Pegue-se outra vez num exemplo do P1, especificamente, do texto representado acima, na figura 16. O Primeiro parágrafo é denso, faz-se então uma divisão do texto, sendo agora preciso interpretar o significado da frase:

“As complicações associadas ao uso da VNI podem ser diversas, desde as alterações ao nível da pele ou das mucosas, até à distensão abdominal ou as fugas não intencionais.” (Figura 16, retirada de texto pertencente ao P1).

Analisando a ligação entre os elementos da frase é possível verificar que “alterações ao nível da pele ou das mucosas”, “distensão abdominal” e “fugas não intencionais” são complicações que podem surgir de ventilação não invasiva (VNI), algo que alguém que tenha feito uma leitura preliminar consegue identificar como sendo o procedimento a que se refere o acrónimo, visto ser referido noutras partes do texto. Além disto, um conhecimento sobre a origem etimológica da palavra “mucosas”, pode oferecer informação sobre aquilo a que esta faz referência no texto, sendo possível também compreender a expressão “distensão abdominal” através da junção de significado de ambos os seus constituintes. Por último, analisa-se o elemento “fugas não intencionais”. Um conhecimento do material utilizado em VNI leva rapidamente à conclusão de que se trata aqui de uma fuga no equipamento, um conhecimento também dos procedimentos deste tratamento dá ainda a certeza de que esta fuga é uma que acontece especificamente entre a máscara e a pele do paciente, e não uma fuga meramente mecânica. Alguém que não tenha este conhecimento tem então de passar à terceira fase do processo de compreensão.

A terceira fase é então a de procurar soluções para problemas de compreensão que a fase anterior não conseguiu resolver. Estratégias mencionadas por Montalt & González-Davies (2007) incluem ignorar o problema e prosseguir com a leitura do texto, visto que a análise de outros elementos podem deitar luz sobre este, deduzir uma hipótese que se pode, ou não, vir a confirmar, reler partes anteriores do texto e finalmente, usar recursos como dicionários terminológicos. As estratégias utilizadas no P1 para a resolução destes problemas serão abordadas no capítulo seguinte.

Às estratégias que serão abordadas junta-se uma diferente, preventiva de sua natureza, a de procurar adquirir conhecimentos sobre a área temática. No início do processo de tradução do P1, foram lidos vários textos, com vários níveis de complexidade, referentes à DPOC e outras doenças pulmonares, a métodos de tratamento e finalmente, à anatomia pulmonar. Conforme foi referido, foram também utilizadas estratégias de compreensão textual na leitura destes textos. A obtenção de conhecimento sobre a área temática permitiu mitigar algumas das dificuldades inerentes à tradução de textos técnicos, inclusive a identificação de certas expressões com valor terminológico referida anteriormente.

4.3. Pesquisa terminológica e estratégias

Foram referidas três estratégias fulcrais utilizadas para lidar com terminologia desconhecida. É importante referir que, em conjunto com todas elas, foi feita pesquisa por textos paralelos de maneira a confirmar os resultados obtidos.

Uma destas estratégias foi a criação de um glossário bilingue. Este foi criado fazendo uso da ferramenta *Multiterm*, incluída no *Trados Studio*. A base de dados, apresentada no anexo 2, foi inicialmente feita como experiência e sem regras pré-estabelecidas, o que resultou em entradas desnecessárias ou repetidas. Como exemplo disto, pode-se verificar que algumas entradas têm o mesmo termo repetido, começando uma entrada com letra minúscula e outra com maiúscula. Não obstante, estes pequenos erros não afetaram de forma grave o seu funcionamento, e à medida que se adquiriu experiência com a ferramenta, foram-se tornando menos comuns. Esta estratégia difere das outras apresentadas pela sua finalidade. Enquanto as outras tinham o objetivo de encontrar termos equivalentes, esta tinha o propósito de os catalogar para referência futura. Para além de poupar o tempo de pesquisas posteriores, este glossário ajudou a uma uniformização terminológica do texto.

A segunda estratégia referida foi recorrer ao auxílio de profissionais da área da saúde. O sucesso desta estratégia variou bastante, visto que a especificidade do tema nem sempre se enquadrava totalmente nos conhecimentos dos peritos consultados. No entanto, mesmo nos casos em que não houve uma solução imediata, houve referências a, e disponibilização de literatura da área. Estas indicações eram por vezes suficientes para a resolução dos problemas.

Outra estratégia desenvolvida para resolver problemas terminológicos, foi a utilização do sistema de inteligência artificial *ChatGPT*. Esta será a mais aprofundada. Começando por descrever o funcionamento prático da ferramenta, o ChatGPT tem na sua interface duas opções principais, a de começar uma nova conversa e a de aceder a uma conversa começada previamente. Em cada conversa, o programa tem acesso direto às perguntas e diretrizes que lhe foram comunicadas apenas no decorrer dessa conversa. Isto significa que qualquer instrução serve exclusivamente para a conversa em que foi dada, sendo a utilização da mesma conversa durante todo o processo de pesquisa

essencial para que a estratégia que descrevermos funcione. O processo de aprendizagem para a utilização desta ferramenta envolveu uma abordagem de “tentativa e erro”, mas foi de uma ajuda tremenda para a realização do projeto. Antes de aprofundar a utilização desta ferramenta, é de interesse referir que o uso do *ChatGPT* na aprendizagem de medicina é um tema que já foi alvo de estudo. Num estudo feito por Graefen e Fazal (2023), os autores procuraram descobrir se a utilização do *ChatGPT* como auxiliar de estudo traria, comparativamente a métodos de ensino tradicionais, algum tipo de benefício para o desenvolvimento de conhecimentos relativos à compreensão de terminologia médica em estudantes. Quando foram analisados os resultados obtidos por dois grupos de estudantes no mesmo exame, um que foi instruído a utilizar o ChatGPT como ferramenta e um grupo de controlo, pode ver-se que 86% dos membros do grupo que utilizou o ChatGPT tiveram um resultado positivo na avaliação. Foi possível verificar que o uso do ChatGPT resultou num aumento do número de alunos com nota positiva de 14% comparativamente ao grupo de controlo, já que a percentagem de estudantes com nota positiva neste grupo foi de 72%. Para além disso, do grupo que utilizou a ferramenta, 77% afirmaram que esta teve um efeito positivo na sua aprendizagem, enquanto 92% disseram que a recomendariam a outros estudantes (Graefen & Fazal, 2023).

Embora Graefen e Fazal (2023) assumam que o estudo tem as suas fragilidades, nomeadamente o tamanho da amostra, e o facto de esta ter sido toda recolhida da mesma universidade, não deixa de ser um bom sinal no que toca à utilidade que esta ferramenta pode ter. No decorrer do P1 foram encontrados em vários pontos problemas de cariz terminológico que foram sendo abordados de várias maneiras, incluído pesquisa tradicional sem recurso ao *ChatGPT*, já que inicialmente esta ferramenta provou ser pouco fiável. De facto, é possível verificar que o *ChatGPT* tem limitações no seu funcionamento, uma que já foi previamente referida, e que das citadas no site da *OpenAi*, companhia mãe do Programa, é de especial interesse para o uso que lhe foi dado no decorrer do P1: “Pode acontecer que o *ChatGPT* escreva respostas que pareçam plausíveis, mas que são incorretas ou que não façam sentido” (OpenAi, 2022, s/p.).

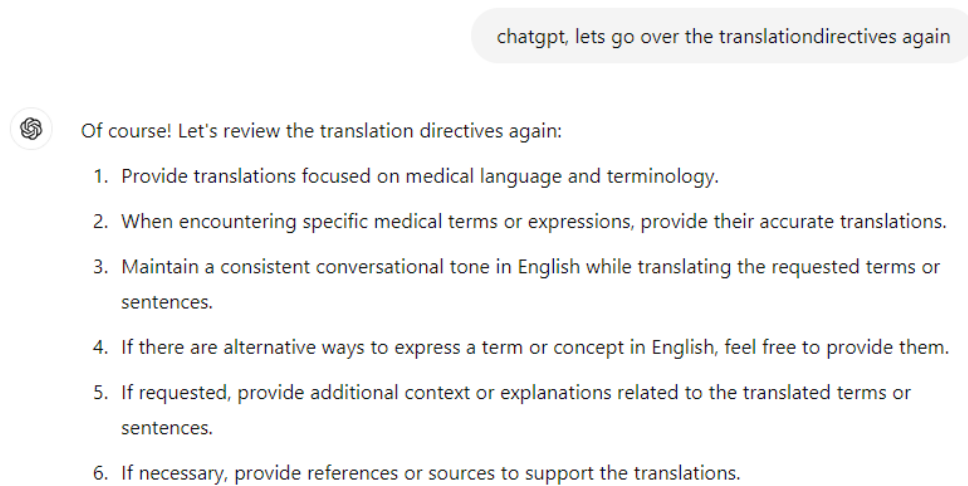
Este facto requer cuidado redobrado ao aceitar respostas dadas por esta ferramenta, já que isto implica que todas as partes destas devem ser confirmadas em

fontes alternativas. Isto parece pôr em causa a utilidade da ferramenta. No entanto, é importante referir que o processo de pesquisa por equivalentes terminológicos dentro de uma área que não é familiar ao tradutor pode ser um processo demorado, e que uma ferramenta que consiga arranjar essa uma palavra que possa potencialmente corresponder àquela que se procura, ainda que seja necessário verificar a veracidade da resposta, poupa uma quantidade muito razoável de tempo. Esta ferramenta mostrou-se especialmente útil na procura de acrónimos, que apareciam muitas vezes em P1 sem qualquer tipo de referência ao seu significado tirando o contexto do texto em que se encontravam.

No processo de pesquisa de acrónimos, foi necessário estabelecer numa das conversas com o programa parâmetros que delimitassem a área temática na qual o *ChatGPT* deveria procurar seja os seus significados ou, os seus equivalentes na língua de chegada. Esta delimitação da área temática deu frutos, e a partir daí houve uma tentativa de estabelecer um conjunto de diretrizes (prompts) que o programa deveria seguir na resposta a qualquer pergunta. A memória do programa, em teoria, deveria manter sempre as diretrizes dentro da conversa. No entanto, há medida que o tamanho da conversa utilizada para pesquisa¹⁶(o seu *backlog*) aumentava, verificou-se que o programa começava a ignorar as diretrizes, sendo preciso pedir ao programa que as relembresse, algo que, na grande maioria das vezes, resolvia o problema, sendo por vezes necessário reescrever alguma das diretrizes, caso estas não fossem mencionadas pelo programa quando este as “relembra”. A lista de diretrizes, que foi estabelecida para colmatar falhas do programa à medida que estas se iam evidenciando, assim como um dos pedidos que foram feitos ao programa quando este deixava de as seguir, pode ser visto na figura 20.

¹⁶ Conforme foi referido anteriormente, o programa só tem acesso à informação da conversa específica que é utilizada, sendo, por isso, crucial para o processo de pesquisa descrito que todos os *prompts* relacionados com este sejam feitos na mesma conversa

Figura 20: Diretrizes de tradução na conversa utilizada para o P1



Fonte: O autor

As diretrizes, conforme foi referido, foram surgindo durante o processo de tradução do P1. Passamos a listar cada uma delas e os seus propósitos:

A diretriz 1 serve para delimitar a área temática das respostas.

A diretriz 2 serve como um dos dois sistemas implementados para tentar impedir o programa de inventar respostas falsas, estabelecer que não receber uma resposta é preferível a receber uma resposta errada pareceu melhorar este problema;

A diretriz 3 serve para impedir o programa de reverter para português quando apresentado com uma frase ou expressão grande o suficiente para que este a interpretasse como uma *prompt* individual e não como um alvo para tradução, a preferência por inglês advém do facto do português que o programa falava em 2023 ser a variante brasileira da língua;

A diretriz 4 serve para que sejam dadas várias alternativas, achou-se que havendo mais opções para pesquisar, se reduziria a probabilidade de todas elas estarem erradas;

A diretriz 5 foi feita para garantir que o termo dado é referente à definição que se está a tentar representar, tendo sido esta estabelecida após se verificar que o programa por vezes traduzia literalmente certas palavras sem ligar à sua definição, o estabelecimento desta diretriz melhorou o problema;

A diretriz 6 é outra que serve para tentar reduzir o número de respostas falsas, delimitando ainda mais as possíveis fontes de onde o programa deve tirar informação.

Podemos ver a utilidade do programa como ferramenta de pesquisa na figura 19, em que o programa apresenta uma resposta viável, juntamente com uma descrição.

Figura 21: Pergunta bem-sucedida relativa a termo presente no P1



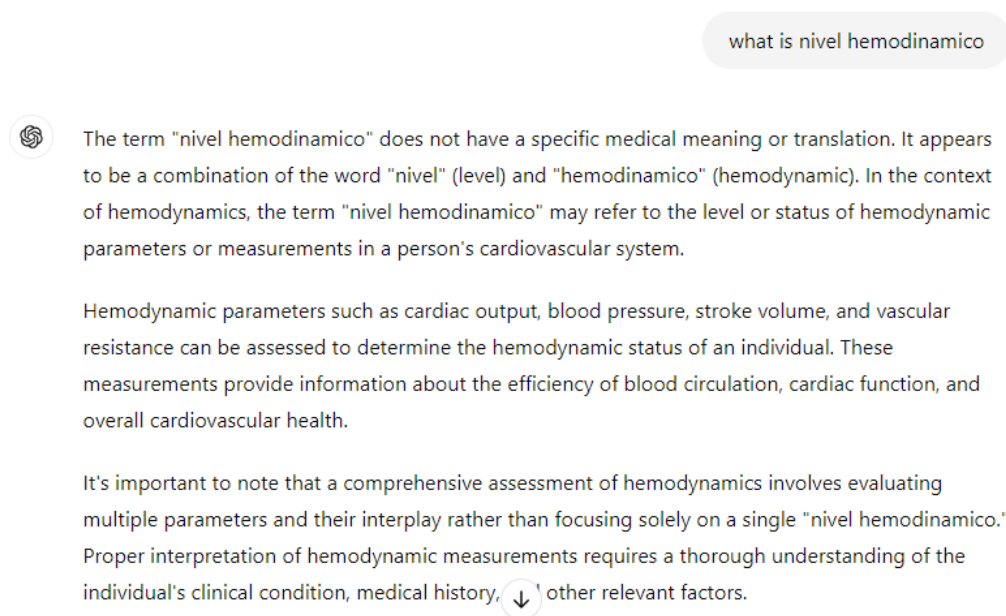
"Pausa alimentar" is a Portuguese term that translates to "fasting" in English. It refers to the intentional abstention from eating for a specific period of time. Fasting can be done for various reasons, such as medical procedures, religious practices, or health benefits. During a fasting period, a person refrains from consuming food and sometimes also beverages, except for water or specific liquids allowed during the fasting period. Fasting may be recommended before certain medical tests or surgeries to ensure accurate results or reduce the risk of complications. It can also be a part of certain dietary or weight loss plans. The duration and specific guidelines of a fasting period can vary depending on the purpose and individual circumstances. It is important to follow medical advice or guidelines when considering or implementing a fasting regimen.

Fonte: O autor

Relativamente ao que acontece quando o programa não encontra um termo equivalente, partindo do princípio de que já foram estabelecidas diretrizes iguais ou semelhantes às diretrizes dois e quatro, ou seja, que tentam impedir o *ChatGPT* de inventar termos, não é incomum uma resposta como a que está representada na anterior figura 21, apresentada abaixo.

Note-se que é possível encontrar referências ao termo "Hemodynamic level", mas uma pesquisa preliminar parece indicar que não parece ser uma designação comum, para além de que nenhum dos artigos parece ter sido escrito por falantes nativos de inglês (Chi *et al.*, 2022; Ghomeishi *et al.*, 2021). De facto, é possível ver que *Hemodynamics* é utilizado não só para descrever o estudo da circulação sanguínea, mas também a leitura que se faz deles (Secomb, 2018).

Figura 22: Resposta do programa quando não consegue encontrar o termo

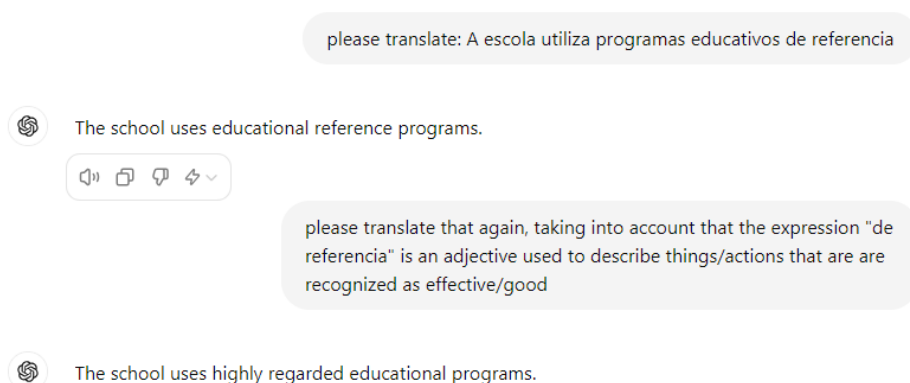


Fonte: O autor

Por muito bem-sucedido que o programa se tenha demonstrado nos exemplos anteriores, ressalva-se que, embora as diretrizes ajudem a colmatar as limitações, nenhuma possível diretriz pode substituir o processo de confirmação da informação dada pelo programa, subsequente a todas as suas respostas. No entanto, estabelecer estas diretrizes aumentou a viabilidade do *ChatGPT*, não só como ferramenta de pesquisa, mas também como ferramenta de tradução automática.

Outro método que era utilizado é um que pode ser denominado correção ativa. No método de correção ativa, depois de receber uma resposta ou uma tradução claramente errada, o utilizador deve pedir ao programa que responda de novo, tendo em conta que parte da resposta está errada, e dando mais indicações para auxiliar à próxima resposta. Podemos ver um exemplo de correção ativa, esta referente ao P2, na figura 21.

Figura 23: Exemplo de correção ativa



Fonte: O autor

O princípio por detrás desta estratégia é o mesmo que está por detrás da diretriz 1, mas aplicado a respostas individuais. Note-se que, embora a segunda resposta não seja uma equivalência perfeita, o programa conseguiu adaptar a resposta para a enquadrar nas delimitações dadas pelo utilizador. Este método é indubitavelmente útil para utilizar ao máximo as capacidades do *ChatGPT*, mas tem as suas limitações, nomeadamente requer que o utilizador tenha algum conhecimento do contexto das expressões que tenta traduzir, e consiga delimitar as suas características ou seu significado de maneira adequada. Para além disso um processo mais demorado, podendo por isso não ser útil em certas situações em que meios mais rápidos de tradução ou pesquisa se apresentem como alternativa.

Foi então apresentado o modelo de utilização que se seguiu em relação à ferramenta *ChatGPT*, programa essencial para a realização do P1. As capacidades que esta ferramenta demonstra, ainda por cima tão cedo no seu ciclo de desenvolvimento, parecem ser indício de uma mudança na vida profissional de tradutores e não só. Embora seja uma ferramenta com capacidades impressionantes, é preciso que se refira que é apenas um auxiliar ao processo de tradução, que requer tanto ou mais cuidado que outras ferramentas, tais como motores de tradução automática, sendo que não substitui a um tradutor a sua atenção, cuidado profissional e necessidade de pesquisas comparativas.

5. Conclusão

Ao Longo deste relatório foi explorado o impacto de vários fatores no processo de tradução, o de uma análise ao texto de partida orientada para a tradução, o do conhecimento de mecanismos cognitivos e da sua gestão (metacognição) especificamente incidente sobre compreensão textual, e o das especificidades de linguagens especializadas, com foco em problemas terminológicos e estratégias para os abordar.

Ao abordar o modelo de Nord (2005) de análise textual, assim como as suas bases teóricas, foi possível verificar o impacto que esta tem na tomada de decisões. A ideia de que, quando da sua tradução se trata, cada situação comunicativa deve ser abordada com base nas suas características específicas implica, necessariamente, que a análise das especificidades do texto de partida, que faz parte das mesmas, deve ser tida em conta. As relações que os fatores estabelecem uns com os outros formam um mosaico, uma impressão digital daqueles que serão os elementos que devem ser transferidos, alterados ou omitidos para que o texto de chegada possa atingir a função pretendida pelo iniciador. Nos textos analisados, foi possível ver que os elementos que deveriam ser mantidos diferiam, mesmo quando os textos de ambos os projetos poderiam cair na categoria de textos informativos. Assumindo ignorância dos géneros textuais em que se inserem, decidir como melhor cumprir a função que se pretende que um texto traduzido cumpra, algo que pode ajudar a distinguir, por exemplo, que no P1 se dê prioridade à equivalência terminológica e à clareza de apresentação de informação, e que no P2 a transferência direta da informação partilhe essa importância com características estilísticas, é exatamente esta análise. O conhecimento da função que cada texto cumpre na situação comunicativa em que foi apresentado dá-nos o género textual. Uma análise aos elementos lexicais oferece pistas sobre o intuito do autor, que escolhe no P1 trocar floreios por frases incisivas, e no P2 trocar a concisão de informação, entre muitas outras diferenças. No entanto, além das características textuais, o foco que Nord (2005) aponta aos desejos do iniciador, pela forma da exigência de um *translation brief*, temperam um modelo puramente funcionalista da tradução, focado unicamente no *skopos* do ato de tradução como guia, com uma quota parte de aplicabilidade ao mercado dos serviços linguísticos, assim como o conceito de lealdade tempera esta

aplicabilidade ao mercado com a ética que implicitamente mantem viva a profissão. Isto porque se essa confiança fosse quebrada a um nível global, ninguém contrataria um tradutor, fosse por medo de ser ludibriado sobre o conteúdo de uma mensagem que lhe fosse dirigida, fosse por medo que lhe “pussem na boca” palavras que não disse. Durante o estágio, consideramos inicialmente que conhecer de antemão os géneros textuais traduzidos permitiria que o processo de análise a cada texto fosse menos extenso e, portanto, que o impacto das ilações que dele seriam retiradas seria reduzido. No entanto, embora a primeira parte da afirmação anterior se tenha comprovado, o impacto das ilações retiradas do processo de análise foi o mesmo, visto que a tomada de decisões foi guiada pelo mesmo conjunto de características que acabaríamos por encontrar na análise.

Ao introduzir o seu modelo, Nord (2005, p.2, tradução do autor) refere que ao tentar ensinar tradução “professores têm que se apoiar, vezes demais, na sua intuição, na sua experiência profissional ou académica, imaginação e sorte”, e a apresentação deste modelo vai resolver esse problema. Julgamos ver implícito na frase citada a asserção de que a análise textual é, de alguma forma, feita subconscientemente por tradutores profissionais, mas que passar esse conhecimento de um processo inconsciente para um conhecimento que o tradutor usa ativamente, torna este mais acessível, mais facilmente explicável, em suma, mais bem aproveitado. Isto ressoa com o segundo ponto que nos propusemos a abordar, o do efeito da metacognição no processo de compreensão textual. Tal como quando Nord (2005) cria o seu modelo, e de alguma forma o conhecimento intuitivo de um tradutor, é aprimorado pela luz dos processos conscientes do cérebro, propomos que a compreensão de um texto pode ser igualmente afetada pela noção dos mecanismos cognitivos de compreensão textual, e especificamente, de estratégias que os potenciem. No decorrer do P1, o processo de compreensão dos textos de especialidade foi o que despertou inicialmente o interesse que levou ao foco deste relatório, tentar descobrir como é possível traduzir bem um texto que não compreendemos. De facto, o primeiro contacto com a linguagem especializada utilizada na comunicação médica, em especial a que é feita de especialistas, para especialistas, foi como um contacto com uma língua completamente diferente do português que nascemos a falar neste país, e da mesma forma que é

necessário saber algo de português para traduzir português, é necessário que se saiba algo de linguagem médica para traduzir linguagem médica. Isto não quer dizer que um tradutor necessite de ter o mesmo nível de conhecimento técnico que um médico, longe disso. O conhecimento do significado de termos referentes a processos específicos não implica que se saiba praticá-los, o tradutor necessita apenas do conhecimento do termo enquanto símbolo e definição. Dito isto, parece contraditório afirmar que o conhecimento prévio de medicina, como de qualquer área temática, não é uma necessidade para que se possa traduzir dentro dessa área, embora facilite o processo. Para além de experiência na área da tradução, e competências linguísticas no geral, chegamos à conclusão de que este pode ser substituído pelo conhecimento de como obter, e a vontade de obter, o conhecimento necessário dentro da área. Isto pode englobar várias coisas, mas aquilo que a experiência de tradução do P1 mostrou, foi exatamente que saber como absorver esse conhecimento é uma mais-valia. A partir do momento em que foi obtida uma metacognição consciente dos processos de compreensão textual, o processo de pesquisa tornou-se mais fácil, seja por termos aplicado técnicas de leitura, seja simplesmente por tentar de maneira consciente expandir o nosso horizonte cognitivo e comparar com ele o conhecimento que íamos obtendo.

Foi explorada outra faceta da aquisição do conhecimento neste relatório. Para além de saber como absorver o conhecimento, é necessário saber onde o procurar. A análise às estratégias de pesquisa utilizadas para a resolução dos problemas terminológicos é um exemplo prático disso mesmo. A capacidade de pesquisa, o uso eficiente das ferramentas disponíveis para a fazer e a capacidade crítica de avaliar os seus resultados foram um processo sem o qual a tradução do P1 não poderia ter sido feita.

Outra coisa que pudemos experienciar no decorrer do estágio leva-nos, no entanto, a referir que esta distinção entre estes dois processos é feita para que os possamos analisar, mas pode ser enganadora. Estes elementos têm, na nossa opinião, uma relação cíclica em relação à aquisição do conhecimento. Acreditamos que a relação entre o saber como adquirir, e o saber onde adquirir tem um espelho na análise feita aos tipos de problemas terminológicos encontrados e a sua relação com as estratégias

utilizadas. O saber que forma tomam os problemas terminológicos diz-nos onde encontrar estes problemas, e as estratégias explicam como resolvê-los. O conhecimento que adquirimos no processo de pesquisa toma o papel de uma nova ferramenta no nosso arsenal, e a ferramenta que aprendemos a utilizar torna-se fonte de novo conhecimento.

O processo de realização deste relatório revelou-se, de várias maneiras, como uma fonte de aquisição de conhecimento, sendo marcado principalmente pelo conhecimento de como conhecer. No entanto, tendo sido a realização do relatório apenas parte do processo, é necessário agora olhar para todo o estágio, e fazê-lo com um olhar incidente no seu valor profissionalizante. A experiência de estágio na ESEP foi enriquecedora, e apesar da forma pouco comum que tomou o trabalho, não deixou de ser força motriz para uma melhoria das competências profissionais e do conhecimento do autor. Ao revisitarmos o trabalho realizado, quer o P1 ou o P2, e aprofundar as teorias que estiveram por detrás da tomada de decisões, foi possível observar pontos que poderiam ter sido melhorados. Para começar, a realização do P2, que foi feita sob pressão, algo que se refletiu na qualidade do produto final. Mesmo tendo sido um processo importante de aprendizagem, uma amostra dos prazos e pressões do mundo laboral, o produto final ficou aquém das expectativas.

Depois de uma análise cuidada das características deste projeto, foi possível identificar vários pontos de decisão que hoje teriam tido respostas diferentes, como é o exemplo da forma como, ao redigir algumas frases, foi dada prioridade à vertente informativa do texto, deixando a naturalidade do discurso de parte, e apagando, em parte, a sua função pretendida de peça publicitária à instituição. Às decisões mal tomadas juntam-se pequenos descuidos, pequenas gralhas e repetições no texto, que embora tenham com certeza sido corrigidas no processo de revisão, poderiam ter sido evitadas. Sobre estas atribui-se parte da culpa à rigidez do prazo, visto que a falta de tempo impediu um processo mais cuidado e ponderado de tradução. O projeto serviu, no entanto, como uma amostra das pressões reais do mercado do trabalho, sendo por isso uma parte valiosa da formação do autor.

O P1 foi o caso inverso, já que o limite de tempo assumidamente grande, dado o número de palavras, não serviu como uma representação do mundo laboral, mas permitiu que se aprofundassem cuidadosamente os conhecimentos necessários à prática

da profissão, assim como alguns da área da medicina. Ainda assim, uma análise do trabalho realizado expôs também algumas decisões que atualmente não seriam tomadas. Para começar, a produção de um glossário deixou muito a desejar, embora este tenha servido o seu propósito, poderia ter sido feito com maior atenção ao detalhe. As inconsistências a nível de maiúsculas e minúsculas e as repetições nele contidas poderiam ter sido facilmente evitadas. Para além disso, um esforço acrescido a acrescentar definições e as suas fontes poderiam tê-lo levantado a outro patamar, sendo que como está, serviu para o seu propósito, mas dificilmente terá utilidade real no futuro.

Outra falha até agora ignorada neste relatório, que é talvez a mais gritante, é relativa à primeira meia dúzia de textos que foram traduzidos. O processo de tradução destes textos teve início antes de lhes ser feita uma análise cuidada, e antes de qualquer tipo de pesquisa preliminar. O resultado foram traduções com menor qualidade face ao que seria desejado. Estas traduções foram feitas de forma ineficiente pois o significado de cada palavra era verificado em dicionários ou pesquisas. Ao longo do processo de tradução, a transferência linguística em si esteve longe de ser o maior problema, e a tecnicidade dos textos e familiaridade com a cultura anglófona afastou a maioria dos problemas advindos da comunicação intercultural. Isto não significa que estes não se tenham sentido, a tradução foi inicialmente desafiante especificamente pelas normas culturais, ou pela forma correta de corrigir certas expressões associadas ao género textual, podendo até dar-se um exemplo disso, referente à diferença no tom da comunicação médica em inglês, que aos ouvidos de um português pode parecer demasiado informal. Posto isto, as maiores dificuldades sentidas durante o estágio foram exatamente aquelas exploradas neste relatório, as que referimos uns parágrafos acima, o facto de a pergunta recorrente que surgia mais vezes ao longo do processo de tradução não era tanto “como vamos traduzir isto”, mas antes “onde é que vamos ler sobre isto”, normalmente seguida por “como é que vamos entender isto”.

Como referido na Introdução, o objetivo deste relatório era “Avaliar a influência do conhecimento sobre um texto, a forma como o compreendemos, a sua área temática, e o conjunto de subcódigos que nele são utilizados no processo de tradução”, especificamente, expor de que maneira uma análise textual ao texto de partida afetou,

ou poderia ter afetado, o processo de tradução de ambos os projetos; quais os mecanismos cognitivos de compreensão textual, e de que forma a consciência dos mesmos e dos seus processos afeta o processo de tradução, com uma incidência prática na descrição de estratégias utilizadas para a compreensão dos textos do estágio; e o conceito de linguagem especializada, afirmar que a comunicação na área da medicina é feita através daquilo que se considera uma linguagem especializada, de que maneira isto afetou, ou afeta, o processo de tradução.

Ao analisar o processo de tradução dos projetos realizados no estágio foi possível identificar que sim, o uso do modelo de análise textual de Nord (2005) tem impacto na tomada de decisões durante o processo de tradução. O conhecimento adquirido através dele é um bom guia para identificar quais os elementos de um texto cuja transferência é prioritária, e a aplicação de “loops”, quer no processo de análise, quer no processo de tradução, tem um efeito positivo de autogestão das decisões tomadas. Foi também possível confirmar que o conhecimento metacognitivo tem um impacto positivo no processo de tradução, seja pelo uso de estratégias de compreensão textual que auxiliam a aquisição de conhecimento sobre a área temática do texto, seja pelo conhecimento da forma como compreendemos um texto. Para além disto, considerando que numa tradução é aconselhável que a intenção, função e efeito de um determinado texto estejam alinhadas (Nord, 2005), foi possível verificar que ao conseguir entender de que maneira um leitor de um texto interage com a informação escrita nele, é possível colocar-nos nos pés de um recetor do texto e dá-nos um modelo através do qual se pode decidir a forma que a oferta de informação do texto de chegada deve tomar para que melhor se controle o efeito que queremos que se retire da leitura deste. Por último, foi também possível ver que, sim, a comunicação médica é uma linguagem especializada, e que o conhecimento e identificação das características deste subcódigo específico de linguagem, assim como a sua análise lexical, auxilia à identificação de expressões com valor terminológico, o que facilita o processo de procura de equivalentes na língua de chegada, também através das estratégias descritas neste relatório. Tendo chegado empiricamente à conclusão de que todos estes elementos afetam o processo de tradução, é possível afirmar que o conhecimento dos fatores referidos tem uma

influência positiva no processo de tradução, auxiliando quer na tomada de decisões, quer em qualquer processo de pesquisa necessário.

Para além de servir de base prática para este relatório, o processo de estágio foi positivo para a o desenvolvimento do autor. Ajudou à aquisição de competências linguísticas, sob a forma de um maior domínio técnico do inglês e uma expansão de vocabulário, especificamente na área da medicina. Ajudou também a que se desenvolvessem competências de autogestão, e a que se estabelecesse um método de trabalho e pesquisa que irá sem dúvida ser benéfico no futuro. Outro ponto benéfico do estágio foi o desenvolvimento de rotina e método de trabalho, algo que é difícil de ganhar, uma experiência que auxiliou a que se aprendesse a lidar melhor com pressão, e uma amostra de como estabelecer boas relações num ambiente profissional, mesmo que a presença física no local de trabalho seja rara. Tendo os benefícios sendo inegáveis, o processo de estágio não foi perfeito, nem a prestação do autor. A implementação do modelo de análise textual de Nord (2005), assim como das outras estratégias de pesquisa e compreensão referidas, chegou mais tarde do que devia, sendo aconselhável a quem enveredar pelo mesmo estágio ou por um semelhante as aplique à partida. Para além disso, só começou a haver um foco na procura de conhecimento sobre a área temática no início do estágio, e verificou-se mais tarde que uma preparação prévia teria poupado esforço e tempo. Por último, lamenta-se o facto de grande parte do trabalho ter sido feito remotamente, já que interação mais frequente com os profissionais do SGC teria sem dúvida sido benéfica ao desenvolvimento pessoal e profissional do autor, o que nos leva a aconselhar que, para que melhor se cumpram os objetivos didáticos de um estágio curricular, se opte, quando possível, por trabalho presencial.

Além de refletir as dificuldades sentidas no estágio, os pontos explorados neste relatório não deixam de ser relevantes para a situação atual da área da tradução. A cada ano que passa surgem novos avanços tecnológicos que afetam a profissão, e com eles um coro de arautos do apocalipse, que pregam aos sete ventos a obsolescência iminente do tradutor. Dito por outras palavras, o avanço tecnológico desenfreado traduz-se, com frequência, em questionamentos acerca da necessidade de existência da profissão de tradutor. No entanto, pode ver-se no ato de compreender um texto um contra-argumento a essa asserção. No seu papel como recetor do texto de partida, o tradutor

tem a oportunidade de interagir com o texto de uma forma semelhante à que um recetor irá interagir com um texto de chegada. Passar pela experiência indubitavelmente humana de compreender um texto, aliado ao saber que está nele o dever de transmitir essa experiência a alguém, vai afetar o processo de tradução, vai tornar a mensagem num produto Humano, e nenhuma máquina vai conseguir imitar essa Humanidade.

Bibliografía

- Albir, A. H. (2001). *Traducción y traductología: introducción a la traductología*. Gredos.
- area studies. (2024). Consultado a 3 de Set. 2024. Disponível em <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/area-studies>
- Banditvilai, C. (2020). The effectiveness of reading strategies on reading comprehension. *International Journal of Social Science and Humanity*, 10(2), 46-50.
- Bakker, E. J. (2014). *A companion to the ancient greek language*. Wiley Blackwell.
- Bazerman, C. (1998). Emerging perspectives on the many dimensions of scientific discourse. In J.R. Martin & R. Veel (Eds). *Reading science. Critical and Functional Perspectives of Discourses of Science* (pp.15-309, Routledge.
- Bevilacqua, C. R. (2018). As propostas de Nord e Hurtado Albir: aproximações teóricas nos estudos de tradução. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 34(1), 435-448.
- Britannica, T. Editors of Encyclopaedia (2024, August 7). morpheme. *Encyclopedia Britannica*. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/morpheme>
- Brown, G. (1994) Language and understanding. Kirsten Malmkjær, Alistair Pollitt, John Williams (eds). Oxford: Oxford University Press
- Byron, B. (2008). Modernism in translation. In L. Venuti (Ed). *The Translator's Invisibility: A History of Translation* (pp. 165-178). Routledge.
- Cabré, M. T. (1999). *Terminology: Theory, Methods, and Applications*. John Benjamins
- Carneiro, A. V. (2012, Abril 18). O que são Normas de Orientação Clínica?. *Programa Harvard Medical School Portugal*. Consult. 22 agosto 2024. Disponível em. <https://hmsportugal.wordpress.com/2012/04/18/o-que-sao-normas-de-orientacao-clinica/>
- Chi, C. Y., Tsai, M. S., Kuo, L. K., Hsu, H. H., Huang, W. C., Lai, C. H., Chang, H. C., Tsai, C. L., & Huang, C. H. (2022). Post-resuscitation diastolic blood pressure is a prognostic factor for outcomes of cardiac arrest patients: a multicenter retrospective registry-based

analysis. *Journal of intensive care*, *Journal of Intensive Care* (10), 39.
<https://doi.org/10.1186/s40560-022-00631-6>

Chung, T. M., & Nation, P. (2004). Identifying technical vocabulary. *System*, 32(2), 251–263. <https://doi.org/10.1016/j.system.2003.11.008>

Coldiron, A. E. B. (2015). *Printers without borders: Translation and textuality in the Renaissance*. Cambridge University Press.

Coleman, K. M. (1990). Fatal Charades: Roman Executions Staged as Mythological Enactments. *Journal of Roman Studies*, 80, 44–73. doi:10.2307/300280

Dickson, A. (2024). The ethics of medical translation. *Medical Writing*, 33, 70-71

Du, X. (2012). A Brief Introduction of Skopos Theory. *Theory and Practice in Language Studies*, 2. 10.4304/tpsls.2.10.2189-2193.

ESEP. (n.d.). Breve História - Escola Superior de Enfermagem do Porto. Consultado a 19 de Mar. 2024 . Disponível em: <https://www.esenf.pt/pt/a-esep/apresentacao/historia/>

ESEP. (n.d.-b). identidade - Escola Superior de Enfermagem do Porto. Consultado a 19 de Mar. 2024. Disponível em <https://www.esenf.pt/pt/a-esep/apresentacao/identidade/>

Faber, P. & Gómez-Moreno, J. (2012). Specialized Language Translation. In P. Faber, A (Ed). *Cognitive Linguistics View of Terminology and Specialized Language* (pp.73-92). De Gruyter MoutonEditors

Flavell, J. H. (1979). Metacognition and cognitive monitoring: A new area of cognitive-developmental inquiry. *American Psychologist*, 34(10), 906–911. doi:10.1037/0003-066x.34.10.906

Field, M. J., & Lohr, K. N. (1990). Examples of practice guidelines. *Clinical Practice Guidelines - NCBI Bookshelf*. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK235760/>

Garcês, A. (2021). *Relatório de Estágio – Escola Superior de Enfermagem do Porto*. Relatório de Estágio de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

Ghomeishi, A. Mohtadi, A. R. Behaeen, K. Nesioonpour, S. Bakhtiari, N. Fahlyani, F. K. (2021) Comparison of the Effect of Propofol and Dexmedetomidine on Hemodynamic

Parameters and Stress Response Hormones During Laparoscopic Cholecystectomy Surgery. *Anesth Pain Med.*,11(5). e119446. <https://doi.org/10.5812/aapm.119446>.

Grabar, N., & Hamon, T. (2014, September). Automatic extraction of layman names for technical medical terms. In *2014 IEEE International Conference on Healthcare Informatics* (pp. 310-319). IEEE.

Graefen, B. & Fazal, N. (2023). GPTEACHER: EXAMINING THE EFFICACY OF CHATGPT AS A TOOL FOR PUBLIC HEALTH EDUCATION. *European Journal of Education Studies*. 10. 10.46827/ejes.v10i8.4926.

Gray, H. (2013). *Grays Anatomy*. Arcturus Publishing

Göpferich, S. (2009). Comprehensibility assessment using the Karlsruhe comprehensibility concept. *The Journal of Specialised Translation*, 11, https://jostrans.soap2.ch/issue11/art_goeperich.php

Higher Education Quality Council of Turkey. (n.d.). INSTITUTIONAL SELF-EVALUATION REPORT WRITING GUIDE Complementary to the Institutional External Evaluation Criteria Consultado em 14 de Setembro, 2024, em: https://yokak.gov.tr/Common/Docs/KidrKlavuz1.4/KiDR_surum_1.4_En.pdf

Hörster, M. A. (1999). Problemas de tradução. Sistematização e exemplos. V Jornadas de Tradução. *Tradução, ensino, comunicação*, 33-43.

Hosington, B. M. (2015). Introduction: Translation and print culture in early modern Europe. *Renaissance Studies*, 29(1), 5-18.

Izquierdo, G. (2016). At the cognitive and situational interface: Translation in healthcare settings. *Translation Spaces. A multidisciplinary, multimedia, and multilingual journal of translation*, 5(1), 20-37.

Jakendoff, R. (1963) *Semantics and Cognition*. Cambridge e Londres: Massachusetts Institute of Technology.

Kintsch, W. (1998) *Comprehension. A Paradigm for Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press

Kostons, D., & van der Werf, G. (2015). The effects of activating prior topic and metacognitive knowledge on text comprehension scores. *British Journal of Educational Psychology*, 85(3), 264–275. doi:10.1111/bjep.12069

Mehawesh, M. I. (2014). History of translation in the Arab world: An overview. *US-China Foreign Language*, 12(8), 684-691.

Ministerio de Cultura (2020). Panorámica de la edición española de libros 2019. Análisis sectorial del libro. Madrid: Subdirección General de Documentación y Publicaciones. Disponible em: https://www.libreria.cultura.gob.es/libro/panoramica-de-la-edicion-espanola-de-libros-2019-analisis-sectorial-del-libro_3910/

Montalt, V., & González-Davies, M. (2007). *Medical Translation Step by Step: Learning by Drafting* (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315760377>

Muñoz-Miquel, A., Montalt, V., & García-Izquierdo, I. (2020). Fostering Employability through Versatility within Specialisation in Medical Translation Education. *HERMES - Journal of Language and Communication in Business*, 60, 141–154.

Nagy, Imola. (2015). English for Special Purposes: Specialized Languages and Problems of Terminology. *Acta Universitatis Sapientiae, Philologica*. 6. 10.1515/ausp-2015-0018.

Netter, F. H. (2011). *Atlas de anatomia humana*. Elsevier

Nida, E. A. (1975). Language Structure and Translation. In R. Macksey & A. S. Dil (Ed.). *Language Structure and Translation: Essays by Eugene A.* (pp.90). Calif

Nord, C. (2018). *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained*. Routledge.

Oliveira, N. G. (2020). *Relatório de Estágio – ESEP*. Relatório de Estágio de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

OpenAi. (2022). Introducing ChatGPT. Consultado a 03 de Set. De 2024. Disponível em: <https://openai.com/index/chatgpt/>

Porter, S. E. (2005). Eugene Nida and translation. *The Bible Translator*, 56(1), 8-19.

Pym, A. (2001). The Return to Ethics in Translation Studies. *The Translator* 7. 129-138.

Regulamento n.º 811/2019 – Escola Superior de Enfermagem do Porto. Alteração ao Regulamento Orgânico da ESEP. Secção V, Artigo 14º (2019). Diário da República n.º 200/2019, Série II de 2019-10-17

Reiss, K. (1974). Ist Übersetzen lehrbar? Kongressbericht der 4. Jahrestagung der GAL, IRAL-Sonderband, (ps. 69-82). Heidelberg.

Reiss, K. & Vermeer, H.J. (1984). *Groundwork for a General Theory of Translation*. Niemeyer.

Santiago, M. (2010). Variação denominativa na terminologia médica: o caso da gripe A H1N1. *Tradterm*. 16. 397. 10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2010.46326.

Santos, L.M. (2016). Nord's Documentary Versus Instrumental Translation: The Case of Hugo's Demain, dès L'aube. *English Language and Literature Studies*, 6, 76.

Sawant, D. G. (2013). History of translation. *Literary Endeavor*, 4, 109-115.

Scherner, M (1984). *Sprache als Text*, Tübingen

Schumann, G. (2016). Von Wright's theory of action and the "Logical Connection Argument". On the Human Condition. Philosophical Essays in Honour of the Centennial Anniversary of Georg Henrik von Wright (pp.325-338). The Philosophical Society of Finland

Secomb T. W. (2016). Hemodynamics. *Comprehensive Physiology*, 6(2), 975–1003. <https://doi.org/10.1002/cphy.c150038>

Sousa, V. D., & Rojjanasrirat, W. (2011). Translation, adaptation and validation of instruments or scales for use in cross-cultural health care research: a clear and user-friendly guideline. *Journal of evaluation in clinical practice*, 17(2), 268-274.

Stolze, R. (2009). Dealing with cultural elements in technical texts for translation. *The Journal of Specialised Translation*, 11(1), 124-142.

subcode. Oxford Reference. Consultado a 26 Ags. 2024. Disponível em <https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803100539419>.

Thiel, G. (1978). Führt die Anwendung linguistischer Analysemodelle zu einer Übersetzungsdidaktisch relevanten Textanalyse? Em Gomard, K. & Poulsen, S.-O. (1978)

Stand und Möglichkeiten der Übersetzungswissenschaft (págs. 37-54). Aarhus: Universidad de Aarhus.

Tymoczko, M. (2006). Translation: Ethics, ideology, action. *The Massachusetts Review*, 47(3), 442-461

Van, H. V. (2023). Interlingual Translation: An Attempt at Understanding Some Basic Concepts. *VNU Journal of Foreign Studies*, 38. 1-29. 10.25073/2525-2445/vnufs.4880.

Varmaghani, M.; Dehghani, M.; Heidari, E.; Sharifi, F.; Moghaddam, S. S., & Farzadfar, F. (2019). Global prevalence of chronic obstructive pulmonary disease: systematic review and meta-analysis. *Eastern Mediterranean health journal = La revue de sante de la Mediterranee orientale = al-Majallah al-sihhiyah li-sharq al-mutawassit*, 25(1), 47–57.

Vermeer, H. J. (1996). *A skopos theory of translation: some arguments for and against*. TexTconTexT.

Wade, S.E. (1990). Using think alouds to assess comprehension. *The Reading Teacher*, 43, 442-451.

Yao, S. G. (2013). Translation Studies and Modernism. In J. M. Rabaté (Ed). *A Handbook of Modernism Studies* (pp. 209-223). Wiley Online Library.

Zimmerman, B. J. (2002). Becoming a Self-Regulated Learner: An Overview. *Theory Into Practice*, 41(2), 64–70. https://doi.org/10.1207/s15430421tip4102_2

Anexo I - Guião de perguntas feitas durante entrevista ao autor dos textos traduzidos durante Projeto DPOC

Quem é, e qual é a sua relação com a área [área temática dos textos]?

O que o levou a escrever os textos?

Como acha que serão utilizados?

O que o levou a pedir uma tradução dos textos?

A quem são os textos destinados?

Quando e onde escreveu os textos?

Que nível de conhecimento espera que um leitor pertencente ao público alvo dos textos?

De que maneira e em que formato foram, ou serão, os textos distribuídos?

Considera que os textos traduzidos diferem dos originais em objetivo pretendido, público alvo ou forma esperada de utilização?

Uma análise dos textos parece indicar que estes se enquadram no género textual “clinical guidelines”, ou normas de orientação clínica, concorda com esta afirmação?

Quão específica é a terminologia utilizada nos textos? Existe alguma variação no grau de especificidade de uns textos para os outros?

Dentro da área da medicina e enfermagem, existe variação, dentro da língua portuguesa, entre as designações utilizadas para determinados conceitos? Se sim, porquê?

Anexo II – Glossário do Projeto DPOC

Português	Inglês	Português	Inglês
AAS	ASA	hipoxemia	hypoxemia
Abscesso	Abscess	Hipóxia	Hypoxia
Ácido acetilsalicílico (AAS)	Acetylsalicylic acid (ASA)	IgE	IgE
Ácido acetilsalicílico	Acetylsalicylic acid	Imunoglobulina E	Immunoglobulin E
acidose	acidosis	inalação	inhalation
Afta	Mouth ulcer	inalador de névoa suave	soft mist inhaler
agente anti-inflamatório	anti-inflammatory agent	Inalador	Inhaler
agente imunossupressor	immunosuppressive agent	inaladores de pó seco multidose	multidose dry powder inhalers
agente mucolítico	mucolytic agent	inaladores de pó seco unidose	single-dose dry powder inhalers
Agonistas beta	Beta-agonists	Inaladores de pó seco	dry powder inhalers
AINEs	NSAIDs	inaladores pressurizados doseáveis	pressurized metered-dose inhalers
alcalose	alkalosis	Inibidores seletivos da COX-2	COX-2 inhibitors
Alergia	Allergy	Inibidores seletivos da COX-2	Cyclooxygenase-2 inhibitors
Amigdalite	Tonsillitis	instabilidade hemodinâmica	hemodynamic instability
anfotericina B	amphotericin B	Insuficiência respiratória crônica	Chronic respiratory failure
anos de vida perdidos ajustados por incapacidade	years of life lost due to disability	Insuficiência respiratória	Respiratory failure
antagonista dos receptores de leucotrienos	leukotriene receptor antagonist	Insuflador/exsuflador mecânico	Mechanical insufflator/exsufflator
Antibióticos	Antibiotics	Intubação traqueal	Tracheal intubation
anticolinérgico	anticholinergic	Intubação	Intubation
Anticolinérgicos	Anticholinergics	lavagem broncoalveolar	bronchoalveolar lavage
Antifibrinolítico	Antifibrinolytic	lesões pulmonares supurativas	suppurative lung lesions
Antifibrinolíticos	Antifibrinolytics	Linha arterial	Arterial line
Anti-histamínicos	Antihistamines	linha axilar	axillary line

Anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs)	Non-steroidal anti-inflammatory drugs	Linha venosa central	Central venous line
Anti-inflamatórios não esteroides	Nonsteroidal anti-inflammatory drugs	Máscara de Venturi	Venturi mask
antimicrobiano	antimicrobial	Medidor de pico de fluxo	Peak flow meter
Antitússico	Antitussive	Minino contacto	Minimum contact
Antitússicos	Antitussives	Modificadores de leucotrienos	Leukotriene modifiers
Apneia do sono	Sleep apnea	Muco	Mucin
Apneia	Apnea	Muco	Mucus
Ardor	Burn	Mucolíticos	Mucolytics
Arritmias	Arrhythmias	Mucosa oral	Oral mucosa
Asma	Asthma	nebulização	nebulization
aspiração traqueal	tracheal aspiration	Nebulizador	Nebulizer
Aspiração	Aspiration	Nebulizadores	Nebulizers
atelectasia	atelectasis	nível de oxigênio no sangue	blood oxygen level
bicarbonato	bicarbonate	omoplata	scapula
broncoconstrição	bronchoconstriction	oxigenoterapia	oxygen therapy
broncodilatador	bronchodilator	oximetolona	oxymetazoline
Broncodilatadores de longa duração	Long-acting bronchodilators	oximetria de pulso	pulse oximetry
Broncodilatadores	Bronchodilators	PEP	PEP
Broncoespasma	Bronchospasm	Periodontite	Periodontitis
broncoscopia	bronchoscopy	PFE	PEF
Broncoscopia	Bronchoscopy	PIC	ICP
bronquiectasia	bronchiectasis	Pico de fluxo expiratório	Peak Expiratory Flow
bronquiectasias	bronchiectasis	pico de fluxo	peak flow
Bronquite crônica	Chronic bronchitis	Pleurisia	Pleurisy
Bronquite crônica	Chronic bronchitis	Pneumonia	Pneumonia
buprenorfina	buprenorphine	Pneumotórax	Pneumothorax
câmara expansora	spacer device	polissonografia	polysomnography
câmaras expansoras	spacer devices	pós-carga	afterload
Câncer bucal	Oral cancer	PPCVA	CPAP
Candidíase	Candidiasis	PPVADN	BiPAP
Cânula nasal de alto fluxo	High-flow nasal cannula	pré-carga	preload
Cânula nasal	Nasal cannula	pressão auricular	atrial pressure
capacidade vital forçada	forced vital capacity	Pressão expiratória positiva	Positive expiratory pressure
Cárie dentária	Tooth decay	pressão intracraniana	Intracranial pressure

Cateterismo de artéria pulmonar	Pulmonary artery catheterization	Pressão positiva contínua nas vias aéreas	Continuous positive airway pressure
Cessa��o do tabagismo	Smoking cessation	Press��o positiva cont��nua nas vias a��reas	Continuous positive airway pressure
cianose	cyanosis	Press��o positiva de vias a��reas de dois n��veis	Bi-level positive airway pressure
Coeficiente I:E	I:E ratio	QR	RQ
Colut��rios	Gargle solution	Queimadura	Burn
Colut��rios	Mouthwashes	Queimaduras	Burns
Concentrador de oxig��nio port��til	Portable oxygen concentrator	Quociente respirat��rio	Respiratory quotient
Concentrador de oxig��nio	Oxygen concentrator	reabilita��o pulmonar	pulmonary rehabilitation
Corticosteroides inalat��rios	Inhaled corticosteroids	receita	prescription
Corticosteroides orais	Oral corticosteroids	rela��o V/P	V/Q ratio
Corticosteroides	Corticosteroids	rela��o VEF1/CVF	FEV1/FVC ratio
Cough-assist	Cough-assist	resistencia respirat��ria	airway resistance
cuidados de sa��de prim��rios	primary health care	resistencias respirat��rias	airway resistances
curva fluxo-volume	flow-volume curve	respira��o de Cheyne-Stokes	Cheyne-Stokes respiration
CVF	FVC	Reten��o de di��xido de carbono	Carbon dioxide retention
Dec��bito lateral	Lateral decubitus position	Sangramento gengival	Gingival bleeding
Defici��ncia de alfa-1 antitripsina	Alpha-1 antitrypsin deficiency	SAOS	OSAS
Derrame pleural	Pleural effusion	Sapinho Oral	thrush
Descongestionantes	Decongestants	Satura��o de oxig��nio	Oxygen saturation
Disgeusia	Dysgeusia	Satura��o de oxig��nio	Oxygen saturation
dispneia	dyspnoea	SDR	RDS
Dispositivo de oscila��o intrator��cica	Intrathoracic oscillation device	SDRA	ARDS
doen��a card��aca descompensada	decompensated heart disease	s��ndrome da apneia obstrutiva do sono	obstructive sleep apnea syndrome

Doença pulmonar obstrutiva crônica	Chronic obstructive pulmonary disease	síndrome do desconforto respiratório agudo	acute respiratory distress syndrome
DPOC	COPD	Síndrome do desconforto respiratório agudo	Acute respiratory distress syndrome
Drágeas	Coated tablets	Síndrome do desconforto respiratório	Respiratory distress syndrome
Drenagem Postural clássica	classic postural drainage	sinusite aguda	acute sinusitis
drenagem postural	postural drainage	surfactante	surfactant
Edema pulmonar	Pulmonary edema	tamponamento mucoso	mucous plugging
Embolia pulmonar	Pulmonary embolism	tapotment	tapotment
Enfisema	Emphysema	Tempo de subida	Rise time
Enfisema	Emphysema	Tempo inspiratório	Inspiratory time
epistaxe	epistaxis	teofilina	theophylline
escopolamina	scopolamine	Terapia combinada	Combination therapy
espirometria	spirometry	Terapia de oxigênio	Oxygen therapy
Espirometria	Spirometry	teste de caminhada de 6	minutos 6-minute walk test
estabilização da parede torácica c	hest wall stabilization	Teste de função pulmonar	Pulmonary function test
Estabilizadores de mastócitos	Mast cell stabilizers	Teste de gasometria arterial	Arterial blood gas test
estertor	stertor	Testes de função pulmonar	Pulmonary function tests
estertor	death rattle	TFP	PFT
Estomatite	Stomatitis	TI	IT
EV	IV	tosse	cough
Expectorantes	Expectorants	Transplante de pulmão	Lung transplantation
expetoração	expectoration	Traqueostomia	Tracheostomy
Falta de ar	Shortness of breath	traumatismo craniano	traumatic brain injury
fármacos inalados	inhaled medications	Trombose venosa profunda	Deep vein thrombosis
fase agônica	agonal phase	tubo endotraqueal	endotracheal tube
fentanil	fentanyl	Volume Controlado	Volume-controlled
FEP	PEF	valores gasométricos	gasometric values
fibrose quística	cystic fibrosis	válvula expiratória	expiratory valve
FiO2	FiO2	válvula inspiratória unidirecional de baixa resistência	low-resistance unidirectional inspiratory valve

Fisioterapia respiratória	Chest physical therapy	válvula inspiratória	inspiratory valve
Fisioterapia respiratória	Chest physiotherapy	VEF1	FEV1
fisioterapia respiratória	respiratory physiotherapy	Ventilação mecânica invasiva I	nvasive mechanical ventilation
FR back up	RR back up	ventilação mecânica	mechanical ventilation
Fração inspirada de oxigênio	Fraction of inspired oxygen	Ventilação não invasiva com pressão positiva	Non-invasive positive pressure ventilation
Frequência respiratória	Respiratory rate	ventilação não invasiva	non-invasive ventilation
gasometria arterial	arterial blood gas	Ventilador	Ventilator
Gengivite	Gingivitis	Via intravenosa (EV)	Intravenous (IV) route
hemitórax	hemithorax	VNIPP	NIPPV
Hemoptise	Hemoptysis	Volume assegurado Inteligente por pressão suporte	Intelligent volume-assured pressure support
hemoptises	haemoptysis	Volume corrente	Tidal volume
Higiene bucal	Oral hygiene	volume expiratório forçado no primeiro segundo	forced expiratory volume in 1 second
Hipercapnia	Hypercapnia	Volume expiratório forçado no primeiro segundo	Forced expiratory volume in one second
Hipercapnia	Hypercapnia	Volume medio assegurado por pressão suporte	Average volume assured pressure support
Hiperplasia gengival	Gingival hyperplasia	Xerostomia	Xerostomia
Hipertensão pulmonar	Pulmonary hypertension		

